



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS - MEL

GRACIELLI FABRES DE ARAÚJO

CAMINHOS DA GALÍCIA: O LÉXICO NO SEMIÁRIDO BAIANO

Feira de Santana, BA

2015

GRACIELLI FABRES DE ARAÚJO

CAMINHOS DA GALÍCIA: O LÉXICO NO SEMIÁRIDO BAIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Aquisição, Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida.

Feira de Santana, BA

2015

**Dissertação aprovada em 12/03/2015 pela Banca Examinadora constituída
pelos Professores Doutores:**

Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida – UEFS
Orientadora

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim – UFBA

Prof. Dr. Patricio Nunes Barreiros – UEFS

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que sempre me ajudou, me protegeu e me deu capacidade para conquistar este trabalho.

Aos meus pais, Edimar e Dinalva, por terem me apoiado em todas as minhas decisões e pelo total incentivo e carinho.

A Henrique, meu noivo, por toda compreensão e ajuda em todos os momentos.

A Gilzeppi, meu irmão, pelas conversas de distração no decorrer do trabalho.

Aos meus amigos, Gabriel, Rafeael, Dolores, Luna e Lili pelo incentivo carinhoso.

Aos meus amigos Rita Anderholm e Jonathan Pope pela ajuda com o abstract.

A Mailson, pelos materiais como contribuição ao trabalho.

À Profa. Dra Norma Lucia Fernandes de Almeida, orientadora, incentivadora, que sempre me ajudou e acreditou em mim. Sem dúvidas, sem você este trabalho não teria sido o mesmo. Minha eterna admiração.

À Profa. Dra Marcela Moura Torres Paim, pela atenção e contribuições neste trabalho.

A Prof. Dr Patrício Nunes Barreiros, pelos incentivos e contribuições.

A Emerson e Regi, meus companheiros nesta caminhada do Mestrado.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

O semiárido baiano é uma área bastante diversificada, apresentando diferenças não só climáticas, mas também culturais, o que possibilita estudos em diversas áreas do conhecimento, como a do léxico que representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo (Cf. ISQUERDO, 2007). A partir da necessidade de explorar esse inventário lexical, iremos debruçar o nosso olhar sobre o seguinte questionamento: o léxico encontrado nas comunidades sertanejas do semiárido baiano apresenta influências do Galego e/ou do Português Arcaico, ou seja, verificaremos se há no léxico usado no semiárido baiano influências ibéricas, principalmente se há manutenção dos chamados arcaísmos. A existência desse tipo de léxico, principalmente na fala dos mais velhos, é a nossa hipótese inicial. Neste sentido, busca-se realizar o levantamento do léxico sertanejo, verificando se há influências da Língua Espanhola, do Galego e do Português Arcaico, baseando-se no *corpus* da coleção “Amostradas da língua falada no semi-árido baiano”, UEFS/FAPESB. A metodologia de pesquisa está inserida no método qualiquantitativo. O *corpus* utilizado faz parte do banco de dados do projeto de pesquisa “A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano”. Com o intuito de reconhecer e analisar, na justa medida, a relevância do léxico do semiárido baiano, impera a decisão de buscar no desconhecido e de saber acerca de um tema tão importante para os estudos linguísticos, mas em crescimento. Nesse sentido, a possibilidade de estudar as influências ibéricas dentro do léxico do semiárido baiano significa conhecer efetivamente mais uma grande riqueza dentro dessa espacialidade, culminando em novos diálogos para futuros olhares mais atentos ao semiárido, fonte de cultura e, conseqüentemente, de riqueza lexical. Os resultados indicam que há manutenção de alguns termos arcaicos, principalmente nas comunidades mais isoladas.

Palavras Chave: Semiárido. Léxico. Galego. Português arcaico. Influências ibéricas.

ABSTRACT

The semi-arid Bahia is a very diverse area, with differences not only in climate but also in culture, enabling studies in various areas of knowledge, as well as study of the lexicon that is the window through which a community can see the world (Cf. ISQUERDO, 2007). From the need to explore this lexical inventory, we will address the following question: does the lexicon found in hinterland communities of Bahia's semiarid interior show influences of Galician and / or Archaic Portuguese, ie check if there are in the lexicon used in semiarid Bahia Iberian influences, especially if there is maintenance of so-called archaisms. The existence of this kind of lexicon, especially in the speech of older people, is our initial hypothesis. In this sense, we seek to carry out the survey of backcountry lexicon, checking for influences of the Spanish, Galician, and Portuguese languages, based initially in the corpus of the collection "samples of spoken language in the Bahian semi-arid" UEFS / FAPESB. The research methodology is the quali-quantitative method. The corpus of data used is part of the database of the research project "Portuguese Language in the Semiarid Bahia." In order to recognize and analyze, in full measure the relevance of the lexicon of the semi-arid Bahia, the decision was made to investigate the unknown and to known about the subject as recognized in the growing literature base for this topic. In this sense, the possibility of studying the Iberian influences within the Bahian semi-arid lexicon means understanding more effectively the great cultural wealth within the the area, culminating in new dialogues for future more watchful eyes of the semiarid cultural source, and hence of its lexical richness. The results indicate that there is maintenance of some archaic terms, especially in the most isolated communities.

Key Words: Semi- arid. Lexicon. Galician. Portuguese language. Iberian influences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa dos dialetos e falares de Portugal	30
Figura 2 Traços fonéticos dialetos galego-portugueses	31
Figura 3 Classificação dos dialetos galego-portugueses.....	32
Figura 4 Os galegos chegando ao “paraíso racial”.....	46
Figura 5 Uma família galega da Bahia	46
Figura 6 Os galeguinhos no Carnaval	47
Figura 7 Uma festa elegante no Centro Espanhol.....	47
Figura 8 A nova geração de galegos no Carnaval	48
Figura 9 Ficha Lexicográfica	61
Figura 10 Ficha Lexicográfica Esquematizada.....	62

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Rio de Contas	59
Foto 2	Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca.....	59
Foto 3	Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Jeremoabo	60
Foto 4	Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Feira de Santana.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Dados do Livros de Entrada de Passageiros.....	42
Quadro 2	Dados do Consulado Espanhol.....	43
Quadro 3	Fichas do Consulado Espanhol em Salvador.....	43
Quadro 4	Livro de Registro de Sócios da Real Sociedad Espanhola de Beneficencia.....	44
Quadro 5	Livro de Registro de Sócios da Real Sociedad Espanhola de Beneficencia.....	44

ABREVIATURAS E SIGLAS

m Masculino

f Feminino

APFB Atlas Prévio dos Falares Baiano

EALMG Esboço de um Atlas Linguísticos de Minas Gerais

ALPB Atlas Linguístico da Paraíba

ALS Atlas Linguístico Sergipe

ALPR Atlas Linguístico do Paraná

ALISPA Atlas Linguístico Sonoro do Pará

ALS Atlas Linguístico do Sergipe II

ALAM Atlas Linguístico do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 LÉXICO E CULTURA	15
1.1 LEXICOLOGIA	17
1.2 LEXICOGRAFIA E LEXICULTURA	18
1.3 LÉXICO: PRESSUSPOSTOS DA DIALETOLOGIA E DA SOCIOLINGUÍSTICA	18
2 CONCEITUANDO A HISTÓRIA: PORTUGUÊS OU GALEGO-PORTUGUÊS	25
2.1 CONSEQUENCIAS DO BILINGUISMO LUSO-ESPAÑHOL.....	33
2.2 ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS ARCAICO	34
2.3 UM POUCO DA HISTORIA DO PORTUGUÊS NO/DO BRASIL	36
3 O GALEGO NA BAHIA	39
3.1 TRANSCRIÇÃO DA FALA DE GALEGOS	48
4 METODOLOGIA	53
4.1 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS.....	58
4.2 FICHAS LEXICOGRÁFICAS	61
4.3 DICIONÁRIOS UTILIZADOS	63
5 INFLUENCIAS IBÉRICAS: UMA APRESENTAÇÃO NO CORPUS AMOSTRAS DA LÍNGUA FALADA NO SEMI-ÁRIDO BAIANO	65
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	108
6.1 QUANTO À CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL	108
6.2 QUANTO AO NÚMERO DE VERBETES NO CORPUS, À ORIEM, AO GENERO E ESCOLARIDADE, À IDADE	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	125
ANEXO A	126
ANEXO B	127
ANEXO C	128
ANEXO D	129
ANEXO E	130

INTRODUÇÃO

O semiárido baiano é uma região com diversas possibilidades de estudo, uma delas são as influências de diversas culturas no idioma português, sinalizando uma riqueza linguística, e não um prejuízo na língua. As palavras estrangeiras de diversas origens são assimiladas, ao ponto dessas formas adquirirem a dita vernaculania. Esses empréstimos existem desde a origem da Língua Portuguesa. Essa língua nasceu no oeste da Península Ibérica, mais conhecida como a Europa Ocidental, onde estão Portugal e Espanha. Com a queda do império, no século V, a dialetação do latim intensificou-se, formando vários outros dialetos/línguas como: o catalão, o castelhano, o galego-português, e, por fim, o português.

O castelhano serviu como segunda língua para os portugueses cultos em meados do século XV até final do século XVII. Os 60 anos (1580 - 1640) de dominação da língua espanhola acentuou uma impregnação linguística, ou seja, a contribuição do espanhol ao português, essencialmente, na época do apogeu político e literário da Espanha. Alguns termos situam-se no ambiente cortesão, no ambiente militar e outros nos vestuários tipicamente espanhóis. (Cf. CASARES, 1982). Dessa forma, a investigação e análise das influências ibéricas no léxico do semiárido baiano é muito instigante e elucidativo para os estudos dos campos lexicais. Esse estudo pretende contribuir para a identificação dos arcaísmos que perduram até hoje em determinadas comunidades, e, assim, apresentar suas origens.

A falta de estudos nessa área cria um espaço vazio no que diz respeito ao conhecimento dessa temática e no que diz respeito a um maior conhecimento do território sertanejo. Os sertanejos acabam sendo vistos como 'estranhos' nas capitais brasileiras e nos grandes centros do Brasil. É perceptível, até mesmo em livros didáticos, e em alguns discursos midiáticos, o desconhecimento da cultura e das lexias usadas por esse grupo de pessoas.

Esse estudo, acerca do semiárido brasileiro e baiano, poderá contribuir para um melhor conhecimento da realidade linguística brasileira. Além disso, a pesquisa pretende contribuir, também, para a construção de um dicionário a ser usado em escolas do semiárido baiano. Esse dicionário está sendo construído por um grupo de pesquisadores da UNEB e da UEFS com o projeto *Lexicografia Intercultural do Sertão/Semiárido*, e possui financiamento da FAPESB.

O presente estudo está inserido no método qualiquantitativo. Método qualitativo para entender as funções em que se emprega o léxico do semiárido baiano nas situações comunicativas, e assim, a análise quantitativa, a fim de verificar e comparar frequência das subfunções. A pesquisa tem como objetivo realizar o levantamento do léxico sertanejo,

verificando se há influências da língua espanhola, do português arcaico e do galego, baseando-se no *corpus* da Coleção *Amostras da língua falada no semi-árido baiano*, organizado pelas professoras doutoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. A coleção é composta por quatro volumes: Volume I – *Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Caem Piemonte da Diamantina)*; Volume II – *Amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina)*; Volume III – *Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu)* e Volume IV – *Amostras da língua falada na zona rural de Jeremoabo (Nordeste)*.

O trabalho tentará discutir um pouco sobre essa região, chamada semiárido baiano, objeto dessa pesquisa. A metodologia de pesquisa é da Sociolinguística e da Dialectologia, abordando a contribuição da Lexicologia, Lexicografia e Lexicultura. (LABOV, 1972; CARDOSO 2010; ISQUERDO, 2008).

As discussões se dividirão em 6 seções.

Na seção I, intitulada *Léxico e Cultura*, abordaremos o léxico como um patrimônio importante para a identificação de uma dada comunidade, assim como sua cultura. Sabe-se que não existe língua sem cultura e cultura sem a língua, uma completa a outra, mais ainda estão imbricadas. Na seção I há as subseções: lexicologia, lexicografia e lexicultura, partes importantes integradas ao estudo. Outra subseção é o dos pressupostos da Dialectologia e da Sociolinguística que norteiam a pesquisa.

A seção II, *Conceituando a História: português ou galego-português*, capítulo que traz algumas informações sobre a periodização, as mudanças da(s) língua(s) através do tempo; mostrando, ainda, o período arcaico e alguns questionamentos sobre o galego-português, principalmente as inquietações colocadas por Bagno (2011). Ainda segue com as subseções 2.1 as Consequências do Bilinguismo Luso-Espanhol; a subseção 2.2 Estudos sobre o Português Arcaico; outra subseção 2.3 Um pouco da história do português do/no Brasil.

Na seção III, *O Galego na Bahia*, versaremos sobre a importância desse grupo para a pesquisa, procurando questionar e tentar mostrar a importância que tiveram para a formação do português brasileiro. A subseção 3.1 apresenta algumas transcrições de fala de galegos na tentativa de demonstrar que palavras antigas usadas pelos mesmos também podem se equiparar com as palavras do sertanejo do semiárido baiano.

Na seção IV, *Metodologia*, apresentaremos a metodologia qualitativa, apresentando o objetivo geral e os objetivos específicos, tendo como principal contribuição encontrar influências ibéricas na fala de moradores do semiárido baiano. As subseções 4.1 Métodos e Procedimentos, o 4.2 As fichas Lexicográficas utilizadas para analisar e organizar o *corpus*, o 4.3 Os dicionários utilizados na base da lexicografia.

Na seção V, *Influências Ibéricas: uma apresentação no corpus "A língua Portuguesa no Semi-árido Baiano"*. Na seção VI, *Análise e Discussão dos dados*, e por fim, nas *Considerações Finais*, abordaremos questionamentos e as conclusões diante da pesquisa.

1 LÉXICO E CULTURA

A língua, como uma instituição social, reflete os grupos sociais que com ela interagem, definindo-se, assim, como heterogênea. Essa heterogeneidade pode levar a mudanças ou, até mesmo, ao conservadorismo, em alguns aspectos e contextos. Para Labov ([1972] 2008), o que garante o funcionamento de uma determinada língua é a sua heterogeneidade, sendo este um aspecto inerente à natureza da língua.

Para Câmara Junior língua:

[...] compreende uma organização de sons vocais específicos, ou fonemas, com que se constroem as formas linguísticas, e uma língua se distingue de outra pelo sistema de fonemas e pelo sistema de formas, bem como pelos padrões frasais, em que essas formas se ordenam na comunicação linguística ou frase. De estrutura específica de inteligibilidade entre homens de línguas diversas, quando cada qual não aprendeu previamente o sistema de linguagem de cada um dos outros (CÂMARA, JR., 1978, p.158)

No sentido apontado por Câmara Júnior, e pelos linguistas, o léxico faz parte desse sistema, podendo-se dizer que retrata um nível de análise da gramática de uma língua, estando ao lado da morfologia e da sintaxe. De acordo com Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7), “O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”.

O estudo do léxico de uma língua vai muito além do simples conhecimento do funcionamento. Oliveira e Isquerdo (1998, p. 7) dizem que o léxico

[...] Representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas em uma sociedade.

Esse patrimônio lexicológico é muito importante para a identificação de uma dada comunidade, sendo um objeto “formador”, e reconhecedor de identidades de uma comunidade de fala, tendo como uma das várias formas de manifestações as questões culturais, assim, um pleno identificador sociocultural correlacionado com diversas comunidades linguísticas. De acordo com Geertz (2008, p. 150), “[...] o estudo da cultura e

da língua são estudos da maquinaria que os indivíduos ou grupos de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria absurdo”.

Definir estudos lexicais é, antes de tudo, reconhecer o universo vocabular, saber entender a relação entre língua e cultura e sua interação social com o mundo. Estabelece, por sua vez, Biderman (2001, p.179) que

As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

No âmbito da linguagem, os estudos culturais se tornam de grande valia para um melhor reconhecimento e definição da língua com seus aspectos e processos. Desta forma, Borba (1978) diz que a linguagem reflete bem os aspectos da cultura de uma dada comunidade, portanto, a língua entende-se como um produto social da cultura, sendo um identificador social. Língua, sociedade e cultura entendem-se como a formação de um conjunto, para tal, a língua é vista como um fato social, que nas comunidades revelam seus valores e suas crenças.

O componente léxico da língua constitui, hoje, o objeto central de vários estudos, abordando a sua definição e sua delimitação dentro do marco da Linguística Teórica. Ao definir o conceito de léxico delimita-se uma inquietação: a relação entre *léxico e vocabulário*. Léxico define-se como um conjunto de palavras de um idioma, ou das que pertencem ao uso de uma dada região, uma atividade determinada a um dado campo semântico. Já o vocabulário se define como uma série de palavras reunidas seguindo um critério e ordenadas alfabeticamente ou sistematicamente.

Mário Vilela (1997) descreve a definição de vocabulário e de léxico. Para o autor, o léxico “é o conjunto de palavras fundamentais das ideais duma língua” (VILELA, 1997, p. 31). No entanto, vocabulário “é o conjunto de vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo. Tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística” (VILELA, 1997, p. 31). De acordo com Bizzocchi (1997, p.55) o léxico “é o conjunto das lexias de uma língua” e o vocabulário “é o conjunto dos vocábulos de um universo de discurso”.

Entende-se, em virtude de tal correspondência, que o léxico constitui um conjunto estruturado de unidades que se caracteriza por ser ilimitado e com potencial. Por sua vez, o vocabulário é visto como uma atualização, na fala, de certas unidades ocasionadas pelo léxico que o indivíduo tem a sua disposição no momento do ato de fala. Assim, como a

língua está para a fala como setas imaginárias, o léxico está para o vocabulário, corroborando sensivelmente com a cultura em todas as suas correlações dos estudos da língua.

1.1 LEXICOLOGIA

Estudar a língua é, sem dúvida, estudar um povo, estudar uma cultura. A utilização de determinadas palavras e expressões sociais, culturais, históricos, políticos, econômicos e linguísticos. “Estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza” (ABBADÉ, 2011, p. 1332).

De acordo com Abbade (2011), a lexicologia é conhecida como a ciência que estuda o léxico em suas diversas relações com os variados sistemas da língua. A lexicologia intervém em vários domínios como: na etimologia, na formação e criação de palavras, na estilística lexical, tendo um fino relacionamento com a morfologia, a sintaxe, a fonologia, mas principalmente com a semântica.

A lexicologia trata de alguns aspectos, dentre eles: a categorização lexical, a análise da palavra e a estruturação de formação do léxico. Nesse ramo, percebe-se que na prática a lexicografia interfere mais na definição e identificação da unidade lexical (análise da palavra), visto sua categorização lexical, ainda muito pouco estudada; já a estruturação lexical é um estudo raro, sendo vista como uma matéria complexa. Assim, o estudo lexical se forma ainda de questões imprecisas, e muitas vezes sem definição.

Dessa forma, entende-se que “embora se atribua a Semântica o estudo das significações linguísticas, a lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa” (BIDERMAN, 2001,p.16). Biderman (2001) diz que, na história da linguística, os estudos lexicais não são suficientemente valorizados, sendo assim durante um bom tempo, dando maior espaço a outros estudos como: morfologia, sintaxe, fonética, ou seja, as palavras antigamente eram apenas sistematizadas alfabeticamente, com buscas nas suas definições. Mas hoje, sabe-se o quanto a lexicologia é importante, e ganhou um espaço vantajoso diretamente com vários estudos, podendo: analisar estruturas morfosêmanticas, descrever conteúdos de expressões, analisar as influências em cada palavra como nesta pesquisa. A lexicologia concebe suporte para os estudos das influências sobre o semiárido baiano como a lexicografia e a lexicultura.

1.2 LEXICOGRAFIA E LEXICULTURA

Fala-se em lexicografia, fala-se em dicionários, tendo uma importância na linguagem em relação à norma social. O dicionário tem o papel de “registrar a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes e também por ser o depositário do acervo lexical da cultura, ele é uma referência básica para a comunidade” (BIDERMAN, 2002, p. 75).

Assim como os dicionários remetem às palavras, aos verbetes, a lexicografia é reconhecida como a ciência dos dicionários, sendo seu objeto de estudo. Já existiam os glossários medievais, mas simplesmente eram fichas de palavras que auxiliavam os leitores para uso e entendimento.

A lexicultura é entendida como uma cultura veiculada e atualizada nas unidades lexicais dos discursos, tendo como objetivo não apenas estudar a cultura por si mesma. Galisson (1997) define lexicultura como uma cultura implícita, latente em palavras, que convém entender o sentido das mesmas para atualizar, explicitar e interpretar.

De acordo com Guillém Díaz (2003), a lexicultura leva ao entendimento de um léxico determinado, podendo chegar a um conjunto de palavras e as unidades lexicalizadas com valor implícito dando dimensão ao conhecimento pragmático das palavras. O valor encontrado estabelece pelo uso dos signos dentro de um contexto ou de uma situação. A lexicultura serve como marca, como identidade de uma dada cultura, resumindo, é a relação entre o léxico e a cultura substancialmente, já que, não há como separar léxico de cultura.

A pesquisa trata dessa junção de definições e conhecimentos sobre a lexicografia e lexicultura, imbricada na unidade lexical que cultiva raízes e retoma a uma dada cultura, em uma determinada época. A pesquisa adota uma forma de lexicografia que dialoga com a cultura, ou seja, trabalha também com o conceito de lexicultura, fazendo uso da relação entre léxico e cultura.

1.3 LÉXICO: PRESSUPOSTOS DA DIALETOLOGIA E DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Estudar o léxico é, também, fazer referências a tudo que em princípio o rodeia, ou seja, não somente definir seus objetos e linhas a seguir, mas aproximar esse estudo lexical para o meio do indivíduo. Afinal, é o sujeito que sustenta e estabelece essas diversas palavras no seu meio, e certamente, a carga de cultura que nelas estão imbricadas.

Pesquisar, estudar e conhecer o léxico de uma determinada comunidade ou grupo social é reconhecer seu modo de ser e pensar, pois o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo. Estudar o léxico é reconhecer as relações deste com outros sistemas da língua, reconhecer as relações internas desse mesmo léxico, é reconhecer também as relações deste com

questões socioculturais e regionais. Neste sentido, a dialetologia e a sociolinguística podem contribuir muito com os estudos lexicais.

Ao mencionar estudos sociolinguísticos – e, principalmente, dialetológicos - parte do pressuposto de que a língua não pode existir, a rigor, sem quem a fale, os falantes. Os sujeitos são vistos como um ponto de partida para os estudos, pois são eles que fazem existir o uso da linguagem.

A dialetologia aprofunda os estudos sobre os usos que os grupos de determinada região fazem da língua, ou seja, a dialetologia brasileira estuda os traços linguísticos no Brasil, vinculado com o léxico e outros níveis da língua. Hoje, sabe-se que ela não trabalha somente com o léxico, propondo, investigar dentro do sistema linguístico os aspectos variáveis de acordo com a variação geográfica. As pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas já mostravam o estudo da língua pelo mesmo viés da variação, assumindo que as variações podem determinar uma mudança linguística. Cardoso (2010, p. 26) menciona que “a Dialetologia tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico”.

A dialetologia é reconhecida como uma descrição diatópica da língua. Entende-se ser necessário um maior conhecimento de sua trajetória histórica. Os estudos dialetológicos, iniciam-se no século XIX, objetivando a documentação e os dados de certos estágios da língua. No percurso histórico, nota-se o trabalho de George Wenker, publicado em 1881. De acordo com Cardoso (1994) o trabalho de Wenker ajudou com um grande passo ao crescimento da dialetologia. Outro importante estudo para a fundação da dialetologia é o *Atlas Linguistique de la France*, de Edmond Edmont e Jules Gilliéron (dados para o Atlas Linguístico da França), trazendo com rigor a aplicação de método da dialetologia.

A dialetologia passa por período de transição, no que diz respeito aos procedimentos teórico-metodológicos. Dessa forma, Isquerdo (2008) contribui citando dois tipos de dialetologia a primeira sendo a contemporânea que

[...] cada vez mais tende a incluir entre as localidades a serem investigadas também aquelas de povoamento mais recente, com vistas a documentar o grau de influencia de processos migratórios na língua falada por um grupo social. (ISQUERDO, 2008, p. 112)

Já o segundo tipo, a dialetologia tradicional, segundo Isquerdo (2008), centrava-se na coleta de dados em comunidades rurais, longe dos centros urbanos, pelo caráter da fala rural ser mais conservadora.

É no século XIX que os rumos dos estudos da linguagem crescem concebendo assim, a sua maneira do método específico, a Geografia Linguística. O percurso é conhecido pelo início com os atlas nacionais, e sucessivamente com os atlas regionais. No século XX, o estudo cresce ainda mais, com as implementações de atlas com maiores amplitudes de recobrir um continente ou para entender famílias das línguas. Há dessa forma, uma grande diversidade de visões acerca dos estudos geolinguísticos, baseando-se na abrangência, resultando nos atlas nacionais, regionais e supranacionais. Levando em consideração, também os aspectos sociolinguísticos que recobrem questões diastráticas, diafásicas, diagenéricas, diageracionais e etc.

De acordo com Mota e Cardoso (2006), a dialetologia consolida o seu método de excelência, trazendo perspectivas que engrandecem uma visão diatópica, resultando na possibilidade de visualizar, no curso da sua história distintos estágios da língua, que se consolidam a partir da dominância dos enfoques que se podem dar destaque. A partir dessa concepção, observa-se a história da periodização na Dialetologia tanto portuguesa como brasileira.

No artigo “Retrospectiva da Dialectologia Portuguesa” apresenta-se para a história dos estudos dialetais em Portugal, três períodos. O primeiro, em 1836 - 1868, exemplificado por referências à variação territorial. O segundo, em 1868 - 1942, como início dos estudos dialetais. O terceiro, em 1942 - 1994, entendendo a dialetologia, observando a recolha de dados, ressaltando os objetivos e as interpretações de conjunto. Outra proposta se dá, por Herculano de Carvalho, em 1964 reconhecendo duas fases. A primeira por Leite de Vasconcellos, em 1880 - 1940, a segunda fase se inicia em 1940, com Boléo.

Já com a periodização da dialetologia brasileira a primeira manifestação se dá de uma maneira bem ampla, em 1826 com Domingos Borges de Barros e Visconde de Pedra Branca. A partir dessa perspectiva a história dos estudos dialetais no Brasil, inicia-se com Nascentes, 1952 - 1953 que estabelece duas fases e com Cardoso e Ferreira, em 1994 que estabelecem três fases.

Ao admitirem as autoras três fases para a Dialectologia em nosso País, reconhecem a pertinência das duas fases definidas por Nascentes, assumindo os marcos por ele estabelecidos, e propõem uma terceira fase, iniciada em 1952, ano em que, com o Decreto 30.643, de 20 de março, o governo brasileiro, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da recém-criada Casa de Rui Barbosa, determinou como a principal delas a elaboração do Atlas linguístico do Brasil. Ressaltam a importância dessa fase em que não só se sedimenta a mentalidade dialectológica preconizada por Serafim da Silva Neto no seu *Guia para estudos dialectológicos no Brasil* (1957), mas, também, se dá início aos trabalhos de natureza geolinguística, com as pesquisas para o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e com a sua publicação em 1963. A esse primeiro atlas, seguem-se-lhe outros

de caráter regional o que consolida, na opinião das autoras, uma terceira fase, cuja ênfase está no desenvolvimento dos estudos geolinguísticos (CARDOSO; MOTA, 2006, p. 19).

O trabalho da dialetologia reflete a importância da contribuição para o reconhecimento de uma realidade linguística brasileira. As pesquisas voltadas para essa base de teoria tem a orientação metodológica na elaboração do atlas linguísticos, que formulam um papel muito importante na documentação e registros, de acordo com a variação linguística. Nascentes (1953) dizia que o trabalho da dialetologia não é para uma geração tão atual. Os estudiosos daqui cem anos olharão de forma diferente o estado da língua, ou seja, serão mais felizes com os resultados encontrados e analisados, já que nada encontramos da fala, em 1822.

O autor compreendia o que viria nas décadas seguintes. Os estudos sobre a diversidade linguística cresceram muito e passaram a ocupar um espaço grandioso no cenário linguístico do Brasil, tendo destaque no primeiro atlas linguísticos no Brasil, “Atlas Prévio dos Falares Baianos”, em 1963. A dialetologia além de oferecer enriquecimento para a linguística, também, oferece para outras áreas como: história, antropologia, etnologia e sociologia.

Uma área de grande contribuição para a dialetologia é, sem dúvida, a sociolinguística. “A Dialetologia e a Sociolinguística alcançaram um avanço significativo nos estudos sobre a fala, a partir da publicação de resultados de pesquisas de campo em várias regiões do país” (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2006, p.110). Os primeiros atlas apresentam um intervalo de tempo maior na publicação de outros, e se centram basicamente na região nordeste. Com o tempo, as publicações foram feitas com mais agilidade, estabelecendo crescimento de atlas tanto na sul como na região norte do país. Muitos trabalhos de Sociolinguística foram desenvolvidos a partir da década de 1970 no Brasil, a saber: Votre em 1978, Callou em 1979 -1996 -1998, Scherre em 1988 – 1993- 1996, Braga & Naro em 1981- 1983 - 1986, Paiva em 1996 e outros.

Com o tempo, percebem-se todas as dificuldades encontradas com a dimensão territorial do Brasil, com problemas diversos desde a comunicação até o transporte no país. Nos estudos linguísticos os problemas também são grandes com a falta de pesquisadores para uma linguística que estava chegando às faculdades.

Com todos esses problemas, em 1957, Silva Neto mencionou a proposta não de um atlas nacional, mas atlas regionais e estaduais, que sendo feitos a partir de uma metodologia uniforme, pudessem logo depois serem reunidos para a construção de um Atlas Linguístico no Brasil, proposta essa aceita pelos primeiros dialetólogos no Brasil.

Assim, veio do Nordeste o primeiro atlas linguístico estadual publicado no Brasil, em 1963, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, iniciativa que só foi seguida catorze anos mais tarde pelo Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977), mas com metodologia diversa quanto ao questionário, à forma de composição da rede de pontos linguísticos, ao número e ao perfil dos informantes por localidade, o que já inviabilizaria sua associação ao APFB (ISQUERDO, 2006, p. 68).

Cardoso (2010), no Brasil, existem dez atlas publicados, a saber: Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963), Esboço de um Atlas Linguísticos de Minas Gerais – EALMG (1977), Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984), Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (1987), Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994), Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (2002), Atlas Linguístico sonoro do Pará – ALISPA (2004) e Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS (2005), Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (2007) e Atlas Linguístico do Estado do Ceará (2010). Um outro Atlas, mas ainda não publicado é o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM – de autoria de Maria Luiza de Carvalho Cruz, sendo finalizado em 2004. Outros trabalhos estão em estágio de execução como: Atlas Linguístico do Espírito Santo, Pará, Acre, Maranhão, Rio.

De acordo com Paim (2013, p. 96)

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (Atlas Linguistique Roman), Prof. Michel Contini (Genoble). Naquela ocasião foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento. São eles: os professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que preside o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch, representando os atlas em andamento.

Dessa forma, a dimensão do ALiB começa a assumir responsabilidades de documentar o país de Norte ao Sul. “[...] são 250 pontos a constituírem a sua rede de localidades que reunirão 1.100 informantes a serem documentados” (CARDOSO, 2006, p. 29). O Brasil é um país de dimensões enormes, cerca de 8.511.000 quilômetros quadrado, mas é uma pequena parte que se reconhece recoberta e descrita a partir dos estudos geolinguísticos. Dos 27 estados existentes, nove fazem parte dos estudos: Sergipe, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Pará, Amazonas e Rio Grande do Sul.

O resultado da soma de tais estados – 4.514.144 km – demonstra que ainda se está longe de atingir a descrição completa do território brasileiro no que diz respeito às línguas que nele permeiam e especificadamente no que se refere aos variados usos da língua portuguesa (CARDOSO, 2006, p. 29)

Na base dos princípios da Geolinguística, equivale, por exemplo, às áreas da França, Inglaterra, Bélgica, Espanha, Portugal, Itália, Suíça, Áustria e Alemanha, todos esses países reunidos. “[...] a área da Bahia leva vantagem, do ponto de vista da extensão territorial, sobre a da França; a da Paraíba tem dimensão superior à da Suíça e o Paraná se sobrepõe, pela sua área, à Áustria” (CARDOSO, 2006, p.29).

O objetivo dessa reflexão é nos lembrar da noção geográfico-espacial, delimitar as decorrentes dificuldades encontradas para avanços com as pesquisas. Entender a dificuldade desde a distância e o custo delas, relativo ao tempo que se necessita para cada ponto ser estudado. Assim, o projeto *Atlas Linguístico do Brasil* deve ser entendido como um conjunto de subprojetos e vencíveis a cada determinado momento.

Já a sociolinguística surge pela falta do componente social, diante os outros modelos como o gerativismo e o modelo estrutural - funcional. A partir dessa ausência social, Labov inicia o trabalho de análise com a Teoria da Variação e Mudança, proposta por ele mesmo, em 1972, e também o estudo realizado por Wierinch, Labov e Herzog (1968).

A relação entre língua e sociedade é pertinente. Acredita-se que haja uma inter-relação entre as duas, e assim, considerar as variações como existentes, e estudar a língua não só por ela, mas no indivíduo e na sua comunidade de fala. De acordo com Lyons (1987), a sociolinguística é entendida pela relação natural que há entre a linguagem e a sociedade. Assim, entende-se que os estudos da sociolinguística abordam a variedade da língua, se preocupando com a integração da língua dentro de um contexto social.

Para Labov ([1972] 2008, p. 215), a sociolinguística “se concentra na língua em uso dentro da comunidade fala, com vistas a uma teoria linguística adequada para dar conta desses dados”. São múltiplos os fatores que podem levar uma língua a variar nos níveis sintático, lexical, semântico, fonético.

De acordo com Cardoso (2010, p.26)

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas, dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. [...] A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configura-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

Assim, a sociolinguística se torna uma área de grandes investigações nos últimos anos, com resultados que não são apenas descritivos das línguas, enquanto sistema, mas que trazem outros valores nos âmbitos políticos e educacionais exigidas pelo mundo moderno. Labov ([1972] 2008) documenta uma abordagem da língua em uso na pesquisa linguística dentro da comunidade de fala exaltando assim uma nova teoria linguística. “Este tipo de pesquisa tem sido rotulado de ‘sociolinguística’, embora este seja um uso um tanto enganoso de um termo estranhamente redundante” (LABOV, [1972] 2008, p. 215). Sabe-se que a língua, ela por si, já é um comportamento social. Este tipo de afirmação sempre é encontrado em vários textos, principalmente nos textos introdutórios.

De acordo com Labov ([1972] 2008) crianças mantidas sozinhas não usam a língua, ou seja, a língua é usada em um contexto social, mostrando necessidades, emoções, ideias, trocando informações uns com os outros. Com todos e tantos questionamentos, “a sociolinguística” como pode ser separada da linguística? A “sociologia da linguagem” é uma área de pesquisa que está sendo vinculada na sociolinguística. A pesquisa está sendo vinculada com fatores sociais de larga escala, posicionando a interação e os dialetos. Observa-se alguns problemas associados “com o declínio e a assimilação de línguas minoritárias, o desenvolvimento do bilinguismo estável, a padronização de línguas e o planejamento do desenvolvimento da língua em nações recém – surgidas” (LABOV, [1972] 2008, p. 215)

Outra área de pesquisa associada aos estudos sociolinguísticos é a “etnografia da fala” que lida mais com os detalhes da língua em uso real. Dentro de uma cultura há muito o que fazer tanto na descrição como na análise de línguas e dialetos vinculados em diversas culturas. Alguns pontos são pontuados neste questionamento: “formas de eventos de fala, as regras para a seleção dos falantes, as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contextos e os modos de fala do falante” (LABOV, [1972] 2008, p. 216).

Conhecendo um pouco os estágios do trabalho sociolinguístico, pode-se mencionar, que em toda comunidade de falantes existirão aqueles cujo comportamento é mais influenciado pelo padrão, como outros falantes que não terão tal influência. As bases estilísticas aparecerão mais nos falantes padrões do que aqueles que não tem a forma padronizada como normal no dia a dia.

Menciona-se todo esse contexto do trabalho prático sociolinguístico, pois faz a base da pesquisa. Todo o *corpus* que será aqui utilizado foi baseado na metodologia de coleta de dados da sociolinguística; com o cuidado necessário por parte dos pesquisadores para conseguirem resultados de acordo com a atitude do falante, de seus hábitos, costumes, e até mesmo, de uma cultura subentendida do decorrer da fala. Propondo uma segurança na pesquisa, encontrando consistência, já que, por vezes, não é nada fácil pesquisar tantas

palavras arcaicas na fala, como na escrita algo mais comum e disponível para pesquisadores.

2 CONCEITUANDO A HISTÓRIA: PORTUGUÊS OU GALEGO-PORTUGUÊS

Trabalhamos com o que estamos chamando de arcaísmos¹, precisaremos entender um pouco a história do português e também do galego-português. Começamos nossa pesquisa pelo trabalho de Maia (1999) que diz que é de grande valia os estudos sobre a periodização para o entendimento do surgimento das línguas, especificamente do português. Maia (1999) chama a atenção para as limitações do *corpus* escrito, já que estes são raros, mas trazem benefícios para as pesquisas sobre as mudanças da língua no decorrer do tempo.

O período arcaico do português foi identificado a partir de alguns documentos escritos a partir do século XIII. No entanto, há indícios de que essa língua já estava em gestação desde o século XII. Verifica-se que seu início se deu no primeiro momento do século XII, defendido por alguns estudiosos linguistas (cf. MARTINS, 2004, entre outros); ora acredita-se que seu primeiro momento se deu no século XIII, assim como filólogos e historiadores defendem com documentos encontrados em mosteiros.

As periodizações propostas para a história das línguas consideram, em geral, fatores externos ou sócio-históricos, e, também, fatores internos, ou linguísticos (MATTOS e SILVA, 2008). Com tal definição, se faz necessário o entendimento de que a nomenclatura das línguas pode se dar além das definições de alguns estudiosos. Faz-se necessário pensar em uma linha de pensamento que envolva as questões políticas, culturais, ideológicas, e por fim econômicas.

O que se estabelece nesse sentido é que os documentos antigos (notícias, testamentos) já são reconhecidos como na escrita do português ou galego-português, e não mais reconhecidos como na escrita do latim. Os estudos do reconhecimento galego-português começam pelos textos de 1175 a 1252, ou seja, foram analisados os documentos mais antigos em português como *Notícias de Fiadores* que estariam vinculados ao século XII, e daí inicia-se um longo debate.

A Filologia defendia apenas os documentos particulares do Mosteiro de Vairão *Auto de Partilhas*, 1192 e o *Testamento de Elvira Sanches*, 1193 que foram, acredita-se, escritos no português. De acordo com Mattos e Silva (2008), os autores Lindley Cintra, Avelino de Jesus da Costa e o Paleógrafo Rui de Azevedo destacam que esses documentos eram

¹ Por arcaísmo estamos considerando palavras que chegaram junto com os portugueses no período do Brasil colônia, sem perder de vista que muitos desses portugueses vieram do norte e trouxeram ainda uma grande influência do chamado galego-português.

cópias muito ultrapassadas. Considerando, particularmente, o mais antigo documento *A Notícia de Torto*, e também, o *Testamento de Afonso II* sendo definido como um documento oficial. Afonso II, conhecido anteriormente como Conde Afonso Henriques, antes de se tornar Rei de Portugal, em meados do século XII. Dessa forma, entende-se que a língua falada pelo Rei de Portugal era a mesma daquele povo que vivia ao seu redor, ou seja, defende que a língua do Rei era a mesma dos habitantes, os galegos. No entanto, a esse respeito Bagno se pronuncia:

A certeza se firma no fato do galego moderno ainda ser muito semelhante ao português europeu e, mais ainda, ao português brasileiro, e ao fato dos dialetos do norte de Portugal apresentarem mais semelhanças com os dialetos do sul da Galiza. (BAGNO, 2011, p. 34).

Alguns defendem que o *Testamento de Afonso II* e *Notícia de Torto* são os documentos mais antigos. Mattos e Silva (2008) descreve que foi com Antonio García Lujá encontrado a segunda versão do Testamento, na Catedral de Toledo. Existiam dúvidas acerca da autenticidade do Testamento desde o século XIX, mas, com a segunda versão encontrada, as dúvidas foram sanadas. No Testamento tem-se o importante selo do primeiro documento oficial em língua portuguesa. Dessa forma, acredita-se que os primeiros documentos escritos em língua portuguesa são do século XII, e não do século XIII, como defende a pesquisadora Ana Maria Martins (2004).

Para além dessa discussão, Marcos Bagno traz a inquietação do forte estabelecimento da língua portuguesa com o galego a partir do *Lusíadas* de Camões. Uma equiparação da língua portuguesa com a língua latina, já em 1572. “Em sua magnífica epopeia *Os Lusíadas*, publicada em 1572, monumento ideológico de louvor ao nascente imperialismo português, Luís de Camões escreve:” (BANGO, 2011, p. 35)

Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
por quantas qualidades via nela
da antiga tão amada sua Romana;
nos fortes corações, na grande estrela,
que mostraram na terra Tingitana,
e na língua, na qual, quando imagina,
com pouca corrupção crê que é a Latina. (I, 33)

Bagno diz que “O discurso de equiparação do povo português com o povo romano e, por conseguinte, da língua portuguesa com a língua latina, encontra aqui sua mais sublime e artística expressão” (BAGNO, 2011, p.35). Contudo, alguns estudos pontuam que com a publicação de *Os Lusíadas*, os benefícios são grandes para contrapor os questionamentos

sobre o final do período arcaico, como definem alguns filólogos e historiadores que utilizam fatores externos para uma exata delimitação do período.

Bagno (2011) mostra indícios de não concordar com os estudos históricos de maior aceitação. De acordo com o autor, o que se ensina e o que se aprende tanto no Brasil como em Portugal na disciplina História da Língua Portuguesa, é nada mais que uma breve ‘falácia’, ou seja, mencionar e categorizar que o português vem do latim, conhecimento cravado por anos e anos. Acredita Bagno que foi o galego que se originou de um latim vulgar, sendo criado no noroeste da Península Ibérica. Para ele, a Linguística Histórica usa de uma categoria ideológica ultrapassada e invade os conhecimentos de mapas e documentos antigos importantes eixos para determinadas teorias. Essa é uma visão bastante polêmica sobre o tema e não temos subsídios suficientes para nos posicionar, mas percebemos a necessidade de apresentar o início da discussão. Mostramos, apenas, alguns questionamentos que podem ser válidos ao trabalho, ou seja, a de que a importância do galego para a história do português pode ser muito maior do que preconizavam os linguistas até agora.

Diante de tudo que apresentamos até agora, pode-se pensar: o que se entende por Galego? Português? Galego-português? Perguntas com uma necessidade de envolvimento com algumas áreas: sociolinguística, dialetologia, sócio-histórica e linguística geral.

De acordo com Bagno (2011, p. 34)

Nunca é tarde demais lembrar que a questão dos nomes que se dá às línguas escapa da órbita dos especialistas (filólogos, gramáticos, linguistas) e se vincula muito mais a problemática de natureza política, cultural, econômica e ideológica.

Nesse aspecto, pode-se pensar como Chomsky, ao estabelecer que a língua fosse proveniente de um conceito político, “e escolhe como seu objeto de estudo as grammars, que subjazem às línguas” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 46). Supõe que denominar uma língua é muito mais uma questão política do que simplesmente linguística.

Retoma-se, aqui, a ideia da comprovação a partir de documentos escritos feitos em território galego, e mais tarde em Portugal. Acredita-se que esses textos estariam escritos apenas em uma língua. “Á entrada do ano mil, no Noroeste peninsular, a Galécia Magna, uma região que se estendia da Galiza a Aveiro abarcando, ainda, uma faixa das Astúrias, delimitava já um romance com contornos peculiares.” (CARDEIRA *apud* BAGNO, 2011, p. 36-37).

Cardeira (2006) afirma que nada ainda era Portugal, que não se pode dizer firmemente que já seria a língua portuguesa. Antes de todo esse território e falares, já existia

ali um ‘romance’ escrevendo sua história. A fronteira linguística entre as línguas galega e portuguesa mostram, também, a fronteira política tanto da Galícia como de Portugal. Essa fronteira política se dá a partir do momento em que Dom Afonso Henriques deu a Portugal em 1139 sua independência.

Entende-se sobre uma política linguística, de acordo com Álvarez (2009), que a Galícia seria um seguimento, uma continuação dos antigos territórios Callaecia ou Gallaecia, antes da romanização, por manter o topônimo e o gentílico, como também, por manter o antigo território. Ocupando a Península Ibérica, mais específica, o mar Cantábrio até o Rio Douro, os callaicos ou galaicos estavam divididos em lucenses e bracarenses. Pelo leste, a Península Ibérica chega ao que hoje é conhecido como o limite entre o galego e o asturleonês (convencionada pela ditongação das vogais breves latinas).

Logo depois, os romanos marcam diferentes limites pelo oriente, podendo assim a Gallaecia romana tornar parte do território ástures, ou seja, os não galaicos, sempre tendo o limite para o sul, o Douro. Dado importante para se observar que as principais capitais callaicas são Bracara > Braga, hoje território Português, e Lucus > Lugo, hoje na Galícia.

Na mesma linha de pensamento, Bagno (2011) cita que a Gallaecia no ano de 891, estava em território espanhol mais conhecida hoje como Galícia, ou a região verde da Espanha. Compreendendo, também, Astúria, Castela e Leão, e um pouco do território português, que se inicia no Rio Minho até o Rio Mondego. Sabe-se que, entre os séculos VIII e XI, a Galiza compreendia um terço do território, hoje, português, entendendo, que o mapa da Península Ibérica sofreu várias modificações com o passar do tempo.

Em 1139, o conde Afonso Henriques, depois de uma guerra com os muçulmanos, declarou-se Rei de Portugal, “Rex Portucalensis”. Essa auto proclamação ocorre logo após o Reino de Leão (estava no condado da Galiza). Nesse momento, houve muitos conflitos, guerras, começando uma batalha conhecida pelo nome de Ourique, em 1139, mesmo ano da proclamação do agora Afonso II rei de Portugal, deixando o condado definitivamente de Leão.

Em relação a essa questão, Mattos e Silva (2008) enfatiza os fatores sócio-históricos dentro dos estudos da Península Ibérica. A autora afirma que existiam “[...] substratos pré-romanos comuns; no período romano (III a. C.-v.C.), pelo século III d.C, a Gallaecia se torna província autónoma, naqueles limites antes referidos; no período germânico” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 46). A área Galaica começa a apresentar modificações sócio-políticas, em 1096, com o rei Afonso Henriques VI, ao norte do Rio Minho, seria a futura Galiza, e ao sul com Rio Douro que seria futuramente Portugal, hoje áreas galegas e portuguesa.

O uso do termo *galego-português* é antigo; de uso comum, começando a partir dos Cancioneiros, sendo levada até os trovadores, e de maneira igualitária ao território do

Minho. Antes de retomar pensamentos da autora Álvarez (2009), é necessário validar vários outros conteúdos sobre o galego-português.

Cintra (1971) diz que é importante mencionar alguns conteúdos propostos começando a partir de Leite Vasconcelos (1893 - 1897)² que prepondera alguns contextos simples entre (contextos mencionados pelo próprio autor) *dialectos*, *subdialectos* e *variedades*. Inteira-se observando o antigo dialeto interamnsense falado nas antigas províncias de Entre, de Douro e de Minho. Faz algumas divisões para mencionar os dialetos, subdialetos e as variedades. Determina sobre o dialeto interamnsense, o subdialeto baixo - minhoto (estava entre o Minho e o Lima); o subdialeto baixo - minhoto (estava entre o Lima e o Douro), e em Tâmega (fala do Porto e fala da Póvoa); o subdialeto baixo - duriense estava entre Tamega e o Cargo. Já com o dialeto trasmontano falado na província de Trás e Montes. O dialeto Beirão falado no principado da Beira. E por fim, o dialeto Meridional falado em Mondego e Guadiana, ou seja, reconhecido nas três províncias de Portugal, e também, em Olivença.

Seguindo, Leite Vasconcelos (1893-1897) delimita os co-dialetos, além dos já mencionados, anteriormente, como os dialeto e subdialetos. Os co-dialetos

[...] isto é, idiomas que, conquanto, pelos seus caracteres gramaticais se avizinhem do português mais que outras quaisquer línguas românicas e lhe sejam em parte ligados na obediência às mesmas leis especiais, não estão contudo numa relação tão íntima com ele, considerado língua literária e nacional, como por exemplo os falares da Beira ou do Algarve (CINTRA, 1971, p. 83).

A partir de estudos de Álvarez, alguns mapas mostram a língua galega; em contrapartida, outras referências já postulam inadequadas tais afirmações acerca do galego dentro dos mapas. Leite Vasconcelos, com sua análise dentro do *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901)³, relata o “português dos judeus” dentro dos dialetos que formam o português. Mostra o galego caracterizando, simplesmente, como um ‘contraste’ com o português, “pero non entra na súa descriçión dialectolóxica” (ÁLVAREZ, 2009, p. 2).

Na *Esquisse* (1901), em particular, o autor não considera a existência de ‘variedades’ ou subdialetos. Já os dialetos continuam como nos estudos anteriores. O dialeto interamnsense (alto-minhoto, baixo-minhoto, baixo-duriense), o dialeto trasmontano (raiano, alto-duriense, ocidental e central), dialeto beirão (alto-beirão, baixo-beirão, ocidental) e o dialeto meridional (estremenho, alentejano e algarvio).

Mudanças existentes nos dialetos trasmontano e beirão, comparado ao primeiro estudo, de 1893-1897, servindo essa mudança, como “uma tentativa de (nem sempre

² 1893-1897 data da publicação do mapa dialectológico de Leite de Vasconcelos

³ Leite de Vasconcelos doutorou-se com *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. O primeiro importante compêndio do português – depois foi continuado e melhorado por Bóleo e Cintra

logrado) de maior exatidão no traçado das fronteiras dos quatro dialetos: interamnense, transmontano, beirão e meridional” (CINTRA, 1971, p. 84).

De acordo com Cintra (1971), os autores Paiva Bóleo e Maria Helena Santos Silva definem que o falar minhoto tem algumas subdivisões como: alto-minhoto (variedade de Riba- Minho); o minhoto central (variedade de Braga); o minhoto oriental e o baixo –minhoto (variedade do Porto). Logo depois, menciona-se, o falar trasmontano com alguns subfalares: o ocidental, central, oriental, baixo trasmontano. O falar Beirão divide-se em: oriental, ocidental (variedade Sátão). O falar Vouga e Mondego (variedades de Aveiro e dos Campos do Mondego).

Castelo Branco e Portoalegre e suas divisões: Castelo Branco, Portoalegre. E, por fim, o falar Meridional divididos em: estremenho, alto- alentejano, baixo- alentejano (variedade de Almodóvar e Mértola) e o algarvio como um subfalar. Bóleo e Silva (1961) no 9º Congresso de Linguística Românica (1959), não especifica o galego dentro do seu *Mapa dos dialetos e falares de Portugal Continental*. Logo depois, José Leite Vasconcelos faz questionamentos pretendendo fazer uma atualização e retificação do mapa.

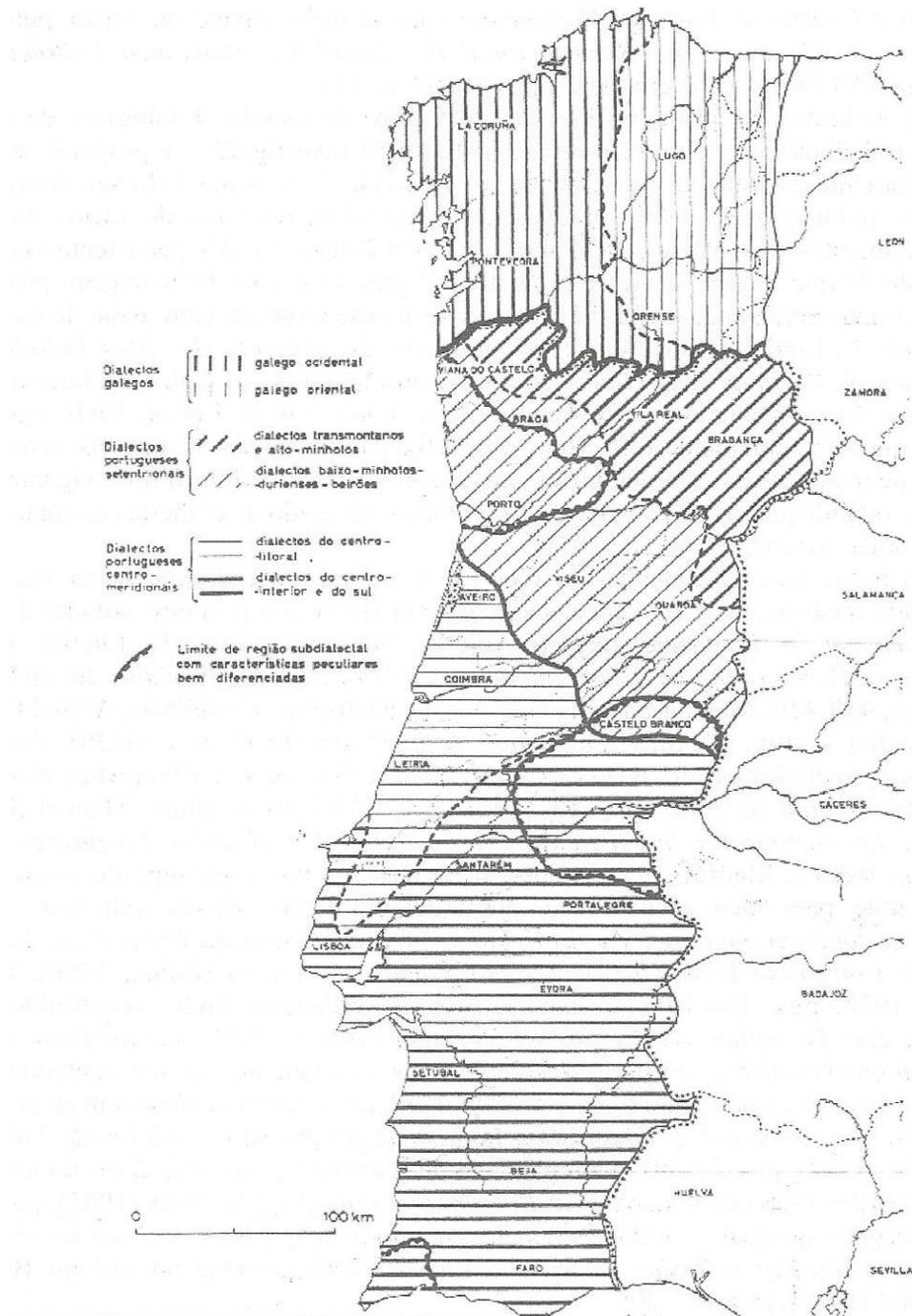
Figura 1: Fragmento do *Mapa dos dialetos e falares de Portugal* (Bóleo/Silva 1961)



Fonte: Álvarez (2009)

Nos estudos de Álvarez (2009), alguns mapas de acordo com os dialetos de Portugal são demonstrados, principalmente, vale ressaltar, por autores não galegos, que delimitam o limite nítido dos falares. Dessa forma, ela menciona que é o mapa do Professor Cintra, em 1971, o mais reconhecido dos dialetos portugueses, verificar logo abaixo no mapa 2. É nítido o limite leste que separa o galego-português do território hispânico. Neste momento, consegue observar e validar um estudo dialetológico com a isoglossa da não ditongação de /E,O/ latinos. Observar as isoglossas define alguns traços fonéticos como “(a) trazer un límite nítido no norte, seguindo a fronteira política, para deixar os “dialectos galegos” separados dos “dialectos portugueses” [...] observar que as isoglossas se entrecruzam na metade norte de Portugal” (ÁLVAREZ, 2009, p. 3).

Figura 3: Classificação dos dialectos galego-portugueses



Fonte: Cintra (1971)

O que toda a história do galego-português e galego, e do português pode nos mostrar é que ainda no Brasil, essa(s) língua(s) ou dialeto(s) podem ter deixado marcas que se encontram vivas até hoje na fala dos sertanejos: o que estamos chamando de “arcaísmos” ou de influências galegas.

2.1 CONSEQUENCIAS DO BILINGUISMO LUSO-ESPANHOL

Segundo Teyssier (1982), entre meados do século XV e XVI o espanhol era a segunda língua dos portugueses cultos. Aconteceram casamentos entre portugueses e princesas espanholas, tendo como efeito uma “castelhanização” da corte.

Entre meados do século XV e fins do século XVII o espanhol serviu como segunda língua para todos os portugueses cultos. Os casamentos de soberanos portugueses com princesas espanholas tiveram como efeito uma certa “castelhanização” da corte. Os sessenta anos de dominação espanhola (1580-1640), que se situam no período mais brilhante do “Século de Ouro”, acentuaram esta impregnação lingüística. É somente depois de 1640, com a Restauração e a subida ao trono de D. João IV, que se produz uma certa reação anti-espanhola. O bilingüismo, toda via, perdurará até o desaparecimento dos últimos representantes da geração formada antes de 1640. Assim, durante aproximadamente dois séculos e meio, o espanhol foi em Portugal uma segunda língua de cultura. (TEYSSIER, 1982, p.32)

Nessa época, grande parte dos escritores escreveu em língua espanhola, a saber: Gil Vicente, Sá de Miranda, Luís de Camões, Francisco Manoel de Meo. A maioria dos escritores não vê como nenhuma traição à escrita em espanhol, porém Antônio Ferreira (1528 – 1569) manifesta certo receio e prefere dar continuidade em português em seus escritos. O espanhol pronunciado pelos portugueses tinham características bem diferentes. A fala era sinalizada com um sotaque diferente e, além disso, a morfologia e a sintaxe afastavam-se da língua portuguesa.

De acordo com Teyssier (1982), o infinitivo flexionado do português era introduzido em castelhano, ou seja, como o exemplo mostra: “Penitencia será harta/ pensares em mi tormento”, fala de um personagem de Gil Vicente. O castelhano de Portugal encontrava-se, também, no vocabulário. Os escritores bilíngues sem saber como exprimir em espanhol o sentimento “saudade” forjavam como uma nova palavra “saludad”.

É impossível não observar que dois séculos e meio de bilinguismo luso-espanhol tenham tido consequências na língua portuguesa (entre os séculos da metade do XV até o fim do século XVII). Contudo, estudos e pesquisadores definem esses efeitos como algo difícil de pesquisar. Tanto em Portugal como na Espanha o bilinguismo não é tão estudado, dificultando as pesquisas sobre o tema. De acordo com Teyssier (1982), o que chamou bastante atenção dos filólogos foi a utilização do espanhol por portugueses bilíngues, existia um castelhano português, em que o lusismo se manifestava de várias formas. Porém, existe um grande problema, a influência que o espanhol teve em Portugal na época do bilinguismo

é quase desconhecida entre pesquisadores, talvez por questões políticas, econômicas e históricas, dificultando, assim, a pesquisa sobre as influências ibéricas no semiárido baiano. Poucas são as informações obtidas, mas circunstâncias levam a estudar e aprofundar esse estudo, pois há evidências e indícios de galegos, espanhóis no território do semiárido.

2.2 ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS ARCAICO

Sabe-se que as gramáticas e os dicionários, tratando do português, só aparecem em 1536, ou seja, no século XVI. Dessa forma, entende-se, também que no século XVI “é que começam a ter significado cultural e político maior as línguas nacionais românicas”. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 50). A partir dessa nova etapa, as gramáticas românicas começam a existir e trazer influências sobre os estudos mais antigos, ou seja, uma contribuição a mais no crescimento do desconhecido, mas já vividos, como os textos do período arcaico⁴.

Com a linguística história, aparecem diversos estudos tratando desse período da língua, como as edições críticas, as edições paleográficas, os glossários, contendo os dicionários etimológicos, as gramáticas históricas, até mesmo as monografias sobre os assuntos do português arcaico, e também, o olhar linguístico nas edições que formam as pesquisas acerca do tema arcaico. É através de algumas edições de textos do período arcaico, que se pode estudar o que não consegue constatar diretamente os documentos. Com isso, reconhecem-se as edições paleográficas e as edições críticas.

As edições paleográficas, as edições diplomáticas, também, conhecidas, segundo Mattos e Silva (2008), como diplomáticas-interpretativas. As edições críticas já trazem a interferência do editor, tendo um cuidado maior para quem estuda essas edições, pois se faz necessário saber, até quando a interferência do editor foi transferida para os itens linguísticos dentro do texto, trazendo no final, conclusões indiretas para quem busca resultados a partir dos estudos do período arcaico.

Mattos e Silva (2008, p. 52) atribui valores em alguns estudos de edições críticas

Ao apresentar a documentação remanescente fiz menção a edições críticas de valor e que podem ser utilizadas para estudos da língua arcaica. Muitas delas já são antigas, mas continuam sem substitutas. É o caso da edição do começo deste século do *Cancioneiro da Ajuda*, realizada por Carolina Michaelis de Vascelos, republicada em dois volumes (1990). Mencionei também para a documentação poética a

⁴ O período arcaico compreende desde os primeiros textos escritos em uma variedade que veio a se configurar como o português (séculos XII ou XIII) até meados do século XVI.

de Rodrigues Lapa (1965) sobre as cantigas de escárnio e maldizer contidas nos três cancioneiros remanescentes, reeditada em 1990, e a de Walter Mettmann (1959-1972) sobre as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X. Também me referi, no que diz respeito à documentação não literária, à edição da família de foros em galego-português e em leonês contida na obra de L.F. Lindley Cintra, *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo* (1959), republicada e à edição de 168 documentos da Galiza e de Entre-Douro- e- Minho publicada na obra de Clarinda Maia, *História do Galego-Português* (1968), também recentemente republicada. Vale destacar que esses dois autores editaram os textos referidos em função dos estudos linguísticos que tinham como objetivo no seu trabalho. Não fizeram a edição crítica apenas pela edição em si, mas também para terem a base filológica adequada sobre que desenvolver o estudo da língua veiculada no documento editado. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 52).

Os Glossários são importantes e, ao mesmo tempo, seletivos, fundamentam as edições, e ajudam aos leitores ao entendimento de diversas edições. Mattos e Silva (2008) diz que existem glossários pesados, e até mesmo exaustivos que acompanham edições de *Joan Zorro e Martin Codax de Celso Ferreira da Cunha* e o *Cancioneiro da Ajuda* de *Clarinda Michaelis de Vasconelos*, também de Rodrigues Lapa nas edições das cantigas de escárnio e maldizer. Esses glossários são importantes para a história da língua.

Assim, entende-se, que

Muitas edições de textos são acompanhadas de glossários, que podem ser exaustivos, isto é, esgotam o vocabulário do texto editado, ou seletivos, em que os editores escolhem nos seus verbetes os itens que julgam de interesse para a história da língua. Certamente o glossário mais exaustivo que existe para o conhecimento do português arcaico é o que acompanha a edição crítica da *La traducción galega de la Cronica general y de la Cronica de Castilla*, realizada por Ramón Lorenzo, publicada em 1975, em Orense, Galiza. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 54)

Aparecem, também, alguns glossários “exaustivos”, que Mattos e Silva (2008) se refere, como o *Livro de Solilóquio de Santo Agostinho*, sendo Maria Adelaide Valle Cintra (1957) que segue com a edição, e também a edição *A Linguagem de Imitação de Cristo* (1962) de Isabel Vilares Cepeda.

Nos estudos com as gramáticas históricas, observa-se que diretamente não há uma gramática do português arcaico, como existem várias para as línguas românicas. Neste sentido, é necessária a busca em gramáticas do século XIX, tratando de assuntos como fonética e morfologia.

Várias gramáticas podem ser citadas para estudos. Em 1916, a *Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira (1855- 1923), em 1916, o *Meu Idioma*, do professor Otoniel Mota (1878 – 1951), publica a obra para fim de estudos da gramática histórica. Em 1919, o

filólogo José Joaquim Nunes, em Portugal, edita *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Em 1921 até 1923, Sousa da Silveira (1883-1967) escreve vários artigos, reunidos em 1923, em *Lições de Português* (grande gramática histórica da língua portuguesa).

Em janeiro de 1931, M. Said Ali (1861 - 1953) edita a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, sendo uma fusão de dois livros do autor: *Lexicologia do Português Arcaico* (1921) e *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico* (1923). Assim, entende-se que as gramáticas situam-se no fim do século XIX. Com os dicionários, observa-se a mesma falta, ou seja, também não existe um dicionário para o período arcaico. Para estudos sobre o léxico, os dicionários etimológicos propõem a origem das palavras.

A Linguística moderna se dedicou durante muito tempo apenas aos estudos sincrônicos, mas atualmente há um grande interesse nos estudos históricos, assim, tanto os gerativistas, os sociolinguistas, e também, os funcionalistas abrem espaços para os dados de períodos anteriores das línguas. Os gerativistas consideram, por exemplo, fatos pretéritos para a construção de gramáticas relevantes para as línguas naturais. Os sociolinguistas com a *teoria da mudança* afirmam o passado para informar as variações e mudanças no curso presente, assim também como o presente pode ajudar com fatos passados. E os funcionalistas com a gramaticalização na diacronia.

Dessa forma, não se pode dizer que o período arcaico não foi estudado, foi sim. Contudo, o entendimento tem que compreender que os estudos bibliográficos vieram a partir de fins do século XIX para meados do século XX.

Essa história do português ainda na Europa é de fundamental importância para o entendimento da temática que estamos tratando nessa dissertação. No entanto, o conhecimento de como essa língua aqui chegou, em que condições e como aqui se desenvolveu também é de suma importância para o nosso trabalho. Na próxima seção, iremos tratar dessa história aqui no Brasil.

2.3 UM POUCO DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS NO/DO BRASIL

O Brasil concentra um território de 8.515.767 km² mais ou menos oito milhões e meio de quilômetros quadrados, já em Portugal o território é de 92.000 quilômetros quadrados. Mesmo com toda essa imensidão de terra, a língua majoritária do Brasil é o português, e não como poderia pensar em uma língua brasileira⁵.

⁵ Não entraremos na discussão que procura mostrar que a nossa língua já é tão diferente da europeia que já poderia ser chamada de brasileira.

Em 22 de abril de 1500, Pedro Alvares Cabral chega ao Brasil, sendo que a efetiva colonização, porém, define-se em 1532. Quando os portugueses chegaram, os índios já eram habitantes, e os negros foram trazidos da África. No início, apenas o litoral era colonizado, mais tarde, com a fundação de São Paulo, uma porta se abre para o interior do Brasil. A partir do século XVIII, o ouro foi muito explorado em Minas Gerais, contudo em todo o período colonial o Brasil permaneceu um país rural. Houve duas sucessivas capitais: Salvador e Rio de Janeiro a partir de 1763.

Eram nas capitais que se concentravam os poderes político, administrativo, religioso, já o intelectual e o cultural muito pouco era visto, sendo muito limitado. Neste período, o português falado no Brasil é resumido aos colonos de origem europeia. Os outros povos como: indígenas, os africanos ou os mestiços aprenderam o português através da transmissão linguística irregular. Sabe-se que durante muito tempo as línguas gerais (de base indígena) e o português estavam lado a lado no sentido das línguas de comunicação da época colonial.

Na segunda metade do século XVIII, as línguas gerais entram em decadência, com o decorrer, o português acabou eliminando definitivamente essas formas de comunicação⁶, restando apenas algumas palavras de origem indígena dentro do português local. O Brasil concentra uma enorme diversidade linguística e estabelece particularidade do português que talvez se desse pelos primeiros colonos. De acordo com Teyssier (1993, p.98) “o que sucedeu, de fato, foi que os colonos portugueses do Brasil elaboraram uma koiné por eliminação de todos os traços *marcados*, dos falares portugueses do Norte e por generalização das maneiras *não marcadas* do sul.” Na língua do Brasil, hoje, existe uma conhecida diversidade linguística geográfica. Estudiosos tentam elaborar um mapa com os dialetos brasileiros, os linguistas para com a preparação desses mapas, distinguem sul e norte.

No entanto, as divisões dialetais são mais socioculturais e menos geográficas. As diferenças são vistas a partir “de um determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distintas uma da outra.” (TEYSSIER, 1993, p. 98). Portanto, reconhece-se que a dialetologia brasileira é menos horizontal que vertical, demonstrando no ápice, a língua das pessoas cultas, depois a língua vulgar (camadas urbanas) e por fim os falares regionais, e também, os falares rurais.

Sem dúvida, o vocabulário permanece com grande importância nos estudos voltados para a dialetologia, percebendo que o português do Brasil, se distancia uma parte do português de Portugal, até mesmo ao reconhecer as formas escritas de algumas palavras.

⁶ Através das pesquisas recentes, sabe-se que havia mais de uma língua geral.

De acordo com Teyssier (1993), os exemplos se dão com as designações de objetos e alguma noção de acordo com o mundo moderno em aspectos sociais e científicos, como exemplo: o *comboio* (Portugal) no Brasil é *trem*, *autocarro* (Portugal) *ônibus* no Brasil, *bonde* (Brasil), em Portugal *eléctrico*; *aeromoça* (Brasil), *hospedeira* (Portugal).

No Brasil, existe grande diversidade geográfica. Estudiosos começam a elaborar um mapa dos “dialetos” brasileiros, distinguindo o Norte do Sul, seguindo da foz do rio Mucuri (sul do estado da Bahia) até o Mato Grosso. Entende-se que as divisões linguísticas, no Brasil, são mais socioculturais do que gráfica. Estudos sobre os diversos níveis de língua ainda são insuficientes, faltando, também, uma visão de conjunto desses estudos. As mutações rápidas pelo processo de urbanização atual torna algo instável a ser estudado, porém, é nas grandes cidades que estudam uma norma brasileira.

Sabe-se que os portugueses instalaram-se em diversas regiões e cidades do Brasil. Na Bahia, a capital de Salvador foi totalmente povoada, sendo a primeira capital do Brasil. Com o decorrer dos estudos, pode-se mencionar que houve portugueses no semiárido baiano, mais especificadamente na região da Chapada Diamantina, como no município rural de Mato Grosso. Destaque-se que D. João V fez um pedido ao desembargador Luiz de Siqueira da Gama no século XVIII, pedindo que observasse o local para o crescimento de uma nova vila.

Na observação o desembargador não escreve que os brancos encontrados eram portugueses, mas sabe-se que eles foram para o trabalho de exploração do ouro. De acordo com Almeida (2008), existem, hoje, duas conhecidas famílias no povoado de Mato Grosso, um dos analisados nesta dissertação, os Mafras, acreditam-se que são descendentes de portugueses e os Guimarães que também se acredita serem descendentes de portugueses. Outras regiões do semiárido com a entrada de portugueses foi Jeremoabo, mais específico no município rural de Lagoa do Inácio, o próprio nome já é uma homenagem ao rico e fazendeiro Inácio, de origem portuguesa. Nesta localidade, a maioria dos donos de terras tem algum parentesco com Inácio. Acredita-se que muitos portugueses foram para os interiores em busca de trabalho e crescimento, formando, assim, famílias e muita miscigenação pelos outros povos que já existiam ali.

Com toda essa miscigenação, com todos os povos que entraram com sua forma de falar na formação do português brasileiro, nota-se, além das diferenças gramaticais, muitos brasileirismos. Identifica-se bem, quando trata de objetos e noções voltados ao clima, à fauna, à flora, aos costumes, às tradições, à cultura, e até mesmo à sua vida social que o brasileiro evidencia. Com isso, tanto a língua indígena como as línguas africanas se mostram importantes na formação dessa língua brasileira. O caso galego mostra a necessidade de seu reconhecimento, também vinculado na formação ou como influência da

língua portuguesa no Brasil. Em muitos casos, a língua galega passou a ser, de maneira geral, desconsiderada, avaliada sem importância.

3 O GALEGO NA BAHIA

Para tentar encontrar algumas pistas sobre uma possível influência ou não do galego no português brasileiro, precisamos voltar um pouco na história. No século XII, houve a conhecida Reconquista Cristã, nessa época Portugal ganhava território pelo Sul, expandindo cada vez mais a língua portuguesa.

A Galícia adentrou-se à Coroa leonesa, com Afonso VII, em 1112, e, depois se juntou com Leão, na denominada Coroa Castelã. Em 1250 e 1550, a língua galega foi utilizada na escrita. A partir de 1550 até 1850, a língua espanhola se expandiu para a Galícia, sendo uma língua oficial da região. No entanto, depois a língua galega tem o seu declínio, começando a hegemonia do espanhol. O galego passou a ser algo pitoresco, iniciando-se, desta forma, um problema, pois os próprios falantes acabavam por ocultar ou dissimular sua identidade.

Apesar do pouco prestígio, em meados do século XIX, a maioria da população ainda falava a língua galega. À proporção que a Galícia rural fica enfraquecida, a Galícia urbana ganha espaço, tornando uma Galícia voltada para a língua espanhola. Com o tempo, a única língua utilizada era a espanhola. A imprensa, o rádio, a televisão intensificaram a utilização da língua espanhola durando mais ou mais menos uns quatro séculos. Iniciado em meados do século XIX, um grupo formado por universitários tenta recompor uma tarefa de reabilitação da língua galega. Antolín Faraldo, um dos universitários, conseguiu ajuda a partir dos poetas: Rosalía de Castro, Manuel Curros e Eduardo Pondal que escreviam em língua galega. Apesar das tentativas, tudo isso, porém, não conseguiu fazer com que as escolas, a igreja utilizassem o galego, o espanhol continuava invicto.

Quando começou a guerra civil, com Franco (um galego), começou, também, a interrupção do desenvolvimento político e cultural da região galega. A Ditadura chegou trazendo muitas dificuldades para a Galícia. Em 1975, com a morte de Franco, houve o retorno da democracia. A constituição espanhola (1978) reconheceu a pluralidade de línguas, começando, assim, as Comunidades Autônomas.

De acordo com Rocha (1997), não é muito comum ouvir dizer que no Brasil se fala a língua galega, mas acredita-se que foi muito utilizada na época da colonização. Em Minas Gerais, por exemplo, parece que na época do ouro houve muitas influências galegas. Talvez interrogações apareçam, e até mesmo, suposições de que não haja essa influência, já que

se fala o 'português', como se aprende desde o início do ensino escolar. Contudo, o tema 'galego no Brasil' não é algo novo, pelo contrário, é um tema já discutido, mas pouco difundido entre os estudiosos do português brasileiro. Basicamente são setecentos anos que alguns pesquisadores já põem esse questionamento sobre a origem do português, principalmente entre pesquisadores galegos. "Muito por certo são contrários de antemão a nomear de 'galego' à língua comum atual empregada por brasileiros, portugueses e galegos, valendo-se de artifícios pseudo-sociolinguísticos para isolar as várias faces do idioma". (ROCHA, 1997, p. 2)

Em diversas discussões sobre o tema, o que interessa, neste momento, é a fala, não a escrita. A língua na modalidade escrita, a partir de Saussure, é vista como mais arbitrária que a língua falada, ou seja, menos representativa. Com isso, a primazia do estudo se centra na língua como veículo de comunicação, a realização oral. No texto de Fernández Rei "Posición do galego entre as línguas românicas", ele escreveu um maravilhoso trabalho sobre a história e, ao final, conclui querendo distanciar a língua galega da portuguesa, quando confundiu uma língua com uma variedade de fala pela citação de Otero Pedrayo (1996, p.4) "O galego é moito mais fermoso que o portugues. Tem menos dificultades de pronunciación: é unha língua românica, latina, ampla, simpática, aberta. Hai que conservala así".

O texto acima demonstra não um preconceito, mas a total confusão que isolou o povo português dos seus 'pais' galegos. "Claro que, no caso em tela, é o "pai linguístico" que se rebela, pela voz de Otero Pedrayo em boca de Fernández Rei, contra o "filho linguístico", que herdou a língua galega, quando se constituiu em Estado soberano no século XII". (ROCHA, 1997, p.3). O tema central da discussão obviamente não é sobre os questionamentos de Portugal, mas a dúvida e a inquietação sobre o tema de que a língua portuguesa, não é propriamente portuguesa. Acredita-se que a língua falada em Portugal, deve origem "do que veio de fora", sendo anterior aos Cancioneiros galego-portugueses, sendo também, anterior ao Estado português. "[...] nasceu numa terra que constitui o que ontem era a Gallaecia e ainda hoje é Galiza". (ROCHA, 1997, p.3)

Existe um grande questionamento sobre o porquê dessa omissão histórica em relação ao galego, à Galícia. Por que este é um fato tão distante dos livros? A Galícia tem uma concreta nação que constitui o Estado Espanhol. A Galícia é, em tudo, algo como 'um país dentro de outro', criando desejos, tendo uma história, e principalmente uma tradição. Durante muito tempo (quase um milênio) foi bem interessante para Portugal não sinalizar a Galícia. Portugal conseguiu manter 'o mito' de que a língua portuguesa foi originária exclusiva de seu território, do seu povo (primeiros lusitanos), podendo, assim, vangloriar-se de serem portadores do idioma que Camões utilizava, e, também, a forte ideia de levar 'seu' idioma para outras terras.

Com as descobertas de novos territórios, tem-se que reconhecer a bravura dos portugueses. No entanto, de acordo com Rocha (1997), os portugueses levaram consigo não um idioma próprio, mas outra língua, a língua dos habitantes da Península Ibérica: o galego.

Em certos períodos da colonização portuguesa no Brasil, a missão do estrangeiro é vinculada à continuação do processo histórico para chegar ao “embranquecimento” e “abrasileiramento”, formando a sociedade brasileira/baiana. De acordo com Bacelar (1991), a imigração pretendida nessa fase seria para o campo, jamais seria para a cidade de Salvador. O pensamento girava em torno de não mais trabalhadores brancos, para provocar sublevações, sobretudo pelas ideias revolucionárias que poderiam chegar até a massa negra. A ideia vinculada neste momento seria seguir a postura de São Paulo, ou seja, ter como os italianos que trabalhavam em lavouras.

Para Bacelar (1991), os portugueses como maior grupo imigrante em Salvador já não se importava mais com o “antilusitanismo” vinculado no século XIX. Dessa forma, o galego acabou sendo o foco nessa fase de perspectiva estrangeira, lembrando que, infelizmente, o galego era visto como algo negativo, já que em Portugal essa imagem já era estipulada como um sinônimo de um grupo. A Galícia situa-se na Espanha, mais conhecida como a região verde do país e pela história milenar. Entretanto, no fim dos tempos medievais se define com calamidades, país empobrecido e com um grande atraso econômico. A Galícia, desde o século XV, faz parte do estado centralizado de Castela, perdendo sua autonomia como região e povo.

Os galegos perdem o seu poder com a língua, introduzindo o castelhano como língua pública, não mais língua galega. Falar galego, neste momento, se torna algo marginalizado, falar mal, contribuindo com quase três séculos de um silêncio literário. Com o crescimento da burguesia espanhola, cresce o controle sobre o país, conseqüentemente um atraso na economia da Galícia. A partir de 1936, com o franquismo, começa um retrocesso com a situação política e cultural da Galícia, revigorando a conhecida opressão na região galega. Durante cinco séculos a vítima de todo esse processo de poder foi a massa campesina, a Galícia teve uma sociedade majoritariamente rural. Até o século XX é mantida a renda feudal da terra, impedindo o caráter capitalista. O galego tem uma família que trabalha e tem seu sustento com a zona rural.

Com tantos problemas gerados pelas mudanças na Espanha, a Galícia se enfraquece cada vez mais e a emigração se torna uma saída por todas as dificuldades encontradas no momento. “Consideremos esta corrente emigratória de especial importância permanece toda a primeira metade do século XIX porque temos como hipótese que é por intermédio dela que os galegos vislumbrarão as possibilidades no paraíso baiano” (BACELAR, 1991, p.41). Reiterando e lembrando com bastante atenção que os galegos já

havia descoberto a América desde o século XVI, observa nitidamente, de acordo com Prado (1945) que cita “A filha bastarda do Capitão de Coa e Brasil, rio Itaípe, em Ilhéus, casou-se com João de Araújo Souza, fidalgo galego da casa de alcaides mores de Sindoso de Cela Nova” (PRADO, 1945, p. 195).

Com esta informação, pode-se ter a hipótese de que os galegos desde o século XVI habitavam o interior da Bahia, não somente tempos depois, dando continuidade com a emigração para Salvador. Calcula-se que em 1850/1950 a emigração galega fica entre 40% a 70% do total dos espanhóis a caminho da América. Os galegos foram para a Argentina, Cuba, Brasil, México, Uruguai e Venezuela. No Brasil, as cidades foram São Paulo, Rio de Janeiro, Santos, Manaus, Salvador e Recife⁷. Observa-se a situação secular da sociedade galega nas Américas, podendo notar a intenção de pensar as influências da língua galega no Brasil, na Bahia, no interior e na capital. Essa é uma grande possibilidade, principalmente quando se observa o *corpus* oral da *Coleção Amostras da língua falada no semi-árido baiano*, ou seja, palavras encontradas igualmente sinalizadas com a oralidade galega.

É fundamental entender os números da presença galega em diversos períodos, mas isso é visto com dificuldades atinentes pela falta de documentos. Pode-se, observar a partir do Arquivo Público do Estado da Bahia e das fichas de inscrição do Consulado Espanhol em Salvador, a forte presença galega na Bahia. A maior leva está no período 1921/1930 com 4.772 (26,9%) no livro de Registros, enquanto nas fichas do Consulado atinge (54,1%) 1.950 espanhóis, forte presença em Salvador.

Quadro 1: Dados do Livros de Entrada de Passageiros

Dados dos Livros de Entrada de Passageiros:	
Período	Quantidade
1883 a 1900	1.873
1901 a 1910	2.187
1911 a 1920	3.413
1921 a 1930	4.772
1931 a 1940	3.829
1941 a 1950	1.663
Total	17.737

Fonte: Bacelar, 1991

⁷ O interior não é muito citado nos livros consultados. Falta de Bibliografia dificultando a pesquisa.

Quadro 2: Dados do Consulado Espanhol

Dados do Consulado Espanhol:	
Período	Quantidade
1878 a 1918	18
1919 a 1929	2.615
1930 a 1936	968
Total	3.601

Fonte: Bacelar, 1991

Quadro 3: Fichas do Consulado Espanhol em Salvador

FICHAS DO CONSULADO ESPANHOL EM SALVADOR		
Precedência	Quantidade	%
Pontevedra	2.916	90,8
Orense	50	1,6
Lugo	39	1,2
Coruña	24	0,7
Espanha	157	4,9
Europa	6	0,2
Brasil	17	0,5
Argentina	3.210	0,1
Total		100,0

Fonte: Bacelar, 1991

No Registro dos Livros de Entrada centra-se a nacionalidade e o ponto de saída. Assim 60% dos espanhóis saíram de Vigo, principal porto da emigração. Interessante fato, pois em Feira de Santana (interior da Bahia) há uma família de descendentes de galegos, mais precisamente de Vigo (Pontevedra), a família é Peleteiro⁸. É notória a província de

⁸ Um estudo mais preciso seria de grande valia. Mas sabe-se que os descendentes dos Peleteiros trabalham no ramo imobiliário na referida cidade, com parentes ainda em Vigo – Pontevedra.

Pontevedra, com os galegos que chagaram no Brasil. De acordo com o Livro Registo de Sócios da Real Sociedad Española de Beneficencia (1885/1918) e as fichas do Consulado (1919/1936)

Quadro 4: Segundo o Livro de Registro de Sócios da Real Sociedad Española de Beneficencia

Ayuntamiento	REAL SOCIEDAD		CONSULADO	
	Quant	%	Quant	%
Puente Caldelas	457	25,5	649	28
Fornelos de Montes	405	23,5	523	22
La Lama	269	15,1	470	20
A transportar	1.122	65,1	1.642	70

Fonte: Bacelar, 1991

Quadro 5: Segundo o Livro de Registro de Sócios da Real Sociedad Española de Beneficencia

Ayuntamiento	REAL SOCIEDAD		CONSULADO	
	Quant	%	Quant	%
Transporte	1.122	65,1	1.642	70
Pazos de Borbén	132	7,6	211	9
Puenteareas	97	5,6	172	7
Mondariz	75	4,3	142	6
Cresciente, Cotovad, Salvatierra e Redondela	119	6,9	181	8
Outros	181	10,5	-	-
Total	1.726	100,0	2.348	100

Fonte: Bacelar, 1991

Portanto, a maior parte dos galegos que vieram para Salvador é de Pontevedra, da região serrana de maior necessidade de crescente economia e baixa produtividade. Valle Gonzalez (1990, p.128) diz que em 1855 observa um documento dirigido ao ministério pelo município de Puente Caldelas para pedir ajuda e mostrando que a emigração vem sendo desenvolvida desde muito tempo de maneira alarmante pela pobreza generalizada dos galegos, ou seja, a emigração acontece há muito tempo no Brasil, principalmente na Bahia. No entanto, só há dados mais consistentes de períodos mais recentes, o que não quer dizer

que eles não vieram nos primeiros períodos de colonização ou que os portugueses que vierem inicialmente não tivessem uma língua influenciada pela galega.

Segundo Bacelar (1991, p.48)

Portugal exerce até 1830, com ênfase para as áreas da Galícia mais próximas, um predomínio sobre o destino dos emigrantes galegos. Gente que se desloca temporariamente para a faina agrícola, mas que busca também o ambiente urbano, sobretudo Porto e Lisboa, para se integrar no trabalho doméstico, no artesanato urbano e no comércio de armazéns, bares e restaurantes. Segundo a nossa concepção, teria sido o contato com portugueses da Bahia e com indivíduos que se destinavam ao Brasil para atender o chamado dos patrícios comerciantes um dado básico para definir a escolha de Salvador pelos galegos. Inclusive com galegos saindo de Lisboa e do Porto preteritamente às correntes emigratórias para dar início à conquista do Novo Mundo.

O fluxo emigratório contínuo para a cidade de Salvador desde 1883 acontece pelo êxito que os primeiros galegos conseguiram na capital baiana. “De volta à aldeia de origem ou através de relatos mais ou menos fantasiosos, ou pela situação econômica privilegiada que aparentavam e pelo prestígio social que passaram a desfrutar conseguiram influenciar parentes” (BACELAR, 1991, p.48), fazendo com que muitos viessem para a Bahia. Os galegos, sem dúvidas, foram grandes desbravadores.

Os galegos concebem como principal para se estabelecer na Bahia dois pontos: 1) trazer alguns conhecimentos para a sociedade baiana; 2) definir lógicas de trabalho, uma mercantil e a outra estritamente pautada nos valores campestres da população galega. Salvador como uma sociedade pré-industrial, totalmente urbana, não tem como ser campestre. Contudo, para atender os objetivos, os padrões se adequavam com valores e crenças, tentando uma transformação para um melhor crescimento. A cultura campestre dos galegos, sem dúvidas, é muito forte. Com essa afirmação, pode-se pensar que alguns realmente possam ter ido para o interior (como século XVI), ou seja, a capital traria possibilidades, mas muitos não conseguiriam se manter com as tradições urbanas. Talvez buscassem o interior tendo um desses motivos como hipótese da busca pelo campo na Bahia.

Eles fundaram, em Salvador, a casa de comércio, e é ela um referencial, principalmente para os galegos sozinhos, chegando a uma terra estranha. A área comercial se torna sua casa, sua família, sua rede base de amizade. “Economicamente, a casa comercial é uma unidade em marcha constante” (BACELAR, 1991, p.113). Notoriamente os galegos trabalhavam para a casa crescer, sua cultura releva essa postura familiar.

Abaixo algumas fotos de galegos na Bahia.

Figura 4: Os galegos chegando ao “paraíso racial” a Bahia.



Fonte: Galegos no Paraíso Racial. BACELAR, 1991

Figura 5: Uma família galega da Bahia.



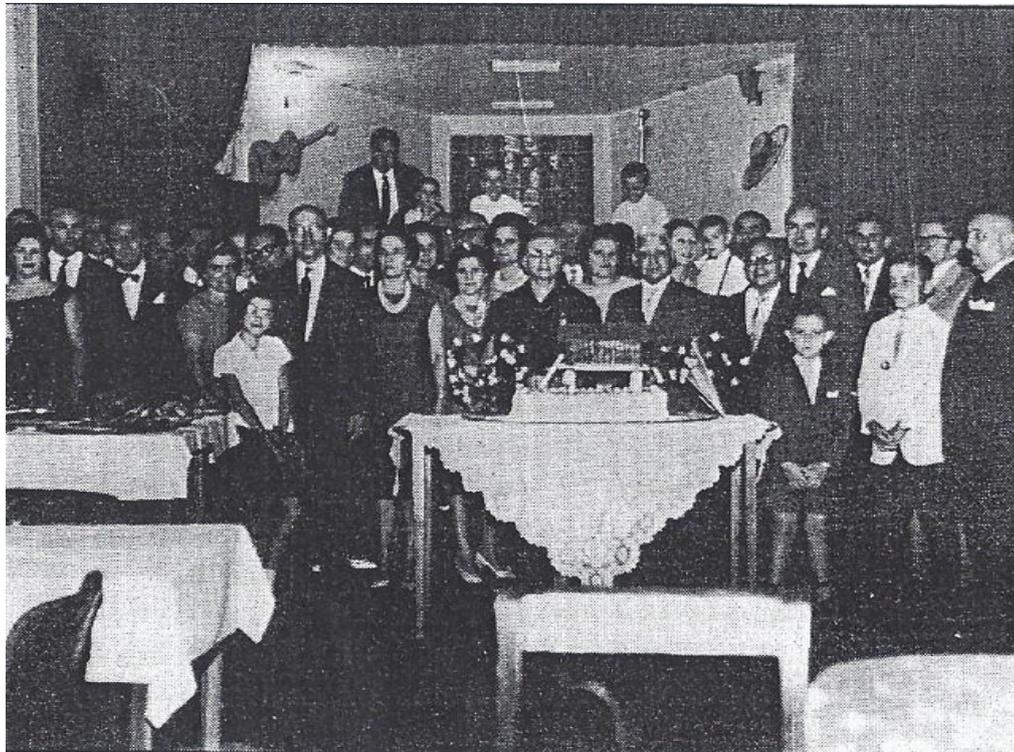
Fonte: Os galegos no Paraíso Racial. BACELAR, 1991

Figura 6: Os galeguinhos no Carnaval.



Fonte: Os galegos no Paraíso Racial. BACELAR, 1991

Figura 7: Uma festa elegante no Centro Espanhol



Fonte: Os galegos no Paraíso Racial. BACELAR, 1991

Figura 8: A nova geração de galegos no Carnaval.



Fonte: Os galegos no Paraíso Racial. BACELAR, 1991

Na próxima seção, apresentaremos transcrições de fala de galegos, chamando a atenção para algumas palavras.

3.1 TRANSCRIÇÃO DA FALA DE GALEGOS

Tendo como base de estudo o trabalho do pesquisador Raúl Soutelo Vázquez (1998), mais especificamente “Memoria Oral e Identidade Étnica da Inmigración Española a Latinoamérica no Século XX: Os Galegos en Brasil, 1880 -1970”, iremos abordar a transcrição da fala de galegos, mostrando que algumas das palavras encontradas nas transcrições são usadas no semiárido baiano, ainda hoje. Esses depoimentos contam a história de pessoas, a trajetória de famílias, separações, países escolhidos pelos galegos, etc. O trabalho do pesquisador é muito rico. Fornece conhecimento sobre vários detalhes importantes para um melhor entendimento do galego no Brasil. Traz fatos sobre fotos e memórias, a indústria dos pobres (os camponeses do Norte da Península Ibérica), a emigração galega no Brasil, o Conselho Nacional de Emigração 1910, a mulher galega, a chegada dos galegos na Bahia e etc.

Pontos importantes são encontrados no trabalho. Sabe-se que em Minas Gerais, ocorrem algumas influências como no semiárido, o mais comum é a palavra ‘tamén’, muito utilizada na fala galega. Vázquez (1998) diz que os galegos foram para Minas por causa da

época do ouro. Isso ajuda a entender um pouco questões históricas, mas principalmente questões de influências linguísticas.

Abaixo, serão mostradas as transcrições das falas de galegos. No decorrer da fala, será destacado palavras que se acredita terem sido tomadas de empréstimos no português brasileiro, e que são encontradas no semiárido baiano. Esses empréstimos podem ter sido tomados tanto diretamente do galego, mas também a partir de portugueses que as usavam. Só um estudo sócio-histórico bastante aprofundado daria conta de traçar melhor os caminhos dessas lexias.

O meu abuelo, que eu xa non o acordei, marchou para Buenos Aires para non ter máis familia, para que a abuela non tivera máis partos c'aqueles dous. ¡Deso húbolle moito daquela!... Meu pai marchou para Cuba de mozo e cando veu xa casou con miña nai... El leváballe catorce anos, pero quíxoo porque era solo (tiña a nai namais) e daquelas mirábase moito que na familia do home non houbera cuñada ningunha porque daquelas non era coma agora que hai adelantos. ¿Non sabe?... **Entonces** túvonos a nós (catro rapaces: tres rapazas e un rapaz) e el **tamén** volveu marchar para Cuba pra non ter máis familia. Transcrição fonética p.43 (VÁZQUEZ, 1998, p. 104).

Meus abuelos eran de Chantada, na provincia de Lugo, e viñeron de caseiros para um capital grandísimo de Tamallancos. O papá decía que il así que pudo camiñar marchou para Cuba porque era un dos máis vellos de dez irmaus vivos (foran doce pero dous morreran)... O papá **despois** reclamounos e **despois** foron todos... Fixo catro viaxes a Cuba, no primeiro viaxe botou seis anos e veu de vinte ou vintedous anos, e **entonces** reclamou un irmau que tiña e levouno pr'alá e **despois** así que puderon viñeron cada um con mil pesos, ¡que xa eran cartos! Chegaron a Tamallancos onda os pais e díxéronlles. Transcrição fonética p.56 (VÁZQUEZ, 1998, p.105).

Naqueles tempos paguei catro mil pesetas por andar co estraperlo, meu marido seguia mal e estaba na cama, non facía nada, collemos un barciño pero **a xente** non tiña prata e non daba nada... Unha amiga miña marchou pra Venezuela, entrou de cociñeira na casa dunha señora buenisima que tiña cinco fillos pero unha era retrasada mental, mala como unha perra, e díxolle: "Mire, yo tengo una amiga allá que sabe mucho de enfermeira y si quiere le escribo y la llamo para que venga cuidar

a su hija"... Eu ó recibir a carta desa señora díxenlle ó meu marido: "¿Que che parece?, botaría un par de anos e gano moito ó cambio"... Fun pr'alá no cincuenta e catro, estiven tres anos, e **despois** víñenme outra vez, pero volvíase acabar a prata e volví pra xunto desa señora... A rapaza **despois** creceu e xa era moza, eu non teño carácter e pegábame aquela criatura que era mala como unha perra, a miña amiga, que era a que lavaba e planchaba, collía a escoba e dáballa, a ela tíñalle moito medo... Funme de alí porque matábame e fun para outra casa mellor aínda... **Entonces** vendían esa casa que ten agora meu fillo e mandáronme decir, cando chegou a carta eu acababa de vir do médico que estaba diabética... A señora viume chorando e díxome que a comprase que me axudaba ela a pagala. Transcrição fonética pp.8-10. (VÁZQUEZ, 1998, p. 108).

E a terceira é que tiña xa alá dous irmaus máis vellos ca min e uns tíos. Estes xa estaban montados alí e tiñan cartos. Mandáronme unha carta de chamada e eu fun coma mecánico... Eu soio sabía andar co legón, coa machada, co rastrillo e co arado e máis nada, pero fun como mecánico para poder entrar alí... Eu tiña catorce anos, era un neno cando marchei, solo nun barco, sin conocer a nadie e eu tiña unha gaita destas filarmónicas que lle tiña moito cariño e como púxenme a tocala á beira do barco, a gaita caeume no mar. Entre o mareo que collín, a gaita que a perdín e as saudades que tiña **tamén**, eu cheguei a Bahía acabado, choraba coma un perdido. Transcrição fonética p. 7 (VÁZQUEZ, 1998, p. 109).

Meu pai estivo en Cuba e estivo eiquí no Brasil antes de nós nacer; **despois** ele foise pr'alá, criar ós fillos porque miña nai morreu nova con trinta e cinco anos e deixou 6 fillos... Tíñamos unhos primos que moraban en Santos e trouxeron a meu irmau Alfonso pr'acá que foi o primeiro... **Despois** d'alí a cinco ou seis anos, ele mandou vir o mais vello deles, o Floreano que xa veu casado e trouxo un fillo de seis anos tamén con il... **Despois** ele mandou vir o Antonio e xunto co Antonio pediu a meu pai pra que **viñesen** xuntos... Mais aínda quedou alá o Pedro que era o máis novo... mais **despois** que ele saíu do ejército **tamén** o mandaron vir pr'aquí. E meu marido pediu "Ah, si esa vida está mellor alá do que aquí, eu vou pr'alá" e quixo vir pr'aquí só que veu el sosíño e me deixou a min lá cos dois fillos. Nese medio tempo o meu pai que estaba aquí traballando de garçon nun restaurante ficou desempleado... O meu pai ficou con pena de ver ós fillos traballando na pedreira e ter que sustentar a ele porque non arrumaba mais servicio... Ele cando viu que meu marido veu pr'aquí

agarrou e marchouse pr'alá pr'onda min. Transcrição fonética p. 5 (VÁZQUEZ, 1998, p. 109).

Fun traballar os dez primeiros anos cos meus tíos que tiñan un grande almacén de ultramarinos no que vendíamos de todo al por mayor ós comercios pequenos e o mellor puesto que tiñan na empresa era ser vendedor, porque pagábanche unha comisión polo que vendías e dábanche un salario fixo, pero eu empecei **barrendo** as oficinas e d'alí a facer paquetes, **despois** a encargado do depósito... Cando cheguei a vendedor eu xa tiña estudiado portugués, xa tiña feito alí o ximnasio que é coma eiquí o bachiller e **despois** fixen contabilidade. Transcrição fonética p. 8 (VÁZQUEZ, 1998, p. 110).

Meus cuñados ó comezo traballaron en pedreira **mais despois** que arrumaron un diñeiríño xa se foron pró comercio. Xa cunha carnicería e todos foron traballar en carnes... Os emigrantes enseguida púñamos una azoquería aínda que non fosemos carniceros. Transcrição fonética p. 8 (VÁZQUEZ, 1998, p. 110).

[...] e o que non, era unha padaría e o que non era padaría era un bar... Eu primeiro traballei no pesado, **despois** me arrumaron emprego e traballei nove meses de garçon nun restaurantiño alá na periferia de São Paulo e aforrei 14 contos de reis na base do sacrificio... Depois que xa tiña 14 contos de reis aforrados, decidín que de empregado non iba traballar máis e viñen pra São Paulo pra comprar un bar, **mais** encontrei cuns veci-ños meus e faláronme así: "Você non é pra trabalhar en bar, você é nervoso. ¿Por qué non compras un azogue?"... Con aqueles 14 contos, o que eu tiña, e un tío meu, que moraba nesta mesma rúa, prestoume outros 14 contos, e comprei unha carnicería boa alá en Santo André, mais en sociedade con outro rapaz de Santos, chamado Enrique, fillo de españois **tambén**. Traballamos un par de meses xuntos pero non deu certo, vendemos a carnicería aquela e eu montei outra carnicería eiquí onde teño o garaxe agora. Transcrição fonética p.12 (VÁZQUEZ, 1998, p.111).

Na emigración dos anos cincuenta e sesenta, a maioría non era cualificada, viñan das aldeas e non tiñan profesión. Esa clase de peritos viñeron nos anos sesenta cando empezaron a montar eiquí as industrias de automóbiles, viñan polo CIME que traía técnicos ós países en desenvolvemento... Os das capitales traíamos unha

profesión a maioría, **mais** onde había desenvolvemento, porque ¿que tiña Galicia de industria?, ¿e nos poblos non tiña absolutamente nada!... Cualificados eran muito poucos, inclusive viñan con documentos e declaracións falsas a maioría, porque o que viña para aquí como labrador co “modelo 20” era pra traballar no campo; entonces quen tiña un amigo carpinteiro decíalle “¡coño, fahme un documento aí de que eu traballei contigo no taller!” e non era carpinteiro. Cando viñan pr’aquí un era carpinteiro, outro era ferreiro, outro era pintor, todos tiñan profesión, pero no papel para poder vir co modelo 19 e quedar nas capitales, ¿entendes?, senón tiñan que ir pró interior... Eu eiquí non conocía a nadie e traía no bolsillo 25 pesetas sólo, que era o que costaba o pasaxe do ómnibus que viña de Santos para São Paulo... Xa cando chegamos en Santos encontramos un tipo que estaba buscando clientes prá súa pensión, era andaluz e veunos preguntar si tiñamos familia ou tiñamos pensión e entón nos convidou pra ir á pensión del... Era unha casa de dous pisos, na entrada había unha mampara de chapa e díxonos “pueden entrar ahí”. Eu pensei que era un sitio para guardar as maletas, pero alí, debaixo das escaleiras. Transcrição fonética p. 11 (VÁZQUEZ, 1998, p.111).

Pode-se, observar, que no decorrer das falas destacam-se algumas palavras galegas encontradas também na fala de pessoas do semiárido baiano. Nas transcrições foram sublinhadas algumas partes que mostram a palavra ‘mais’, como conjunção adversativa, aqui no Brasil, o ‘mais’ ao invés de ‘mas’⁹, pode ser tão comum, talvez pelas influências que ocorreram naquela época. Outro fato não tratado diretamente nesta dissertação que chama a atenção é o uso do /b/ ao invés do /v/. Sabe-se que em algumas comunidades rurais as pessoas mais velhas usam o /b/ ao invés do /v/, como no vocábulo *bassoura* ~*vassoura*. Não podemos afirmar que esse fato seja uma influência galega. No entanto, Almeida (1997) comparou processos fonéticos-fonológicos no crioulo da Guiné Bissau e em fala de crianças brasileiras aprendendo a língua, e mostrou que mesmo no crioulo essa troca de /b/ por /v/ como processo fonético-fonológico só ocorre na fala de poucos informantes, os que usam o crioulo tradicional. Isso demonstra, então, que este não é um processo comum, como é o da ditongação ou monotonção, o que pode levar a hipótese do arcaísmo.

Outra questão interessante no que diz respeito a essas entrevistas, é que as falas foram gravadas com o intuito dos informantes contarem histórias passadas, com isso, observa-se a Bahia como ponto de chegada dos galegos, e também, a intenção de trabalho, ou seja, o galego era extremamente habilidoso no campo, mas veio para a cidade com ajuda de amigos e familiares para trabalhar em padaria, açougue e etc. Nas falas são

⁹ Essa questão do *mas* e *mais* poder ser também só uma questão fonética.

provadas que caso os trabalhos não dando certo os galegos teriam que ir para o interior (para o campo). A pesquisa mostra essa necessidade de entendimento de que o galego não dando certo na cidade iria para o interior, pois era uma forma de trabalhar com sua habilidade, levando assim toda a sua forma de falar, a sua língua, a sua escrita, a sua cultura, e principalmente, a sua influência.

4 METODOLOGIA

Como já observado no decorrer do estudo, a pesquisa insere-se nos estudos do léxico, mais especificamente o léxico voltado para detectar possíveis influências do português arcaico, do galego e do espanhol. Sabe-se que nos últimos anos os estudos lexicais cresceram muito, sendo notável com os da linguística geral e da lexicologia, tendo uma maior visão da unidade lexical de uma dada língua. Neste estudo, parte-se sobre as influências ibéricas, utilizando o conceito da dialetologia e da sociolinguística.

Para os conceitos de dialetologia, sociolinguística adota-se (Cardoso, 2004); (Labov, 1972). Para a análise dos dados, adotam-se as concepções da linguística histórica e da sociolinguística. O objetivo geral da pesquisa centra-se no realizar o levantamento do léxico sertanejo, verificando se há influências da língua espanhola, do português arcaico e do galego, baseando-se, inicialmente no *corpus* da coleção *Amostras da língua falada no semi-árido baiano*.

Como objetivos específicos, almeja-se:

- 1) Conhecer/selecionar, no *corpus*, sob análise, o acervo lexical que tenha influência da língua espanhola e/ou do português arcaico/galego, buscando identificar a possível origem da lexia.
- 2) Estudar os significados das lexias sertanejas selecionadas nos dicionários tradicionais, contemporâneos e mais antigos, comparando os significados dicionarizados aos significados dados na comunidade.
- 3) Colaborar para a elaboração de um dicionário sertanejo escolar a ser usado em escolas das comunidades estudadas.
- 4) Contribuir para o desenvolvimento da investigação sobre os estudos galegos, disponibilizando uma análise acerca do tema.

Procurou-se, neste trabalho, encontrar nas comunidades as influências ibéricas na fala dos moradores do semiárido baiano e suas contribuições aos estudos sociolinguísticos e lexicais em projetos do semiárido baiano. Todos os dados direcionados aos estudos

sociolinguísticos foram analisados a partir do corpus da coleção *Amostras da língua falada no semi-árido baiano*, contendo 4 volumes, quais sejam: Volume I – *Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina)*; Volume II – *Amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina)*; Volume III- *Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu)*; Volume IV – *Amostras da língua falada na zona rural de Jeremoabo (nordeste)*.

Dessa forma, procurar-se-á contribuir com os estudos acerca do léxico no semiárido baiano, através de diversas formas como: questionamentos, opiniões e sua importância dentro da Sociolinguística. A constituição da amostra, que foi utilizada, publicada na Coleção *amostras de fala do semi-árido baiano*, se deu por iniciativa das professoras doutoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, sendo utilizada a metodologia laboviana, com entrevistas femininas e seis entrevistas masculinas. De acordo com as condições dos locais foram determinado a variável escolaridade. Os informantes têm até a quinta série ou nenhuma escolaridade, a faixa etária variou um pouco de comunidade para comunidade. Abaixo apresentaremos rapidamente as comunidades.

- Comunidade de Piabas (zona rural de Anselino da Fonseca – Caém)

A constituição da amostra na zona rural de Caem (antigo Anselino da Fonseca) foi construída a partir de um *corpus* com um conjunto de 12 inquéritos gravados na região Piabas, entre 1994 e 1996, feitas no comércio, como os moradores chamam, ou seja, povoados. Piabas é um pequeno povoado que está localizado na zona rural de Anselino Fonseca ou Caem. Caem foi fundada no século XIX, a 336 Km de Salvador, tendo uma população de 17.120 habitantes na época que as entrevistas foram feitas.

Os informantes têm no máximo o quarto ano de escolarização. As pesquisadoras ressaltam que os informantes 01 e 04 têm a terceira e quarta série primárias, respectivamente, já os demais são analfabetos ou estão na linha de analfabetos funcionais que apenas escrevem o nome. As faixas estão divididas em: Faixa 1 (20 -40), Faixa 2 (40-60) e Faixa 3 (acima de 60). Cada faixa tem 2 homens e 2 mulheres. As gravações foram feitas nas casas dos informantes, as quais foram interrompidas por pessoas curiosas, querendo saber quem eram aquelas pesquisadoras, fato curioso do trabalho. Os informantes trazem não apenas as palavras que são buscadas, mas a cultura ali inserida no decorrer das falas, algo fascinante.

De acordo com Almeida e Carneiro (2008) as transcrições foram realizadas com em uma chave de transcrição elaboradas pelas próprias pesquisadoras, e outras a partir do Projeto Vestígios de Dialectos Crioulos em Comunidades Afro-brasileiras Isoladas e do NURC (Norma Urbana Culta).

- Comunidades de Bananal e Barra dos Negros (zona rural de Rio de Contas)

As pesquisadoras acima citadas tomaram conhecimento sobre as comunidades quando foram ao Arquivo Municipal de Rio de Contas pesquisar sobre o tipo de documentação que poderia existir naquele local. No decorrer da pesquisa, as professoras conheceram a secretária responsável pelo arquivo, a mesma mencionou sobre a existência das comunidades de Bananal e Barra dos Negros que seriam resultados de possíveis influências quilombolas e também dos moradores de Mato Grosso que seriam, segundo ela, descendentes diretos dos portugueses que ali chegaram. “Como a Chapada Diamantina estava no roteiro para nossas pesquisas, resolvemos incluir as duas comunidades de negros, como uma só, no mapeamento do projeto, já que a convivência entre eles é bastante íntima” (ALMEIDA, 2008, p. 3). As comunidades estão a 18 Km a oeste da Cidade de Rio de Contas, na Chapada Diamantina. As comunidades são muito pobres, são basicamente dois núcleos pequenos, cada um com aproximadamente 400 habitantes cada. Com ensino médio completo, as pesquisadoras puderam perceber que havia apenas dois moradores. Na escola havia apenas uma sala como série primária, ou seja, era constituída de várias séries formando apenas uma. Essas comunidades acredita-se que foram criadas nos fins do período de exploração do ouro no século XIX. Uma grande parte da comunidade não se reconhece como descendentes de negros. As comunidades sobrevivem da agricultura, cada um planta e colhe sua parte, mesmo sendo um trabalho com uma terra coletiva. No caso dessa comunidade e da comunidade de Mato Grosso, as faixas foram distribuídas da seguinte forma: Faixa 1: 18-38 anos; Faixa 2: 39-58 anos; Faixa 3 a partir de 59 anos

- Comunidade Mato Grosso (zona rural de Rio de Contas)

Mato Grosso é uma comunidade muito antiga, mais até do que a sede, Rio de Contas. As pesquisadoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro encontraram uma transcrição de um relatório feito por Luiz de Siqueira da Gama (século XVIII), um desembargador que fez uma viagem pela Chapada, por ordem de D. João V, para observar o manejo e o dia a dia daquele lugar. Neste encontra-se escritos sobre suas casas e modelos, sobre a natureza ao redor da comunidade de Mato Grosso. Relata-se, também, sobre os trabalhadores, as características dos moradores dessa comunidade. Nesta região observa-se que houve muitos brancos pobres, mulatos e negros, isso mostra que houve contatos intra e interlinguísticos. No relatório do desembargador mencionava muitos paulistas e mineiros, não mencionava, no entanto, os portugueses, mas sabe-se que os portugueses foram explorar ouro.

De acordo com Almeida e Carneiro (2008, p. 3)

Na localidade existem, hoje, duas grandes famílias, os Mafras e os Freires. Dos Mafras dizem que são descendentes de portugueses e alguns, segundo os próprios informantes, já mantiveram contato com parentes distantes de Portugal. Dos Freires não há informações sobre a sua descendência. Uma outra família, a dos Guimarães, está estabelecida em Livramento, e dizem que são descendentes de Manoel de Oliveira Guimarães, cujos pais eram portugueses. Há também notícia de um português chamado Rodrigo Alves Meira que se casou no arraial de Mato Grosso em meados do século XVIII, sendo que seus descendentes estabeleceram-se em Livramento.

Em 1715 foi fundada uma capela pelos jesuítas, mas em memória oral, fala-se que os garimpeiros foram os fundadores em memória da perda de um filho. Atualmente, a comunidade tem uma escola fundamental completo, mas já houve o ensino médio. O acesso ao povoado ainda é um pouco difícil. De acordo com Almeida e Carneiro (2008) Dinah Callou fez uma subida na década de 60 para coletar material do Atlas Prévio dos Falares Baianos. Os moradores do local, ao contrário de Bananal e Barra dos Negros, plantam para vender. Nesta região também têm muitos plantadores de café, por isso, a migração não é tão grande como em outras épocas.

- Comunidade de Matinha (zona rural de Feira de Santana)

O *corpus* foi realizado com entrevistas feitas na zona rural de Feira de Santana. A comunidade escolhida foi a Matinha. Cada *corpus* tem sua própria especificidade, nesta construção a escolaridade é uma delas. As pesquisadoras comentaram que não foi possível encontrar pessoas idosas com até 3 anos de escolarização da mesma forma que foi complicado encontrar jovens analfabetos. Assim, as faixas se dividiram em: Faixa 1 (18-38 anos), Faixa 2 (39-58 anos) e Faixa 3 (a partir dos 59 anos). As entrevistas foram feitas nas casas dos informantes, dando liberdade aos mesmos nas falas, houve a presença do circunstanciador (circ) que fizeram com que as falas ficassem mais coloquiais.

No povoado da Matinha existem algumas escolas de ensino fundamental, os moradores mantêm um contato grande com a cidade de Feira de Santana, pois vendem a produção agrícola nas feiras do município. Dessa forma, pode-se pensar que o povoado mais é uma mera área agrícola dentro de uma região urbana, os próprios moradores entendem isso como verdadeiro.

De acordo com Almeida (2008)

A origem da Matinha não é muito certa. Alguns dizem que este povoado se originou de um antigo quilombo. Os informantes disseram que o povoado foi fundado em uma época em que uma peste assolava a região, ao que parece início do século XX. Duas moradoras que tinham fazendas no lugar fizeram uma promessa, dizendo que se a peste não chegasse até as suas terras, elas ergueriam uma capela, e segundo contam foi o que aconteceu, como mostra na fala de um informante. (ALMEIDA, 2008, p.4)

Falar da Matinha é falar de Feira de Santana, uma cidade com mais de 500 mil habitantes, foi um pouso para boiadas e vaqueiros que vinham de várias regiões e ali paravam para descansar e vender produtos. Em 1950, o município começa com um crescimento grandioso, por conta da expansão industrial, passa a receber pessoas da zona rural do município e de outras regiões, tanto de estado como de outros estados do nordeste. Com tantas falas começa a interação das diversas variedades formando a variedade linguística. Houve nesse sentido grande motivação externa para resultarem a variedade linguística atual.

- A constituição da amostra na zona rural de Jeremoabo (Casinhas, Lagoa do Inácio e Tapera)

O município de Jeremoabo está localizado nos entornos da seca (formação de vários povoados rurais), a uma distância de 371 Km de Salvador. Possui uma população rural, basicamente 60,2% dos habitantes moram no campo. Jeremoabo tem em seu termo originado da língua indígena “plantação de abóbora”, primeiros povos foram da tribo tupinambás. Jeremoabo foi importante polo de povoamento do nordeste baiano, ao seu redor surgiram outros municípios: Tucano, Monte Santo, Cícero Dantas, Pombal e etc. No século XVIII, constata-se uma miscigenação de índios com brancos, já miscigenação com negros foi depois de um período colonial.

As pesquisadoras escolheram Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio para fazer parte do *corpus* linguístico da zona rural de Jeremoabo. A população de Casinhas é formada por negros, de Tapera por índios e por mestiços de brancos em Lagoa do Inácio que pode favorecer variações linguísticas.

- Casinhas

É um povoado predominantemente por negros e mestiços, localizada a 35 km do município, sendo uma comunidade formada por quilombos. O primeiro nome dado ao povoado foi Cacete Armado. Atualmente, o povoado tem energia elétrica, antes não encontrada, a água é distribuída por uma bomba, na época das pesquisas ela estava quebrada há quase um ano

- Lagoa do Inácio

Formada por mestiços de brancos, situa-se cerca de 35 Km da sede do município. O nome do povoado se deu em homenagem ao fazendeiro Inácio, rico e de origem portuguesa, senhor de muitos escravos. O parentesco é muito grande na comunidade citada. Possui uma boa infraestrutura de energia e água.

- Tapera

Apenas 9 Km da sede do município, Tapera possui dificuldades ao acesso, pois o povoado é formado de pequenas roças e sítios. Os moradores, em sua maioria, são descendentes de índios, principalmente percebido pela estrutura física. O povoado tem uma rede energia elétrica e possui uma fonte natural de água cristalina.

O *corpus* foi formado por 36 inquéritos, em 2001, sendo gravadas 12 entrevistas em cada comunidade. Porém, na pesquisa foram utilizados 12 inquéritos de Casinhas e 6 de Tapera e Lagoa do Inácio. As entrevistas foram feitas a partir de: experiências pessoais, alimentação, viagens, trabalho, infância, política etc. As gravações foram feitas nos momentos de folga dos informantes, com exceção de algumas lavadeiras que trabalhavam no momento da entrevista. A faixa etária foi distribuída da seguinte forma, nas três localidades de Jeremoabo: Faixa 1 (15-25), Faixa 2 (35-45) e idosos, Faixa 3 (55-65).

Nos anexos são encontrados todos os mapas das regiões estudadas: O primeiro a região semiárida, segundo Rio de Contas – Chapada Diamantina, terceiro Anselino Fonseca – Piemonte da Diamantina, quarto Feira de Santana – Paraguaçu e o quinto Jeremoabo – Nordeste.

4.1 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Realizamos, em primeiro momento, a leitura da coleção *Amstras da língua falada no semi-árido baiano* e o levantamento das unidades lexicais que contemplam as influências ibéricas, a partir de um conhecimento prévio sobre a fala dos galegos e também um conhecimento do espanhol.

Abaixo representamos a Coleção utilizada para o estudo.

Foto 1: Amostra da Língua Falada na Zona Rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina)



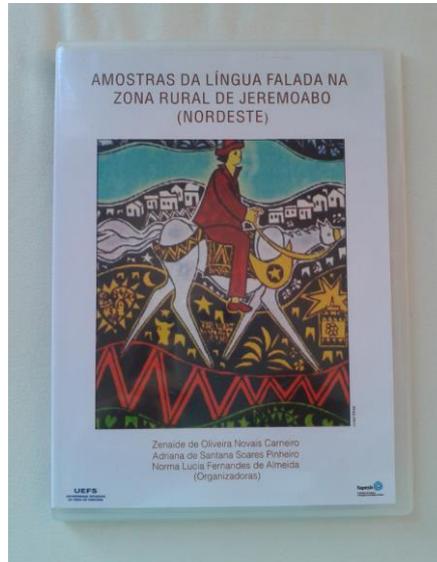
Fonte: acervo pessoal

Foto 2: Amostra da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina)



Fonte: acervo pessoal

Foto 3: Amostra da Língua Falada na Zona Rural de Jeremoabo (Nordeste)



Fonte: acervo pessoal

Foto 4: Amostra da Língua Falada na Zona Rural de Feira de Santana (Paraguáçu)



Fonte: acervo pessoal

Partimos para um *corpus* dicionarístico, referente à terminologia ibérica, e posteriormente, organizamos um *corpus* com dezessete unidades lexicais. Depois da recolha das unidades lexicais foram organizadas em fichas lexicográficas. Chamamos a atenção para o fato de que no semiárido existem outras palavras que poderiam ser consideradas arcaísmos, como *bassoura*, por exemplo, mas trabalhamos apenas com as que apareceram nas entrevistas.

4.2 FICHAS LEXICOGRÁFICAS

Para analisar os dados, criamos uma ficha lexicográfica, cada unidade lexical possui uma ficha.

DESPOIS
<hr/> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Bluteau (1728): ➤ Moraes Silva (1789): ➤ Pinto (1832): ➤ Houaiss (2001): ➤ Aurélio (2004): ➤ Origem da palavra Machado Filho (2013): <hr/>
Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas
<p>P. 115 Circ 1: “Já tá certo em seu carro, fique em seu carro, amanhã, eu... Despois o dono do carro vem: áh porque você tirou passageiro...”</p>

Figura 9: Ficha Lexicográfica

A ficha é constituída de alguns elementos. Na parte superior, destaca-se a unidade lexical que será estudada. Logo abaixo, destacam-se os cinco dicionários consultados para a análise. A última parte é composta pelos exemplos da unidade lexical, encontrada no *corpus* da coleção amostras da língua falada no semi-árido baiano.

Com as fichas, observamos o período de cada autor, entendendo se a unidade lexical estudada é/ou não dicionarizada, podendo reconhecer até mesmo sua origem. A ficha pode ajudar a reconhecer se a unidade lexical já existia no período colonial – por exemplo - e se definindo como uma ferramenta de auxílio na quantificação e comparação dos dados.

Abaixo uma ficha lexicográfica completa.

DEPOIS

-
- **Bluteau (1728):** DEPOIS, ou Depois. Vid. no seu lugar.
 - **Moraes Silva (1789):** DEPOIS v. depois.
 - **Pinto (1832):** não encontramos nada.
 - **Houaiss (2001):** DEPOIS: advérbio. Uso: antigo e informal. Depois
 - **Aurélio (2004):** Advérbio. 1. Ant. Pop. Depois
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013):** depois
 - Hipótese da Pesquisa: Galeguismo

Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas

P. 115 Circ 1: “Já tá certo em seu carro, fique em seu carro, amanhã, eu... **Despois** o dono do carro vem: áh porque você tirou passageiro...” (m, 79 anos, analfabeto)

P.37 Inf: “ Aí **despois**, quando seca, a hente vai botar fogo, queima, quande chove a pessoa planta. Aí vai capinando dois ano aquela roça”.(m, 28 anos, analfabeto)

P.37 Inf: “ Aí **despois** bota tudo no fogo, manda brasa.”(m, 28 anos, analfabeto)

P.41 Inf: “A premeria vez que eu fui, inda arrumei serviço fácil-fácil. **Despois**, eu fui, outra vez aí me dei mal.” (m, 28 anos, analfabeto)

P.59 Inf: “Então, os meu filho tudo sabe a ler. Trabalhei no solto, **despois** vim com... eles enxerga p’onde é que vai, né?” (m, 53 anos, analfabeto)

P.63 Inf: “Eu errej, né? As **despois** eu quis repeti, eu digo não deixa ver...” (m, 53 anos, analfabeto)

P.64 Inf: “**Despois** que ganhou, ali esquece, qu’eles nem anda aqui só anda aqui em quatro e quatro ano. (m, 28 anos, analfabeto)

P 64 Inf: “ Ah! **Despois** que ganhar, agora aí... diz que no... num tem nada de ruim pa... pra pobreza, né? É tudo de bom, né? Mas quando ganha, eles esquece disso aí, né?” (m, 28 anos, analfabeto)

P. 65 Inf: “É, puxei a luz, o rapaz me deu, que fica na casa dele, e aí eu comprei os fio e puxei, **despois** os vizinho foi pedino e nós fomo dano p’os vizinho, né?” (m, 53 anos, analfabeto)

Figura 10: Ficha Lexicográfica esquematizada

4.3 DICIONÁRIOS UTILIZADOS

Para a análise dos verbetes, utilizamos obras lexicográficas como referencial para a pesquisa, a saber:

- 1) *Vocabulario Portuguez e Latino*, de P. Raphael Bluteau (século XVIII). Selecionamos este dicionário por contemplar grande parte do léxico da língua portuguesa até o início do século XVIII. O dicionário citado é completo em até cinco vezes o vocabulário até então dicionarizado, e também, por ser contemplado pelos pesquisadores da área lexicográfica da língua portuguesa. A obra de Bluteau (1728) não é apenas uma simples obra que mostra palavras, trata de diversos conceitos, e por isso, deve ser considerado mais que um dicionário, como também, um vocabulário enciclopédico.

A construção do *Dicionário Vocabulário Portuguez e Latino* tomou grande parte da vida de Bluteau, foram quase 50 anos de dedicação. O autor faz uma dedicatória a D. Joao V, reafirmando a necessidade de uma obra para contemplação da língua portuguesa de Portugal, e ainda mais do Rei. Observa –se, neste momento, a confirmação de uma outra grande função, a função política delimitada nas unidades lexicais encontradas no decorrer da obra.

- 2) *Diccionario da Língua Portuguesa*, de António de Moraes Silva do século XIX. O autor toma como base o *Vocabulário Portuguez e Latino* de Bluteau. Moraes finaliza seu trabalho na construção do dicionário, também, a partir de outros autores, talvez o pesquisador utilize até mais do que Bluteau e, ainda, por influência do Tribunal do Santo Ofício e pela censura literária. O Dicionário de Silva, de acordo com alguns estudiosos, pode ser considerado como o primeiro dicionário, realmente utilizado no uso da língua portuguesa. Na presente pesquisa, utilizamos o dicionário digitalizado (USP), de 1789
- 3) *Diccionario da Língua Brasileira*, de autoria de Luis Maria da Silva Pinto, em 1832. O *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luis Maria da Silva Pinto foi impresso em 1832, sendo conhecido como o primeiro livro de Minas Gerais. O autor era um goiano que morava em Ouro Preto, e de acordo com estudiosos, seu dicionário é revolucionário por tratar da ‘Lingua Brasileira’, demonstrando uma independência com relação a metrópole.
- 4) *Dicionário Houaiss*. O *Dicionário Houaiss* foi elaborado pelo lexicógrafo Antônio Houaiss, em 1985. Conhecido como um dicionário de língua portuguesa, sua primeira edição foi lançada em 2001, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Antônio Houaiss. Para a composição do dicionário, mais de 150 especialistas brasileiros, angolanos, portugueses e timorenses foram consultados. O Dicionário é bem completo, principalmente pelas palavras arcaicas encontradas para contemplar o estudo. Ele contem 376.500 acepções, 228.500 verbetes, 26.400 antônimos, 415.500 sinônimos e 57.000 palavras arcaicas. Contendo, além de tudo, a etimologia de cada palavra. Por toda contemplação com o dicionário Houaiss, o Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia editou dois pequenos dicionários: o *Dicionário de Conjugação Verbal* e *Dicionário de Sinônimos e Antônimos*.

- 5) Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2004. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, é conhecido como um dicionário padrão da língua, contendo grande número de brasileirismos. O dicionário foi escolhido por, apesar de ter contar com limitações, ter um grande número de exemplos baseados na fala e na escrita, priorizando o estudo proposto. Contendo variação linguística ampla para o território nacional. É um dicionário muito conhecido e muito utilizado em diversos grupos da sociedade: escolas, universidades, pesquisas.
- 6) O Dicionário Etimológico do Português Arcaico, de Américo Venâncio Lopes Machado Filho, 2013. O Dicionário objetiva, pois, preencher a lacuna bibliográfica existente do registro da variação e da mudança linguística, com vistas a servir de contributo relevante para o conhecimento, ainda disperso, da história interna e externa do léxico da língua portuguesa, sobretudo da sua etimologia. Incorpora elementos lexicais e suas correspondentes variantes gráficas, patentes, em obras literárias e não literárias produzidas no espaço temporal compreendido entre o século XIII e inícios do XVI.

5 INFLUÊNCIAS IBÉRICAS: UMA APRESENTAÇÃO NO *CORPUS* “A LÍNGUA FALADA NO SEMI-ÁRIDO BAIANO”

Conforme relatado anteriormente sobre o banco de dados e os dicionários consultados, apresentam-se agora as palavras de influências ibéricas encontradas dentro do *corpus* “A Língua Portuguesa no Semi – Árido Baiano”. Assim, foram construídas algumas fichas lexicográficas, utilizando três dicionários antigos (Bluteau, 1728; Moraes Silva, 1789 e Pinto, 1832) e três dicionários contemporâneo Houaiss (2001), Aurélio (2004) e Dicionário Etimológico do Português Arcaico (2013).

Foram pesquisadas/encontradas dezessete palavras arcaicas - galegas dentro do *corpus*.

DEPOIS

- **Bluteau (1728):** DEPOIS, ou Depois. Vid. no seu lugar.

- **Moraes Silva (1789)**: DEPOIS v. depois.
- **Pinto (1832)**: não houve registro.
- **Houaiss (2001)**: DEPOIS: advérbio. Uso: antigo e informal. Depois
- **Aurélio (2004)**: Advérbio. 1. Ant. Pop. Depois
- **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: depois.
- Hipótese da pesquisa: Galeguismo¹⁰

Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas

P. 115 Circ 1: “Já tá certo em seu carro, fique em seu carro, amanhã, eu... **Despois** o dono do carro vem: áh porque você tirou passageiro...” (m, 79 anos, analfabeto)

P.37 Inf: “ Aí **despois**, quando seca, a hente vai botar fogo, queima, quande chove a pessoa planta. Aí vai capinando dois ano aquela roça”. (m, 28 anos, analfabeto)

P.37 Inf: “ Aí **despois** bota tudo no fogo, manda brasa.” (m, 28 anos, analfabeto)

P.41 Inf: “A premeria vez que eu fui, inda arrumei serviço fácil-fácil. **Despois**, eu fui, outra vez aí me dei mal.” (m, 28 anos, analfabeto)

P.59 Inf: “Então, os meu filho tudo sabe a ler. Trabalhei no solto, **despois** vim com... eles enxerga p’onde é que vai, né?” (m, 53 anos, analfabeto)

P.63 Inf: “Eu errej, né? As **despois** eu quis repeti, eu digo não deixa ver....” (m, 53 anos, analfabeto)

P.64 Inf: “**Despois** que ganhou, ali esquece, qu’eles nem anda aqui só anda aqui em quatro e quatro ano. (m, 53 anos, analfabeto)

P 64 Inf: “ Ah! **Despois** que ganhar, agora aí... diz que no... num tem nada de ruim pa... pra pobreza, né? É tudo de bom, né? Mas quando ganha, eles esquece disso aí, né?” (m, 53 anos, analfabeto)

¹⁰ A palavra “galeguismo” está denominando as palavras de origem galega. Fazemos uma ressalva, pois não foi encontrado essa nomeação na literatura, mas acredita-se, que a palavra “galeguismo” pode dar conta do que pode-se chamar de origem galega.

P. 65 Inf: “É, puxei a luz, o rapaz me deu, que fica na casa dele, e aí eu comprei os fio e puxei, **despois** os vizinho foi pedino e nós fomo dano p’os vizinho, né?” (m, 53 anos, analfabeto)

P. 68 Inf: “Lá vai, lá vai. **Despois** de tudo pronto, quietou, parou. **Despois** continuou agora, né? Aí disse: “é, mai o senhor num pode entrar lá poque... lá só pode ser de... dois quilometro, pra cá, né?” (m, 53 anos, analfabeto)

P. 69 Inf: “**Despois** andou até pr’um...levou em Jesus da Lapa, aí em cima muito longe, de Butirama para lá muito.” (m, 53 anos, analfabeto)

P.69 Inf: “Então, já tava lá, tudo bem, tudo dano certo, lá eu fiquei. As **despois**, disse: “Num tem que ser de dois quilometro pa trás, maih de dois quilometro num pode ir não”. (m, 53 anos, analfabeto)

P.70 Inf: “Ajunta, aqui ajuntava, mas **despois** que fizeru uma Reforma aqui... aqui pa Pindobaçu dos...” (m, 53 anos, analfabeto)

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

P.241 Inf: “**Adespois** que...que eles fizeram essas coisa aí que... que saiu no jornal e agora eles tá voltano. (m, 59 anos, analfabeto)

P.234 Inf: “A gente imprensa ela, **despois** que a seca, a gente cessa e joga no forno e vai mexeno com rodo”. (m, 59 anos, analfabeto)

P.234 Inf: “ A gente ranca mandioca, raspa, **despois** vai relar, uma rodinha de mão.” (m, 59 anos, analfabeto)

P. 212 Inf: “Aí **despois** que fecharam a água, a água veio, veio matano...” (m, 59 anos, analfabeto)

P.206 Inf: “[...] E, **despois** fui pegano nas morada e os menino...menino... dela que

mora nessa daí, certo....” (m, 59 anos, analfabeto)

P.196 Inf: “ **Despois** é que abriu a estrada pra cá” (m, 59 anos, analfabeto)

P.113 Inf: “ [...] mas **despois** qu’ela morreu, aí o... o chefe daí, ca gente conhecia falou: “é agora pa você receber, ocê tem que ponhar adevogado.” (m, 42 anos, alfabetizado)

P.14 Inf: “Essa...esse aí agora num teve peixe não, **despois** que fez barragem, aí agora a água subiu muito...”

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana- Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

Não houve registro

APOIS

- **Bluteau (1728)**: não houve registro.
- **Moraes Silva (1789)**: não houve registro.
- **Pinto (1832)**: não encontramos nada.
- **Houaiss (2001)**: conjunção. Uso: informal. m. q. *pois* (etimologia: a+ pois)
- **Aurélio (2004)**: [De a-⁴+ *pois*.] Conjunção. 1. Pop. Pois.
- **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro

➤ Hipótese da pesquisa: arcaísmo

Corpus Piemonte de Diamantina Comunidade de Piabas

P. 111 Inf: “**Apois** só isso aí. Ói, num vou numa brincadeira de...de...de samba, eu num vou de...de [inint], eu num vou em brincadeira de...do...do...de festa de safona, e nem de radiola, e nem de nada. (f, 60, analfabeta)

P.114 Circ 1: “**Apois**, é isso q’eu tou {rastre}, procurando homem [inint] p’eu botar a muié, botar a muié mais...eu quero saber se o dela cai quinta-feira, no dia...[inint]...” (m, 79 anos, analfabeto)

P.114 Circ 1: “**Apois, Apois**, era esse que eu tava quereno, é esse causo que a muié mandou dizer a minha muié...” (m, 79 anos, analfabeto)

P. 115 Circ 1: “**Apois** o acerto com ela que é têça-feira, né?” (m, 79 anos, analfabeto)

P. 115 Circ 1: “ **Apois** tá certo. **Apois**, ela vai mais o senhor. Ele vem panhar ou é pa ir pa lá? (m, 79 anos, analfabeto)

P.115 Circ 1: “**Apois**, tá certo, eu conto com ela, viu? Conto com ela, já vou dizer a ela qu’é mais o senhor, viu?” (m, 79 anos, analfabeto)

P.115 Circ 1: “**Apois**, eu digo a ela pa vim por tá o senhor pa acabar de conversar que é têça-feira, qu’ele é doidinha....” (m, 79 anos, analfabeto)

P.115 Inf: “**Apois** tá aí, ói...” (m, 79 anos, analfabeto)

P.126 Inf: “[...] Disse: **Apois**, que diz o povo que’ele gosta de inté debaixo do...debaixo d’uma [inint] um pé de pau que tem lá em casa mehmo tem muitos” (m, 79 anos, analfabeto)

P. 126 Inf: “Disse: “**Apois** tá acabado, porque o sangue do meu fio eu não dou”. (m,

79 anos, analfabeto)

P.128 Inf: “**Apois**, o padre c ‘a barba aqui parecendo um... um de nós ói muié. É! Eu digo: ocê, eu... São Cristovão? Não vi São Cristovão nunca. (m, 79 anos, analfabeto)

P.129 Inf: “[...] Eu digo: “**Apois** eu vou tecer tia. Eu já teci tanto assim”. Não... ela pricipiou, nos entregou e eu teceno...” (m, 79 anos, analfabeto)

P.130 Inf: “[...] **Apois** lutaru até que... já tinham dado um tiro nele, quer dizer, ninguém sabe quem foi...” (m, 79 anos, analfabeto)

P.131 Inf: “[...] Mai o povo diz **apois**, mas já é a ordem de Deus. Deus num disse... ao...ao cão p’ele....” (m, 79 anos, analfabeto)

P.8 Inf: “[...] **Apois**, eu nunca sair, pois tou esperano o carro pra fazer um trabalho em Pedras Altas. Ói! Queria sair, é?” (f, 28 anos, 3 série)

P.16 Inf: “ **Apôis**, eu sou neta dele...” (f, 30 anos, analfabeta)

P. 17 Inf: “**Apois** M.L. é meu avô [sim, mamãe, sim]” (f, 30 anos, analfabeta)

P.35 Inf: “...num fui! [inint]. **Apois**, a pessoa depois de... de tá criada. Enquanto tá pequeno tem fugurança. Eu tenho mais.... uma fugurança pouca. (m, 28 anos, analfabeto)

P.35 Inf: “ É...[risos]. Até o apelido o cara já sabe. **Apois** a minha muié.... a minha muié do casal era sobrinha dela. Era, não é? [inint] (m, 28 anos, analfabeto)

P. 101 Inf: “ **Apois** é. Eu criei meus filhos já num foi, oh, já não foi como, oh....” (f, 60 anos, analfabeta)

P.107 Inf: “ **Apois** é. Assunte, isso aí, é o tombo caçando jeito da vida que o parente num é daqui da minha terra não. Num foi?” (f, 60 anos, analfabeta)

P.108 Inf: “ **Apois** ninguém botou. O lugar que nós acha água, hoje nós tá achano que Deus deixou até [inint] de água, pode ser onde for...” (f, 60 anos, analfabeta)

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

P.262 Inf: “ óia, **apois** se ele carrega os dinheiro tudo das igreja como'é que ele não tem dinheiro. Ele tem”. (f,60 anos, analfabeta)

P.253 Inf: “É perigoso. É, é, **apois**.” (f,60 anos, analfabeta)

P.261 Inf: “ **Apois** se ele fica na igreja, moço.” (f,60 anos, analfabeta)

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

P.90 Inf: “**Apois** desceno assim o tanque ali tem lugar que não tem energia, tão perto, né? Tão perto.” (f, 42 anos, 4 série)

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P.180 Inf: “Mulé, **apois**, é.” (f, 55 anos, analfabeta)

P.107 Inf: “[...] costume grosso, **apois** fumei todim, mas tomem se minha mãe mais meu pai num tivesse perto....” (m, 36 anos, 2 série)

P.150 Inf: “ [...] **Apois** eu como frita aí ói, já sabe [risos]. Cuscuze, assim, s’eu comer um pedacinho uma vez, num como as duas. (f, 62 anos, analfabeta)

P.150 Inf: “[rindo] **Apois**, num pode, né? O....a farinha, e a carne é pa ser assada, eu passo de mão, vou comeer conziada, ói!” (f, 62 anos, analfabeta)

P. 152 Inf: “ [...] **Apois**, né!” (f, 62 anos, analfabeta)

entrevista 2

P.4 Inf: “ Ela mandava, **apois** ela me manda ir lá, de vez em quando, mas dizem que o pai...” (m, 21 anos, 2 série)

entrevista 3

P. 59 Inf: “ [...] é desse logo, fica pa cair **dapois** não é bateno e desceno.” (m, 64, 2 série)

P.58 Inf: “ **Apois** é cada um saco p’uma tarefa.” (m, 64, 2 série)

ENTONCES

-
- **Bluteau (1728)**: não houve registro.
 - **Moraes Silva (1789)**: v. então. Men e Moça z.e.15
 - **Pinto (1832)**: não houve registro.
 - **Houaiss (2001)**: ENTONCES: advérbio. Diacronismo: arcaico. e infm. então
 - **Aurélio (2004)**: Advérbio. 1.Bras. Pop. Arc. V. *entonce*
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013)**. Não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo.
-

Corpus Piemonte da Diamantina Comunidade de Piabas

P. 99 Inf: “[risos] **Entonces?** É. (m, 52 anos, analfabeto)

P.138 Inf: “Quando ele fugiu, né? **Ontonce** ele fugiu e diz que viajava, viajava pelo mato. Aí quando foi um dia, diz qu’ele tava de riacho...” (m, 73 anos, analfabeto)

Corpus Rio de Contas

entrevista 1

P. 227 Inf: “[...] **Entonce**, num tou fazeno mai não!” (f, 60 anos, analfabeta)

P.80 Inf: “ **Entonce** onde a gente vai mais mehmo, a cidade perto que nós tem aqui é o Rio de Conta.” (f, 26 anos, 3 série)

P.90 Inf: “É. **Entonce**, você sabe que as vez o remédio num tá aqui, a gente vai procurar lá caro, e sabeno que a gente precisa de remédio.” (f, 26 anos, 3 série)

P.217 Inf: “[...] **Entonce** se a escola era aqui. Aqui, de toda vida, a gente veve do trabaio, então o pai achou que ir para roça dava mió.” (f, 60 anos, analfabeta)

P.220 Inf: “[...] **Entonce** de toda a vida foi sofrido aí, essa menina. Dava fazer promessa e tudo, eu fiquei...” (f, 60 anos, analfabeta)

P.224 Inf: “[...] **Entonce**, nói é só uma famia só, nós é primo, né?” (f, 60 anos, analfabeta)

P. 224 Inf: “[...] **Entonce**, ele viu tudo aquilo, ele viu que dava pa mode cuidar dele [risos].” (f, 60 anos, analfabeta)

P.226 Inf: “É! Aí agora, pa carregar a gente tem que levar na cidade. **Entonce**, num pode assistir, só o jornal!” (f, 60 anos, analfabeta)

P.224 Inf: “[...] **Ontonce**, ele... ele viu ali meu jeito. Aí agora, ele aguardou, né? Aguardou.” (f, 60 anos, analfabeta)

P.218 Inf: “[...] Porque todo domingo tem culto, todo domingo **ontonce** eu gosto d’assistir, né!” (f, 60 anos, analfabeta)

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P.154 Inf: “[...] menino pra **Entonce** nós fazer um pouquinho de doce porque domingo tem jogo aqui...” (f, 62 anos, analfabeta)

P. 154 Inf: “[...] é pra **entonce** nós remar nossa vida. {batizo} era esse”... (f, 62 anos, analfabeta)

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

MENHÃ

- **Bluteau (1728):** MENHAÃ. Vid. Manhã.
 - **Moraes Silva (1789):** não houve registro. (AMANHECER)
 - **Pinto (1832):** não houve registro. (ANTEMANHÃ E MANHÃA)
 - **Houaiss (2001):** MENHÃ: substantivo feminino. Uso: antigo e informal. manhã.
 - **Aurélio (2004):** Substantivo feminino. 1. Bras. Pop. Ant. Manhã.
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013):** não houve registro.
 - Hipótese da Pesquisa: Galeguismo.
-

Corpus Piemonte da Diamatina – Comunidade de Piabas

P.36 Inf: “ Não, aqui tenho... vai fazer quinze dia **amenhã**”. (m, 28 anos, analfabeta)

Corpus Rio de Contas- Chapada

entrevista 1

Não encontramos nada

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

LUITA

-
- **Bluteau (1728):** não houve registro.
 - **Moraes Silva (1789):** não houve registro.
 - **Pinto (1832):** não houve registro.
 - **Houaiss (2001):** LUITA: substantivo feminino. Diacronismo: arcaico.
 - **Aurélio (2004):** [Do lat. *lucta*, com vocalização.] Substantivo feminino. 1. Arc. Luta. [Cf. *loita* e *aloite*.]
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013):** não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Arcaísmo.
-

Corpus Piemonte de Diamantina – Comunidade de Piabas

Não houve registro

Corpus Rio de Contas – Chapada**entrevista 1**

P.130 Inf: “ E pra... e pra{agradar} hoje é uma **Luita**”. (f, 48 anos, analfabeta)

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas**entrevista 1**

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

PROQUE

- **Bluteau (1728)**: não houve registro.
 - **Moraes Silva (1789)**: não houve registro.
 - **Pinto (1832)**: não houve registro.
 - **Houaiss (2001)**: não houve registro.
 - **Aurélio (2004)**: não houve registro.
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Arcaísmo.
-

Corpus Piemonte Diamantina – Comunidade de Piabas

Não houve registro

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista1

P.229 Inf: “[...] **Proque** hoje em dia eles já exigino muito a leitura, né? Tem que...Do serviço, ele já passa po colégio pa poder chegar em casa.” (f, 60 anos, analfabeta)

P 112 Inf: “ A qualquer momento, num é **proque** tá desse jeito que pra Deus nada é difici, né? (m, 42 anos, alfabetizado)

P. 187 Inf: “[...] **proque** já tava cansado, num guentava viajar mais, né! Inté hoje ele tá sem receber um centavo.” (f, 49 anos, 2 série)

P. 220 Inf: “[...] **Proque** óh, muita gente falava comigo, “áh M. essa menina não sarar, **proque** esse probrema não sara, vai dar um tempo de barriga dela crescer demais, estourar, ela não vai sarar”. (f, 60 anos, analfabeta)

P.228 Inf: “ [...] “Ah! Mais **proque** é M., que esse povo só dá mais assintêça pra ocê? [...] **Proque**, se eu tiver necessitando ou ocês, memo que ocê tá ganhano por aquilo...” (f, 60 anos, analfabeta)

P. 229 Inf: “É assim direto! **Proque** ... e vai estudar ainda.” (f, 60 anos, analfabeta)

entrevista 2

P.167 Inf: “ Não, i eu... **proque** isso gente vê os... os cantor cantano, a gente...” (m, 75 anos, analfabeto)

P.164 Inf: “ [...] Mas aqui tem nome Mato Grosso **proque** isso aqui é lugar, dessas....” (m, 75 anos, analfabeto)

P.164 Inf: “ Bom, aí esse pessoale eu num conheci não, **proque** os escravo já foi... já faz muitos...” (m, 75 anos, analfabeto)

P. 166 Inf: “ [...] Não, lá é um lugar bom, mas pra viver lá eu num acho bom **proque** hoje nós aqui, deu anoite, pode largar as porta tudo aberta aí que ninguém tem medo...” (m, 75 anos, analfabeto)

Corpus Feira de Santana – Matinha

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P. 154 Inf: “[...] A gente trabaia **proque**, que dizer que o...o meio da gente é aquele...” (f, 62 anos, analfabeta)

P. 152 Inf: “[risos] **proque** a festa de ano n’era, já tinha...” (f, 62 anos, analfabeta)

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

ESPRITO

- **Bluteau (1728):** não houve registro.
 - **Moraes Silva (1789):** ESPRITO: por espirito. Camões, Ferreira, Bernades.
 - **Pinto (1832):** ESPRITO: por. Contração de Espirito.
 - **Houaiss (2001):** ESPRITO: 1 substantivo masculino. Uso: antigo e informal. m.q. ESPÍRITO. 2 regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal. qualquer bebida alcoólica.
 - **Aurélio (2004):** [Var. sincopada de *espírito*.] Substantivo masculino. 1. Ant. Pop. Espírito. 2. Bras. N.E.Pop. Qualquer bebida espirituosa.
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013):** não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Arcaísmo.
-

Corpus Piemonte Diamantina

Não houve registro

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P. 167 Inf: “[...] Daí apareceu duas menina que se **espiritou-se**”. (m, 54 anos, 4 série)

P. 165 Inf: “[...] inda se tiver um **espírito** maligno atentando a criança pra fazer coisa errada...” (m, 54 anos, 4 série)

P.167 Inf: “[...] de **espírito**, se **esprita**, se **espírito** ou não sei o quê!” (m, 54 anos, 4 série)

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

TAMÉN

➤ **Bluteau (1728):** não houve registro

- **Moraes Silva (1789)**: não houve registro
- **Pinto (1832)**: não houve registro
- **Houaiss (2001)**: não houve registro
- **Aurélio (2004)**: não houve registro
- **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro.
- Hipótese da pesquisa: Galeguismo.

Corpus Piemonte Diamantina – Comunidade de Piabas

P. 148 Inf: “ [...] [inint] tem outa **tamém**, tem ... tem muita gente que tem se dado muito bem, né? Não pode falar nada. Das vez vem, o problema que veio sara...” (f, 70 anos, analfabeta)

P. 33 Inf; “ [...] foi ino aquele terra foi apodreceno **tamém** aí es... estacou [inint]” (m, 28 anos, analfabeto)

P. 34 Inf: “ Cobra **tamém** já acabou, é muito difícil, e a coisa do mah difícil do mundo a pessoa ve uma cobra...” (m, 28 anos, analfabeto)

P. 36 Doc 1: “ [...] a que vem de lá **tamém** que entra assim pro lado de cá, né?” (m, 28 anos, analfabeto)

P.38 Inf: “ [...] aí agora, a cana **tamém** dá a mehma coisa da mandioca. Eles compra o álcool despeja dento a garapa da cana, tá a cachaça.” (m, 28 anos, analfabeto)

P.38 Inf: “ **Tamém** nem existe mah não, já acabou”. (m, 28 anos, analfabeto)

P.39 Inf: “ Numa, no tempo, depende **tamém** da casa de farinha, sabe?” (m, 28 anos, analfabeto)

P.39 Inf: “ A minha mãe **tamém** cende, mas eu mehmo num...num sou muito pegado essas coisa não.” (m, 28 anos, analfabeto)

P.39 Inf: “ Não. Morreu um. Minha mãe **tamém** teve uma barriga de dois. Morreu um ficou o outro.” (m, 28 anos, analfabeto)

P.39 Inf: “ Ali na Piaba ali teve outa mulher **tamém** que teve uma barriga de doi **tamém**. (m, 28 anos, analfabeto)

P.40 Inf : “ [...] qu ‘eu posso boto minha roça aí **tamém**, num sabe?” (m, 28 anos,

analfabeto)

P.43 Inf: “ [...] Aí **tamém** quando eu vi que ele ia mim matar, muito tempo só jurava de mim matar, panhava espingarda pra mim. Me rabava com foice **tamém** pa mim cortar o pesçoço. (m, 28 anos, analfabeto)

P.43 Inf: “ [...] Cachoeira Grande **tamém** daí pra cá, aí depois que’eu vim embora pra cá eu fui. (m, 28 anos, analfabeto)

P.77 Inf: “ Não senhora **tamém**, nem eles...” (f, 40 anos, analfabeta)

P.81 Inf: “ É ele **tamém** ele...ele...ele **tamém** quasemente que farinha **tamém** num tem. (f, 40 anos, analfabeta)

P.85 Inf: “ É C., acho que R., e **tamém** eu, né? (m, 52 anos, analfabeto)

P.123 Inf: “É porque eu tou chegano **tamém**.” (f, 74 anos, analfabeta)

P.128 Inf: “[...] Eu **tamém** des’ da minha mãe se acabou lá, eu fiz carancero pa não ir mais lá e num vou lá assim...” (f, 74 anos, analfabeta)

P.129 Inf: “ [...] “Mais comade D., já conheci que vosmicê, mehmo é chichilada **tamém**. Porque a hente largano um demônio...” (f, 74 anos, analfabeta)

P.138 Inf: “[...] É assombrado **tamém**”. (m, 73 anos, analfabeto)

P.144 Inf: “Seno assim tiro pegou nele **tamém**”. (f, 70 anos, analfabeta)

P.146 Doc: “Pega pr’aqui **tamém** ai no rio. Eles pega no rio e sai botano...” (f, 70 anos, analfabeta)

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

P.228 Inf: “[...] ocê **tamém** num gosta, você vai memo, mai ocê já num tem mai aquele carinho, né? Num tem! (f, 60 anos, analfabeta)

P. 19 Inf: “ [...] com esses ano seco assim, **tamém**, o bicho **tamém**, encurtou **tamém**. Deixou mais **tamém**.” (m, 25 anos, alfabetizado)

P.20 Inf: “ Tem o coco dele **tamém**. (m, 25 anos, alfabetizado)

P.23 Inf: “ Às vez, eu só ia sair da escola **tamém**, né, porque das outra vez que eu tava enchendo a barragem tava enchendo...” (m, 25 anos, alfabetizado)

P.23 Inf: “ [...] E agora eu **tamém** num fui mais.” (m, 25 anos, alfabetizado)

P.29 Inf: “Na Tributa, já jogou **tamém**. Lá nós perdeu de um a zero.” (m, 25 anos,

alfabetizado)

P.85 Inf: “[...] eu não sei se tudo de pedra **tamém**, mas eu acredito que é de pedra, porque ela tem um champadre pra...” (f, 26 anos, 3 série)

P.174 Inf: “ Às vez, tira um tinquim pa moiar uma horta, que ela **tamém** num trabaia, tem o veio aí esses dia o véio doeceu...” (f, 49 anos, 2 série)

P.183 Inf: “ Eles era... minha mãe **tamém** era fraca, num tinha coitada, teve muita criança....” (f, 49 anos, 2 série)

P.219 Inf: “[...] Não deu certo **tamém**, né?” (f, 60 anos, analfabeta)

P.228 Inf: “ E! Mãe costurava **tamém**.” (f, 60 anos, analfabeta)

P.228 Inf: “ [...] a hente **tamém**, né? E, eu, graças a Deus, os lugar que eu tenho andado....[...] **tamém** valer o pessoal, né?” (f, 60 anos, analfabeta)

entrevista 2

P.198 Inf: “[...] Livramento, um livramento **tamém** é quente, por quanto sai o ar daqui mehmo.” (m, 76 anos, 5 série)

P.36 Inf: “ [...] dentro de casa **tamém**. O namorado ia pra casa dela. (f, 22 anos, 5 série)

P.43 Inf: “[...] e ela pesa as criança **tamém** e mede todo mês.” (f, 22 anos, 5 série)

P.46 Inf: “ Reza todo tipo de cântico da igreja e o cântico de São José **tamém**. (f, 22 anos, 5 série)

P.115 Inf: “ num sei mexer quase com essas coisas não, **tamém** sinto assim...” (f, 50 anos, 1 série)

P.116 Inf: “ [...] eu sinto mal né viagem **tamém**. Eu não gosto de viajar não.” (f, 50 anos, 1 série)

P.116 Inf: “[...] os pais dele morava lá, aí levou ela prá lá tamém. A outra **tamém** é gente daqui mehmo...” (f, 50 anos, 1 série)

P. 117 Inf: “[...] Eu **tamém** num queria não, eu gosto daqui.” (f, 50 anos, 1 série)

P.117 Inf: “Eu saio **tamém** um pouquinho po’raí, eu saio, só dentro de casa é ruim.” (f, 50 anos, 1 série)

P.185 Inf: “[...] da Lapa de Sagrado Coração de Jesus **tamém**, de pé, de pé. [...] de acompanhar muitas coisa **tamém**, gosta...” (f, 64 anos, analfabeta)

P.185 Inf: “[...] andasse pa ir rua **tamém**, andava tudo isso, não saia não.” (f, 64 anos, analfabeta)

P.186 Inf: “[...] a outa teve: dois **tamém** e a... um já tem quase dez... mais de dez ano

de casada....” (f, 64 anos, analfabeta)

P.187 Inf: “[...] e **tamém** depois toma vacina pras crianças, tem....**tamém** outa pa...”

P.187 Inf: “ antes de vinte e um dia não tira **tamém** do quarto [inint] no quarto, né? (f, 64 anos, analfabeta)

P.191 Inf: “ [...] ju... vai jovens **tamém**, mas vai as pessoas mais velha, né, gosta mais, né? (f, 64 anos, analfabeta)

P.191 Inf: “[...] e na Barra **tamém** não existe lá, lá na Barra **tamém** não existe gente branca não. (f, 64 anos, analfabeta)

P.192 Inf: “[...] Barra **tamém**, aquele pessoal lá é jóia! [...] A gente sempre vai chamada **tamém** lá, né? Quer dizer eu... **tamém** aqui chamou eles...” (f, 64 anos, analfabeta)

P.192 Inf: “aí **tamém**...” (f, 64 anos, analfabeta)

P.192 Inf: “Não , já eles já tá chamano **tamém**, eles chama sempre. (f, 64 anos, analfabeta)

P.192 Inf: “[...] companha **tamém**...” (f, 64 anos, analfabeta)

P.192 Inf: “[...] tá botano gente de fora **tamém** da Barra, da Fazendola, tudo e o povo fica...” (f, 64 anos, analfabeta)

P.193 Inf: “[...] Eles vem de carro **tamém**, é... vai... vai lá buscar eles. (f, 64 anos, analfabeta)

P.197 Inf: “[...] mas trabalhava na lavoura **tamém**. (m, 76 anos, 5 série)

P.198 Inf: “[...] aqui em meu quintal, filmar e... e lugar **tamém**. [...] Vem muita gente **tamém** de outro lugar, né. (m, 76 anos, 5 série)

P.198 Inf: “Lugar quente **tamém** aqui perto é Brumado. (m, 76 anos, 5 série)

Corpus de Feira de Santana – Paraguaçu

P.148 Inf: “ O abacaxi fai ele cozido **tamém**”. (f, 59 anos, 1 série)

P.53 Inf: “[...] só tenho aqui só final de semana **tamém**, só final de semana” (m, 40 anos, 2 série)

P.56 Inf: [...] e aí o cara **tamém** namorava essa mehma menina. Aí no final da conta...” (m, 40 anos, 2 série)

P.104 Inf: [...] e **tamém** não gastei nada, tudo por conta dele...” (m, 74 anos, 3 série)

P.111 Inf: “[...] mas **tamém** apanhei. Aí naquele tempo, a gente apanhava...” (m, 74

anos, 3 série)

P.111 Inf: “[...] As criança num quer nada e **tamém** é farta de criação os pai e as mãe.” (m, 74 anos, 3 série)

P.137 Inf: “[...] vem c’um grupo de lá, aí eu gosto de ir ver **tamém**.” (f, 59 anos, 1 série)

P.141 Inf: “[...] se alumã ou vez **tamém** dava noz-moscada”. (f, 59 anos, 1 série)

P.145 Inf: “[...] você num tem que entrar na briga **tamém**”? (f, 59 anos, 1 série)

P.145 Inf: “Vem o outo irmão do outo, **tamém** vai entrar no meio”. (f, 59 anos, 1 série)

P.145 Inf: “Oh e não? Chamo poliça **tamém**. A poliça vem num obedecer...” (f, 59 anos, 1 série)

P.148 Doc: “[...] tem hente que bota cravo, canela. **Tamém**, fica gostosinho o licor.” (f, 59 anos, 1 série)

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P.176 Inf: “As vezi eu ajudava **tamém** coler, fazia aguma coisa com o profissional...” (m, 54 anos, 4 série)

P.21 Inf: “[...] aí gosto coloco **tamém, tamém**.” (m, 20 anos, 3 série)

P.60 Inf: “Trato bem. Tenho vontade **tamém** de dar as coisa, mas num posso.” (f, 23 anos, 2 série)

P.62 Inf: “[...] que gente **tamém** não pensa as coisa.” (f, 23 anos, 2 série)

P.63 Inf: “[...] num gostava, **tamém** não, ca hente fizesse o errado, nem nada...” (f, 23 anos, 2 série)

P.72 Inf: “A gente, as vez **tamém**, se tinha remédio as condições era pouca!” (m, 41 anos, analfabeto)

P.72 Inf: “Foi. As condições pouca da gente **tamém** num podia tratar...” (m, 41 anos, analfabeto)

P.76 Inf: “Muita vez o governo manda **tamém**, quando dá certo”. (m, 41 anos, analfabeto)

P.78 Inf: “[...] fora **tamém**, mas quais todo com o pessoal daqui mehmo”. (m, 41 anos, analfabeto)

- P.78 Inf: “[...] sair pa casar com o de fora **tamém**, né?” (m, 41 anos, analfabeto)
- P.80 Inf: “[...] Ela quis, eu **tamém** quis...” (m, 41 anos, analfabeto)
- P.87 Inf: “E **tamém** tá chaveno a gente tá apanhano”. (f, 38 anos, alfabetizada)
- P.99 Inf: “[...] A... qu’ela **tamém** casou e foi pa São Paulo, um bocado de cara saiu...”. (m, 36 anos, 2 série)
- P.103 Inf: “É matou um porco, carneiro **tamém**.” (m, 36 anos, 2 série)
- P.104 Inf: “[...] aí **tamém** se matar muito ela se....fica que mata.” (m, 36 anos, 2 série)
- P.107 Inf: “[...] faz **tamém**! É só deixar tudo isto [inint].” (m, 36 anos, 2 série)
- P.108 Inf: “ É **tamém**, o afiado gostar do padrim e o padrim....” (m, 36 anos, 2 série)
- P.112 Inf: “ Por fora **tamém**”. (f, 40 anos, analfabeta)
- P.118 Inf: “[...] eu quero fazer meus fio **tamém**.” (f, 40 anos, analfabeta)
- P.120 Inf: “[...] pronto **tamém**. E a mandioca vem limpano.” (f, 40 anos, analfabeta)
- P.142 Inf: “[...] a mulher dele vai tá **tamém**”. (m, 65 anos, analfabeto)
- P.170 Inf: “[...] vim olhar aqui **tamém**, quando eu participava...” (m, 54 anos, 4 série)
- P.171 Inf: “[...] foi mais tarde que eu **tamém** me preparei e vim pra maloca.” (m, 54 anos, 4 série)
- P.176 Inf: “As vei eu ajudava **tamém** coler, fazi aguma coisa...” (m, 54 anos, 4 série)

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

- P.71 Inf: “[...] canto tá tenho aqui **tamém**...” (f, 65 anos, 4 série)
- P. 13 Inf: “[...] Ele é daqui **tamém**....” (f, 25 anos, 4 série)
- P.16 Doc: “[...] seu marido, **tamém**?” (f, 25 anos, 4 série)
- P.17 Inf: “ Aí **tamém** nem ligo pa estudar mais.” (f, 25 anos, 4 série)
- P.18 Inf: “[...] **tamém** aqui **tamém** nem tem crente”. (f, 25 anos, 4 série)
- P.45 Inf: “[...] J., **tamém**, é...J., dos S.” (m, 64 anos, 2 série)

P.47 Inf: “[...] aqui **tamém** eu ficava aqui eu compra fumo.” (m, 64 anos, 2 série)

P.47 Doc: “[...] a ler **tamém** assim?” (m, 64 anos, 2 série)

P.49 Inf: “[...] aqui **tamém** ele num passou maih, né!” (m, 64 anos, 2 série)

P.62 Inf: “[...] Jeremoabo **tamém** no mesmo município”. (f, 65 anos, 4 série)

P.70 Inf: “[...] em Jeremoabo **tamém**...” (f, 65 anos, 4 série)

P.70 Inf: “[...] ia de animal, **tamém** pra Novo Triunfo, andava assim lá.” (f, 65 anos, 4 série)

VIXE/VIGE

-
- **Bluteau (1728)**: não houve registro
 - **Moraes e Silva (1789)**: não houve registro
 - **Pinto (1832)**: não houve registro
 - **Houaiss (2001)**: vige: interjeição. Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal. exprime espanto, surpresa, ironia, aborrecimento, repulsão ou menosprezo. Sinônimos/variantes. Etimologia ige,ixe,vixe.
 - **Aurélio (2004)**: não houve registro
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo.
-

Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas

P.134 Inf: “ Ah, **vixe** maria senhora [inint] tem mais saída que a própria mandioca”. (m, 73 anos, analfabeto)

P.14 Circ 1: “**Vixe** o que...”

P.88 Doc 1: “**Vige**, é perigoso”.

P.89 Doc 1: **Vige** Maria!”

P.23 Doc 1: “**Vige** Maria! Num foi fácil...”

P.70 Doc 1: “**Vige** Maria!”

P.89 Doc 1: “**Vige** Maria!”.

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

P.268 Inf: “Deixava, **vige**, deixava moça.” (f, 60 anos, analfabeta)

P.53 Doc: “**Vige!** E por quê?”

P.180 Inf: “[...] agora, maio, **vige!** Mas já tá um frio, que gente....” (f, 49 anos, 2 série)

P. 182 Inf:” Aí agora, a gente ia de pé, **vige!**” (f, 49 anos, 2 série)

P. 184 Inf: “ **Vige**, moça! Ele gosta...mais gosta de passar, misericórdia!” (f, 49 anos, 2 série)

P.184 Inf:” Joga! **Vige!** É muito inteligente...” (f, 49 anos, 2 série)

P.188 Inf: “ **Vige!** Misericórdia. Moça! Num teve uma vacina de quondo...” (f, 49 anos, 2 série)

P.191 Inf: “**Vige!** Eu escuto....” (f, 49 anos, 2 série)

P.220 Inf: “[...] Aí meu coração já disparou, eu disse: “**Vige** a menina tá ruim!” (f, 60 anos, analfabeta)

P.258 Inf: “**Vige**, Deus, nosso Senhor, se não fosse esse diê meu bem....” (f, 60 anos, analfabeta)

P.261 Inf: “Vou, **vige!** Eu vou. Eu não saio de missa meu bem.” (f, 60 anos, analfabeta)

entrevista 2

P.221 Doc: “ **Vixe** maria! Ovo é muito colesterol”

P.9 Doc 1: “ **Vixe!**”

P.10 Doc 1: “**Vixe!**”

P.14 Doc 1: “**Vixe**, meu Deus, é assim, é?”

P.16 Doc 1: “**Vixe!** Pra montar?”

P.19 Doc 1: “ **Vixe!** Daqui um tempo faz bordas...”

P.27 Inf: “Aqui tem vários rios bons. É lindo, **vixe!**” (f, 22 anos, 5 série)

P. 62 Inf:” **Vixe**, Maria! Pra gente lembrar é que é difícil.” (m, 19 anos, 5 série)

P.92 Inf: “**Vixe!**” (m, 54 anos, analfabeto)

P.93 Inf: “**Vixe**, essa igreja quando é em tempo de missa lota”. (m, 54 anos, analfabeto)

P.95 Doc 1: “ **Vixe!**”

P.95 Doc 2: “**Vixe!**”

P.99 Doc1: “ **Vixe!**”

P.99 Inf: “ **Vixe!** Eu era só brigano no meio da rua.” (m, 54 anos, analfabeto)

P.101 Inf: “ **Vixe**, eu adoro criança nova.” (m, 54 anos, analfabeto)

P.105 Inf: “Tinha: **Vixe!** Logo quando eu cheguei...” (m, 54 anos, analfabeto)

P. 107 Doc 1: “**Vixe!**”.

P. 107 Doc 1:” **Vixe!**”

P. 108 Doc 1: **Vixe!**”

P.108 Doc 2: “ **Vixe**, era remédio errado!”

P.108 Doc 1: “**Vixe!**”.

P.114 Inf: “ Tem. **Vixe**, é uma coisa comigo. É tudo, mas eles é bom pra mim.” (f, 50 anos, 1 série)

P.164 Doc 1: “**Vixe!**”

P.175 Doc 2: **Vixe!**”

P.175 Doc 2: “**Vixe** Maria!” E aí como é que faz? “

P. 179 Inf: [...] **Vixe!** Pega um outro copo limpo”... (f, 64 anos, analfabeta)

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

P.133 Inf: “**Vixe!** Êta, a mulé “meu Deus do céu” (m, 61 anos, 3 série)

P.11 Doc: **Vixe!**”

P.46 Doc: “ **Vixe** Maria!”

P.75 Inf: “ **Vixe!** Era pior!” (m, 43 anos, 4 série)

P.78 Inf: “ **Vixe!** Eles próprio que fazem.” (m, 43 anos, 4 série)

P. 119 Inf: [...] nessa novela e vai ser ainda, vão. **Vixe!**’. (f, 68 anos, analfabeta)

Corpus Jeremoabo – Casinhas.

P. 194 Inf: “ Aí disse que: **vixe** que comida sem sal!” Aí Lampião disse: “ me dê um quilo de sal aí!” (f, 55 anos, analfabeta)

P.2 Inf: “[...] Nossa Senhora, **vixe!** Ele me orientava, que Nossa Senhora!” (m, 20 anos, 3 série)

P.6 Inf: “[...] Que o povo daqui, **Vixe** Nossa Senhora, até as criancinha pequena, que tava aqui....” (m, 20 anos, 3 série)

P.66 Inf: “**Vixe!** Vive de roça!” (m, 41 anos, analfabeto)

P. 170 Doc: “**Vixe!** Sei”.

P.170 Doc: “**Vixe!**”

P.174 Doc: “[...] disse: “**Vige**, que comida sem sal!”. Recramou.”

P.174 Inf: Só agora fala-se hora pa fazer pedido, conversar com Jesus, com a **Vige** Maria, seja lá o que for....” (m, 54 anos, 4 série)

P.190 Circ 1: **Vige!**”

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

P.36 Inf: “**Vixe, vixe.** Eu sei não o que é que eles faze hoje não, nem sei. [ri] (f, 45 anos, 3 série)

DIXE

- **Bluteau (1728):** não houve registro
 - **Moraes e Silva (1789):** não houve registro
 - **Pinto (1832):** não houve registro
 - **Houaiss (2001):** não houve registro
 - **Aurélio (2004):** Do esp. Dije, do pret. Perf. Do v. decir]
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013):** não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo.
-

Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas

Não houve registro

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P.149 Inf: “ E muitas vez eu via ele dizeno, **Dixe** aqui na minha casa e **dixe** a outros, se ele num der certo, “pode chegarem de junto de mim”... (f, 59 anos, 1 série)

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

OXE

-
- **Bluteau (1728)**: não houve registro
 - **Moraes Silva (1789)**: não houve registro
 - **Pinto (1832)**: OXE, e
 - **Houaiss (2001)**: interjeição Regionalismo: Nordeste do Brasil. red. de oxente
 - **Aurélio (2004)**: (ô) Interjeição. 1. Bras. N.E. Pop. V. *oxente*.
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo
-

Corpus Piemonte da Diamantina

P.6 Circ 1: “**Oxe!**” (f, 28 anos, 3 série)

P.17 Doc 1: “ **Oxe**, neném!”

P.20 Inf: “[...] Eu digo: **Oxe**, maih eu desço mais os menino nun instante vou lavo...” (f, 30 anos, analfabeta)

P.24 Inf: “[...] Aí digo: **Oxe**, d’eu me pegar c’uns outo!” (f, 30 anos, analfabeta)

P. 24 Inf: “[...] Eu digo: sofri tanto pa me ligar **Oxe**, é ruim dele num ligar....” (f, 30 anos, analfabeta)

P.27 Inf: “**Oxe**, num carece não, se for dar dinheiro não”. (f, 30 anos, analfabeta)

P.31 Inf: “**Oxe**, num dava”. (f, 30 anos, analfabeta)

P.80 Inf: “Tá pra lá... deixa a menina rapaz, **Oxe!**” (f, 40 anos, analfabeta)

P.113 Inf: “ **Oxe**, eu conheço aqui desde criança”. (m, 79 anos, analfabeto)

P.114 Inf: “Já, **oxe!** Três ano e quatro mês. (m, 79 anos, analfabeto)

P.119 Inf: “É perigoso, **oxe!** Tem muito vaga aí!” (m, 79 anos, analfabeto)

P.123 Inf: “Tem uns dois mês. Dois? **Oxe!**” (f, 74 anos, analfabeta)

P.124 Inf: “ **Oxe!** Tem, tem. E disse que pa queimar uns sete parmo.” (f, 74 anos, analfabeta)

P.125 Inf: “ **Oxe!** Parece, é só chamar, se disser mehmo eu quero ver Lussufer”. (f, 74 anos, analfabeta)

P.126 Inf: “[...] **Oxe**, eu queria era dinheiro”. (f, 74 anos, analfabeta)

P.128 Inf: “[...] Eu digo: **Oxe!** Mamãe, não chore não mamãe.” (f, 74 anos, analfabeta)

P.130 Inf: “[...] **Oxe!** Entrou que vinha, que vei no onibu que vinha uns bandido, **oxe**, minha vea!” (f, 74 anos, analfabeta)

P.131 Inf: “[...] **Oxe**, eu vou o quê!” (f, 74 anos, analfabeta)

P.131 Inf: “[...] qu’eu taha lá, mais elas, eu digo, **oxe!**” (f, 74 anos, analfabeta)

P.140 Inf: “**Oxe**, quanto mais rio chéi, mais é qu’eu ia”. (m, 73 anos, analfabeto)

P.142 Inf: “**Oxe!** Esqueci tudo. Deixei de sambar esqueci tudo”. (m, 73 anos, analfabeto)

Corpus Rio de Contas – Chapada

Não houve registro

entrevista 2

P.37 Inf: “ Vão.Oxe. Tem bastante lá, que já casou lá com mulher de lá mehmo.” (f, 22 anos, 5 série)

P.122 Doc 1: Não senhora, **oxe!** Tá é bom demais.” (f, 50 anos, 1 série)

P.124 Doc 1: Não. **Oxe**, sabe sim. A senhora é tem muita experiência.” (f, 50 anos, 1 série)

P.153 Doc 1: “Gripe é ruim. **Oxe!** O corpo fica todo quebrado.” (f, 44 anos, analfabeta)

P.168 Doc 1: “ah, **Oxe**, café!” (m, 75 anos, analfabeto)

P.170 Circ 1: “É, **oxe!**” (m, 75 anos, analfabeto)

P.171 Doc 2: “**Oxe!** Vou chegar lá: Óh seu L. falei com seu pai[...]

P.209 Doc1: **Oxe!** A comida tava tão cheirosa, aí mei dia.”

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

P.43 Inf: “**Oxe**, nem boneca eu achei [ri]. (f, 28 anos, 4 série)

P.44 Inf: “Aqui, **oxe**, eu falei pras minha menina, ela ganhou que essa [...] Aí eu falei assim: **Oxe!** Vocês ainda achou boneca. (f, 28 anos, 4 série)

P.46 Inf: [...] **Oxe**, você vai derrubar a menina, traga.” (f, 28 anos, 4 série)

P.80 Inf: [...] **Oxe**, aí os pais ficou aí, lá vai conversa, aí...” (m, 43 anos, 4 série)

P.137 Inf: “**Oxe!** Oh e não! Sambo, danço, tudo (duro) fio....” (f, 59 anos, 1 série)

P.140 Inf: “**Oxe!** É doido! Dor foi qu’eu eu sentir” (f, 59 anos, 1 série)

P.140 Inf: “**Oxe**, poi é gostoso o maturi”. (f, 59 anos, 1 série)

P.141 Circ 3: “**Oxe**, tem demais”. (f, 59 anos, 1 série)

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P.32 Inf: “ **Oxe**, e navio pa andar de... andar den...andar dendo da agua?” (f, 23 anos, 4 série)

P.102 Inf: “[...] ele chegou, pagou a festa, aí, **oxe**, manhecemo o dia!” (m, 36 anos, 2 série)

P.104 Inf: “[...] **Oxe**, minha muié uma vez foi botar uma, uma muringa pa aparar, quando [inint] assim como aquilo...” (m, 36 anos, 2 série)

P.129 Inf: “[...] Ave Maria! **Oxe**, é demais [inint] era o namoro, hoje...” (m, 65 anos, analfabeto)

P.168 Inf: “[...] Aí ele disse: **Oxe**, Zé Preto trabalhano hoje, rapai, hoje é dia de maloca, vamo lá po cabaré de Lerino...” (m, 54 anos, 4 série)

P.170 Inf: “[...] Aí todo mundo fica, **oxe**, ficava sem saber de nada...” (m, 54 anos, 4 série)

P.172 Inf: “[...] **Oxe**, que tante gente é essa meu Deusu! **Oxe**, óh, como eu tou, o que foi isso?” (m, 54 anos, 4 série)

P.172 Inf: “[...] caiu de novo, **oxe**! Já fazia tempos que num tinha mais anos que clareou tudo!” (m, 54 anos, 4 série)

entrevista 2

P.26 Inf: “**Oxe**, nova nada, home.” (m, 38 anos, 4 série)

P.62 Inf: “Mas se fosse pos... pos governo, **oxe**!” (f, 65 anos, analfabeta)

P.62 Inf: “**Oxe**, nova no tamanho dessa menina, doze ano, até agora, nós tudo na enxada” (f, 65 anos, analfabeta)

entrevista 3

P.18 Inf: “**Oxe**, vai passar pa lei de crente nada” (f, 25 anos, 4 série)

OXENTE

- **Bluteau (1728)**: não houve registro
 - **Moraes Silva (1789)**: não houve registro
 - **Pinto (1832)**: não houve registro
 - **Houaiss (2001)**: interjeição. Expressa estranheza ou espanto. Ex.:o., isso é coisa que se dig, rapaz? Etimologia: agl. De ó gentes (> ó xentes, por sonorização)
 - **Aurélio (2004)**: [F. aglutinada expr. Ó gente, com sonorização do g.] Interjeição. 1. Bras.N.E.Pop. Expressa espanto, surpresa ou desdém
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo
-

Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas

P. 128 Inf: “Boa. E hoje muié, eu fui uma ali qu’eu... mai, **oxente!**” (f, 74 anos, analfabeta)

P.125 Inf: “[...] A pessoa se entregano a ele, **oxente!**” (f, 74 anos, analfabeta)

P.125 Inf: “[...] se disser mehmo eu quero ver lussufer, **oxente!**” (f, 74 anos, analfabeta)

P.126 Inf: “[...] O pra nada já tem uma muié que tem bem uns... **oxente!**” (f, 74 anos, analfabeta)

P.127 Inf: “**Oxente!** Cade o dinheiro? O dinheiro acabou[...]”(f, 74 anos, analfabeta)

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

P. 138 Doc 1: “**Oxente!** Então, não é novo não é?”

P. 209 Doc: “**Oxente!**[risos] Não sabe o que, sabe!”

P.210 Inf: “ **Oxente!** Não deixa gente dormir, misericórdia! Ela mim... mim” (f, 75 anos, analfabeta)

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P. 80 Inf: “Ah, é diferente. **Oxente!** Antigamente era diferente demais” (m, 41 anos, analfabeto)

P.153 Inf: “ Ai, **oxente**, isso tudo ele faz aí pra mim, graças a Deus, tou sossegada, entendeu” (f, 62 anos, analfabeta)

P.153 Inf: “[...] **oxente**, ante pero mundo trabaiano que nem os’ outo” (f, 62 anos, analfabeta)

P.171 Inf: “[...] **oxente** home, eu, na vida, sou o que eu quiser! [...] **oxente**, eu quero gozar minha vida e participar tudo neste mundo” [...] **Oxente**, Zé Preto vamo trabaia há po...” (f, 62 anos, analfabeta)

entrevista 2

P. 9 Inf: “[...] **Oxente!** Chuvengo assim e pegano fogo[...]” (m, 21 anos, 2 série)

P.62 Inf: “**Oxente!** [...]” (f, 65 anos, analfabeta)

entrevista 3

Não houve registro

CABRA

- **Bluteau (1728)**: muitas definições. Contempla o “cabra macho”
- **Moraes Silva (1789)** : muitas definições. Contempla o “cabra macho”
- **Pinto (1832)**: Filho de pai multato e mai negra, ou ao contrário. Cabrinha saltante. Phenomemo meteorológico.
- **Houaiss (2001)**: substantivo feminino .1 Rubrica: mastozoologia. design. comum aos mamíferos ruminantes do gên. Capra, da fam. dos bóvidos, com sete spp. selvagens que ocorrem em áreas montanhosas da Ásia, África e Europa, e uma sp. domesticada, *Capra hircus*, encontrada no mundo inteiro. 2 fêmea da sp. domesticada (*Capra hircus*). 3 Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. mulher pouco recatada, lasciva, devassa. 4 Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. mulher escandalosa, que se irrita facilmente. 5 Rubrica: angiospermas. árvore (*Trema orientalis*) da fam. das ulmáceas, nativa da África tropical, cujas folhas são fonte de tanino us. em redes de pesca, esp. na África ocidental, e cuja madeira é us. para a produção de carvão e fogos de artifício; contém alcaloides e é pioneira em áreas devastadas, por seu crescimento extraordinariamente rápido; pau-cabra. Masc ; bode, **cabrão**.
- **Aurélio(2004)**:*[Dolat.capra.]*Substantivomasculino. 6 Bras. Santom. Mestiço de mulato e negro.7.V.*capanga*(4).8.V.*cangaceiro*.9.Morador de propriedade rural. 10.Indivíduo, sujeito Cabra da peste. 1. Bras. N.E. Indivíduo valente, disposto, ou digno de admiração por outro motivo.
- **Origem da palavra Machado filho (2013)**: sf. (< lat. Capra) ‘mamífero caprino ruminante’; fêmea do bode. [xiv/flos/56rcl]: e desvesti hua vestidura que tragia, testa de cabelos de cabra, e dey-lha.
- Hipótese da pesquisa: Galeguismo

P.89 Inf: “[...] A num ser que os maior, os **cabra** da prefeitura dê, né!” (m, 52 anos, analfabeto)

P.110 Inf: “[...] Ela foi idiotada [inint] tinha um **cabra** dentro de casa, vapo no braço, pegou o homem , marido também. (f, 60 anos, analfabeta)

P.140 Circ: “O **cabra** tem que ser bom no braço”. (m, 73 anos, analfabeto)

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana- Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

P.163 Inf: “[...] fio da peste, outo, nego da peste, **cabra** da peste, eu dizia comigo, eu sou de Deus num sou da peste”. (m, 54 anos, 4 serie)

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

P.4 Inf: “ Teve um caso aí que bateru no **cabra**, aí que ele foi parar num hospital”. (m, 14 anos, 5 serie)

P.5 Inf: “[...] o meu sobrinho que ele queria bater aí eu fui bati no **cabra**.” (m, 14 anos, 5 serie)

P.22 Inf: “[...] E hoje não, hoje o **cabra** se abraça. Gostou da menina, olhou pra ela, ela olhou pra ele....” (m, 45 anos, 4 serie)

P.48 Inf: “[...] era o chefe daqui dos **cabra** de Lampião, eu acho qu’eu tenho um retrato dele aí”. (m, 64 anos, 2 serie)

P.48 Inf: “Agora os **cabra** que era muito, né!” (m, 64 anos, 2 serie)

P.49 Inf: “[...] Que lutou, assim, com os **cabra** de Lampião”. (m, 64 anos, 2 serie)

VINHESSE

- **Bluteau (1728)**: não encontramos nada
 - **Moraes Silva (1789)**: não encontramos nada
 - **Pinto (1832)**: Não encontramos nada
 - **Houaiss (2001)**: não encontramos nada
 - **Aurélio (2004)**: não encontramos nada
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo
-

Corpus Piemonte da Diamantina

Não houve registro

Corpus Rio de Contas – Chapada**entrevista 1**

Não houve resgistro

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

Não houve registro

Corpus Jeremoabo - Casinhas**entrevista 1**

P. 140 Inf: “[...] dese...desejaria que **vinhesse**, tipo, pra melhoria da cidade, o que seria?” (m, 65 anos, analfabeto)

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

PAINHO

- **Bluteau (1728):** Não houve registro
 - **Moraes Silva (1789):** Não houve registro
 - **Pinto (1832):** Não houve registro
 - **Houaiss (2001):** Não houve registro
 - **Aurélio (2004):** Não houve registro
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013):** não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo
-

Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas

P. 115 Circ: “ O cafezinho aconteceu **painho**” (m, 79 anos, analfabeto)

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

P. 68 Inf: “ Mai, **painho**, tombém já fei muito. Ali do grupo Quixabeira, não sei esse não, que ela esse ano [...]” (f, 56 anos, analfabeta)

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

MAINHA

-
- **Bluteau (1728)**: não houve registro
 - **Moraes Silva (1789)**: não houve registro
 - **Pinto (1832)**: não houve registro
 - **Houaiss (2001)**: não houve registro
 - **Aurélio (2004)**: não houve registro
 - **Origem da palavra Machado Filho (2013)**: não houve registro.
 - Hipótese da pesquisa: Galeguismo

Corpus Piemonte da Diamantina – Comunidade de Piabas

P.17 Inf: “ [Que foi **mainha?**] Doeu?” (f, 30 anos, analfabeta)

P.20 Inf: “[...] Deixa **mainha** tirar, meu fio, vem chega mãe, chega! Deixa **mainha** tirar”.
(f, 30 anos, analfabeta)

P.25 Inf: “[Não] É pra comprar só um pra ele, [né **mainha?**] (f, 30 anos, analfabeta)

P.25 Circ 2: “Só um **mainha?** Vou comprar doi” (f, 30 anos, analfabeta)

P.30 Inf: “[Oh **mainha**.Que bom, **mainha**. Tá veno?” (f, 30 anos, analfabeta)

Corpus Rio de Contas – Chapada

entrevista 1

P.96 Circ 4: “Não! Não vou que **mainha** num deixa” (f, 26 anos, 3 série)

P.96 Circ 4: “**Mainha**, eu vou...[inint]” (f, 26 anos, 3 série)

P.97 Circ 4: “**Mainha!**[inint]” (f, 26 anos, 3 série)

P.128 Inf: “[...] Por que **mainha**...acho que nem existia essas boneca que há aí hoje. Acho que não”. (f, 48 anos, analfabeta)

entrevista 2

P.118 Inf: “E eu preocupo. Elas me fala: óh **mainha** num imagino não e elas... onde elas mora[...]” (f, 50 anos, analfabeto)

P.152 Inf: “[...] êh **mainha**, não piso aqui mais nunca não”. (f, 44 anos, analfabeta)

P.161 Inf: “[...]e quando passa. **Mainha** também dá colcha...[inint]” (f, 44 anos, analfabeta)

Corpus Feira de Santana – Paraguaçu

P.35 Inf: “porque a gente tava cochilando, só tava acordada só, **mainha**”. (f, 28 anos, 4 série)

P.38 Inf: “É, **mainha**, também costura. Incrusive ali é uma saia do grupo [...]”(f, 28 anos, 4 série)

P.38 Inf: “[...] porque **mainha** tem a branca e eu num tenho. Aí eu visto a de **mainha** e a de mãe cabe em mim [ri]”. (f, 28 anos, 4 série)

P.39 Inf: “Com **mainha**, olhano a mãe costura[...]”(f, 28 anos, 4 série)

P.40 Inf: “[...] com **mainha** aí no fundo do quintal, quando eu penso que não, eu vi um negoço na boca[...]” (f, 28 anos, 4 série)

P.41 Inf: “Aí eu desisti. **Mainha** mehmo no acidente esse olho daqui, você achava pra ela e falava ‘não enxergava mais[...]’(f, 28 anos, 4 série)

P.41 Inf: “[...] Oh **mainha**, se a senhora for pro médico, não vá no ônibus da ‘Asa Branca’ mais não” (f, 28 anos, 4 série)

P.43 Inf: “[...] Agora qu’eu tou me divetino depois que eu tive filho porque **mainha** não deixava sair com ninguém”. “[...] aí **mainha** num deixava, porque eu sou filha única aí pronto[...]”(f, 28 anos, 4 série)

P.44 Inf: “trabalho lá, eu e **mainha** porque se eu num for, ela também num vai[...]”(f, 28 anos, 4 série)

P.45 Inf: “[...] quando vê **mainha**: ‘coração de mãe sempre cabe mais um’ [ri]” (f, 28 anos, 4 série)

P.46 Circ 4: “Oh **mainha**” (f, 28 anos, 4 série)

P.46 Circ 4: “Oh **mainha**, pega a banana”. (f, 28 anos, 4 série)

P.47 Inf: “eu fui pra rua fazer compra com **mainha**, quando chegou lá [...]”(f, 28 anos, 4 série)

P.47 Circ 4: “Chegou, **mainha**”. (f, 28 anos, 4 série)

P.87 Circ: “**Mainha** disse qu’ é pra botar pra esfriar”. (f, 42 anos, 4 série)

P.93 Inf: “[...] é o nome dela, né **mainha**, o nome dela? “ (f, 42 anos, 4 série)

P.94 Circ: "**Mainha**, essa daqui, óh, viu?" (f, 42 anos, 4 série)

P.95 Circ 3: "Oh **mainha**, isso daqui é o quê?" (f, 42 anos, 4 série)

P.96 Circ 3: "**Mainha?**" (f, 42 anos, 4 série)

P.99 Inf: "[...] pobre, pobre aí, de bri... de chegar meio dia... tem ou num tem **mainha?**"
(f, 42 anos, 4 série)

Corpus Jeremoabo – Casinhas

entrevista 1

Não houve registro

entrevista 2

Não houve registro

entrevista 3

Não houve registro

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.

6.1 QUANTO À CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL

O *corpus* foi organizado de unidades lexicais com 17 verbetes, constituído de 6 substantivos, 3 advérbios, 2 conjunções, 4 interjeições e 2 verbos de acordo com o Dicionário Aurélio. Observa-se que os substantivos se destacam no decorrer do estudo. Abaixo, está a distribuição conforme a classificação de cada verbete.

Despois: é conhecido como uma variante sertaneja do advérbio de tempo. É falado, também, no sul de Minas, e em outras regiões brasileiras. Neste momento, observa-se a exclusão dos conhecimentos acerca do semiárido baiano, e de variantes desprestigiadas, já que, a variante está presente durante séculos, mas infelizmente, os livros, os links dificilmente informam sobre tais regiões, focando apenas variantes de prestígio e variantes mais usadas no sul/sudeste. Atestamos também essa palavra nas entrevistas colocadas na seção 3.1. Acredita-se em um galeguismo.

Apois: Conjunção. Seria algo explicativo, mas em sentido de fala, poderia ter o conhecimento de acordo com: “não é mesmo, isso”. O *apois* está sendo, inclusive, resgatado nas redes sociais. Observa-se grande uso desse *apois* por nordestinos escolarizados usuários de redes sociais. Para Houaiss (2001), é uma conjunção, de uso informal. m. q. *pois* (etimologia: a+ pois). Para Aurélio (2004): [De a + *pois*.] Conjunção. 1. Pop. Pois.

Entonces: Advérbio. Tem o significado de então, em seguida, um termo muito antigo, mas infelizmente é conhecida como uma variante sul/sudeste, mais precisamente do Rio Grande do Sul. Sendo que se comprova que no semiárido a variante existe e seu uso é entendido na fala do sertanejo. Para Houaiss (2001) e para Aurélio (2004) seria um arcaísmo, um brasileirismo que tem origem no português arcaico. Teyssier (1982) diz, a exemplo de outros termos aqui analisados, que é um termo de origem galega, o que pode ser comprovado nas transcrições da seção 3.1. Há variações na forma de pronunciar *entonce* ~ *antonce* ~ *ontonce*.

Menhã: É um substantivo feminino, como manhã. Houaiss (2001) e Aurélio (2004) dizem que é um arcaísmo e acreditamos em um galeguismo.

Luita: é um substantivo feminino, luta. (assim como fruta). Para Houaiss (2011) é um arcaísmo e para Aurélio também. Aurélio (2004) acrescenta que [Do lat. *lucta*, com vocalização.] Substantivo feminino. 1. Arc. Luta. [Cf. *loita* e *aloite*.]

Proque: Conjunção, variante informal de séculos. Mas hoje pode ser apenas uma variante fonética, já que, esse é um processo muito comum, a metátese, na fala de pessoas com baixa escolaridade. Não há como sabermos se foi a manutenção de um arcaísmos ou se foi um processo recente. Não há menção a este termo nos dicionários consultados.

Esprito: substantivo masculino (mesmo que proque). Palavra utilizada há décadas. A palavra apresenta as mesmas características do ‘proque’, mas sendo uma redução da proparoxítona. Essa palavra é tratada por vários dos lexicógrafos consultados. Moraes e Silva (1789), Pinto (1832) e Aurélio (2004) já falam em processo fonético: “ESPRITO: por espirito. Camões, Ferreira, Bernades” (MORAES SILVA, 1789). Houaiss (2001) diz ser de uso antigo e informal, um regionalismo do nordeste.

Tamén: advérbio (também). Muito sinalizada novamente, em Minas Gerais, mas comprova-se que no semiárido é muito utilizada, podendo ser definida como um de origem galega (TEYSSIER, 1982). Essa palavra também aparece várias vezes nas entrevistas dos galegos citadas na seção 3.1.

Vixe: Interjeição. Corruptela fonética de ‘virgem’. Muito utilizada no nordeste. Pode-se pensar a palavra como de origem galega. De acordo com o mesmo pensamento de ‘ó gentes’, ‘ó gente’ pronundiado por galego ‘ó xente’.

Vige: Interjeição. Corruptela fonética de ‘virgem’. Muito utilizada no nordeste.

Dixe: verbo (dizer- disse) fala em Galícia 'dize algo'. Citada por dois dos autores consultados: para Aurélio (2004), do espanhol Dije, do pret. Perf. Do v. decir; dicionários e textos (escrito e fala) galegos a palavra é encontrada, de origem galega.

Vinhesse: verbo vir – sentido como na Galícia.

Oxe: interjeição. Muito utilizado no nordeste, abreviação de 'oxente'

Oxente: Interjeição. Muito utilizado no nordeste. A expressão tem origem da frase 'ó gente'. Podendo observar como origem galega de 'ó xente', já que o 'g' na Galícia se representa como 'x'.

Cabra: substantivo masculino, mas utilizado em frases vinculadas com o nordeste, toma forma de adjetivo. 'Esse cabra da peste'. Fale da origem espanhola de cabra. Cabrão.

Painho: Substantivo Masculino. Diminutivo de Pai. Muito utilizado na Bahia e estados do nordeste. (Conforme comunicação pessoal feita por Alvarez, durante evento na UFBA 2014 - Painho é um de origem galega)

Mainha: Substantivo Feminino. Diminutivo de Mãe. Muito utilizado na Bahia e estados do nordeste. (Conforme comunicação pessoal feita por Alvarez, durante evento na UFBA 2014 – Mainha é um de origem galega)

Vimos, assim, que das 17 unidades lexicais analisadas, várias estão dicionarizadas por, pelo menos, um dos lexicógrafos ou como galeguismos ou como arcaísmo, a saber:

Bluteau: *despois, menhã, cabra.*

Moraes Silva: *despois, entonces, esprito, cabra.*

Pinto: *esprito, oxe, cabra.*

Houaiss: *despois, apois, entonces, menhã, luita, esprito, vixe/vige, oxe, oxente, cabra.*

Aurélio: *despois, apois, entonces, menhã, luita, esprito, dixe, oxe, oxente, cabra.*

Dicionário Etimológico do Português Arcaico: *cabra, despois.*

Algumas palavras não foram dicionarizadas como: *dixe, proque, painho, mainha*, talvez por diferentes motivos, a exemplo de: *painho* e *mainha* são consideradas regionalismos; *dixe* (“disse” em galego) e *proque* pode ser tanto considerado um “arcaísmo”, mas também podem ser consideradas variantes fonéticas de disse e porque.

6.2 QUANTO AO NÚMERO DE VERBETES NO CORPUS, À ORIGEM, AO GENERO E ESCOLARIDADE, À IDADE

Despois

Piemonte da Diamantina = 14 ocorrências. O verbete, que é considerado um arcaísmo/de origem galega, se sobressai mais no gênero masculino do que no feminino e é utilizado mais por pessoas analfabetas, o que demonstra mais ainda seu caráter arcaico, já que a escola tende a corrigir esse tipo de variante. Ainda com relação a escolaridade, há poucas ocorrências entre os escolarizados, com 4 série do ensino fundamental, que seriam os informante com 28 anos. Desse informante, pode-se dizer que é alguém que tem muito contato com os idosos.

Rio de Contas/ Chapada = 8 ocorrências. O verbete se sobressai no gênero masculino. A escolaridade se fixa entre alfabetizado e analfabeto, 27 anos, 42 anos, 59 anos, 59 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, arcaico, não houve registro. Essa questão pode reforçar também a questão de ser uma variante arcaica, já que é usada em locais mais isolados. A comunidade rural estudada em Feira de Santana, a Matinha, fica muito próxima a zona urbana, o contato com a zona urbana é grande e há um grande número de pessoas com escolaridade, o ensino fundamental.

Jeremoabo/ Casinhas = 0 ocorrência, arcaico, não houve registro.

Assim, o verbete **despois** foi usado apenas na região de mineração, região que tem uma colonização que remonta ao século XVIII e que pode ter recebido tanto galegos quanto portugueses do norte. Além disso, as comunidades de Rio de Contas (Chapada) se mantiveram durante algum tempo razoavelmente isoladas.

Apois

Piemonte da Diamantina = 24 ocorrências, arcaico, o verbete se sobressai no gênero feminino. A escolaridade se fixa no analfabeto, tendo apenas poucas ocorrências com informantes com a 3ª série do ensino fundamental, 28 anos, 30 anos, 60 anos, 74 anos, 79 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 3 ocorrências, arcaico, o verbete se sobressai tanto no gênero masculino como no feminino. A escolaridade analfabeto, 59 anos, 60 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 1 ocorrência, arcaico, o verbete na fala de uma mulher que tem o ensino fundamental I e tem 42 anos.

Jeremoabo/ Casinhas = 8 ocorrências, arcaico, o verbete se sobressai no gênero masculino. A escolaridade se fixa na 2ª série fundamental, 36 anos, 21 anos, 55 anos, 62 anos, 64 anos.

Novamente há mais ocorrências na região de mineração, demonstrando, assim, que, como é o caso da região de Feira, quanto mais urbanizada, há a tendência em silenciar determinados termos.

Entonces

Piemonte da Diamantina = 2 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra nos dois gênero masculino. A escolaridade se fixa no analfabeto, 52 anos, 73 anos, o que corrobora a tese de ser arcaísmo, já que a escola exerce o papel de apagar esse tipo de marca.

Rio de Contas/ Chapada = 10 ocorrências, de origem galega, o verbete se sobressai no gênero feminino. A escolaridade se fica no analfabeto, 26 anos, 48 anos, 60 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 2 ocorrências, de origem galega, o verbete se sobressai no gênero feminino. A escolaridade analfabeto, 62 anos.

Novamente, não há ocorrências na região mais urbanizada, Feira de Santana.

Menhã

Piemonte da Diamantina = 1 ocorrência, arcaico, o verbete se encontra no gênero masculino. A escolaridade é analfabeto, 28 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 0 ocorrência, arcaico, não houve registro.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, arcaico, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 0 ocorrência, arcaico, não houve registro.

Apenas uma ocorrência do verbete pode demonstrar o desaparecimento do mesmo, apesar de ter aparecido na sala de uma pessoa de 28 anos.

Luita

Piemonte da Diamantina = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Rio de Contas/ Chapada = 1 ocorrência, de origem galega, o verbete se encontra no gênero feminino. A escolaridade se fixa no analfabeto, 48 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Apenas uma ocorrência demonstra que o verbete ou é pouco produtivo ou não houve oportunidades de uso. No entanto, segundo a professora Norma Almeida, que fez as gravações e que vem andando por esse sertão, há, sim, uma tendência de desaparecimento não só por conta da escolarização, mas pela influência da mídia, entre outros.

Proque

Piemonte da Diamantina = 0 ocorrência, arcaica, não houve registro.

Rio de Contas/ Chapada = 12 ocorrências. Pode ter ou não origem arcaica, só uma pesquisa diacrônica poderia nos levar a uma certeza com relação a essa origem, já que esse é um tipo de fenômeno fonético bastante comum na fala de pessoas com baixa ou

nenhuma escolaridade. Tanto homens quanto mulheres usaram a variante. A escolaridade se fixa entre o alfabetizado e o analfabeto, 42 anos, 49 anos, 60 anos, 75 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência.

Jeremoabo/ Casinhas = 2 ocorrências, arcaica, o gênero se sobressai no gênero feminino. A escolaridade é analfabeto, 62 anos.

Esprito

Piemonte da Diamantina = 0 ocorrência, arcaica, não houve registro.

Rio de Contas/ Chapada = 0 ocorrência, arcaica, não houve registro.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, arcaica, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 5 ocorrências, arcaica, o gênero se sobressai no masculino. A escolaridade se fixa 4 série do fundamental, 54 anos.

Esse também é um caso dúbio: não dá para afirmar se é um arcaísmo ou se é um processo recente de redução.

Tamén

Piemonte da Diamantina = 26 ocorrências, de origem galega, o verbete foi usado entre os dois gêneros por igual. A escolaridade se fixa no analfabeto, 28 anos, 40 anos, 52 anos, 74 anos, 70 anos, 73 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 47 ocorrências, de origem galega, o verbete se sobressai no gênero feminino. A escolaridade se fixa no entre o alfabetizado, 4 série e analfabeto, 27 anos, 27 anos, 49 anos, 60 anos, 22 anos, 50 anos, 64 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 12 ocorrências, de origem galega, o verbete se fixa no gênero masculino. A escolaridade se fixa na 1 série, 2 série e 3 série. 40 anos, 74 anos, 59 anos.

Jeremoabo/ Casinhas = 38 ocorrências, de origem galega, o verbete é usado mais por homens. A escolaridade se fixa na 1 série, 2 série e 3 série, 20 anos, 23 anos, 36 anos, 38 anos, 40 anos, 41 anos, 65 anos, 54 anos, 25 anos, 64 anos, 65 anos.

Vixe

Piemonte da Diamantina = 2 ocorrências, de origem galega, encontra-se mais na fala do Documentador que não é da região.

Rio de Contas/ Chapada = 26 ocorrências, de origem galega, o 'vixe' é mais encontrado na fala do Documentador, não sendo interessante para o trabalho. 19 anos, 49 anos, 60 anos, 60 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 6 ocorrências, de origem galega, O verbete 'vixe' se sobressai no gênero masculino. A escolaridade se fixa entre o analfabeto e a 4 série, 22 anos, 28 anos, 43 anos, 68 anos, 61 anos.

Jeremoabo/ Casinhas = 8 ocorrências, de origem galega, O verbete 'vixe' se sobressai no gênero masculino. A escolaridade se fixa na 3 seria, 4 seria e analfabeto, 20 anos, 41 anos, 54 anos, 55 anos, 45 anos.

Vige

Piemonte da Diamantina = 5 ocorrências, de origem galega, encontra-se mais na fala do Documentador que não é da região, 19 anos, 49 anos, 60 anos, 60 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 11 ocorrências, de origem galega, O verbete 'vige' se encontra no gênero feminino. A escolaridade se fixa no analfabeto e alfabetizado, 19 anos, 49 anos, 60 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 3 ocorrências, de origem galega, o verbete 'vige' se sobressai no gênero masculino. A escolaridade se fixa na 3 seria, 4 seria e analfabeto, 20 anos, 41 anos, 54 anos, 55 anos, 45 anos.

Dixe

Piemonte da Diamantina = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro,

Rio de Contas/ Chapada = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro,

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro,

Jeremoabo/ Casinhas = 2 ocorrências, de origem galega, apenas no gênero feminino. A escolaridade analfabeto, 62 anos.

Vinhese

Piemonte da Diamantina = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Rio de Contas/ Chapada = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 1 ocorrência, de origem galega, apenas na fala do Documentador.

Oxe

Piemonte da Diamantina = 22 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra no gênero feminino. A escolaridade se fixa no analfabeto com apenas algumas ocorrências na 3ª série do ensino fundamental, 28 anos, 28 anos, 30 anos, 40 anos, 73 anos, 74 anos, 79 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 7 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra mais sobressaliente na fala do Documentador.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 8 ocorrências, de origem galega, o verbete se sobressai no gênero feminino. A escolaridade se fixa na 4ª série, 28 anos, 43 anos, 59 anos.

Jeremoabo/ Casinhas = 13 ocorrências, de origem galega, o verbete se sobressai no gênero masculino. A escolaridade se fixa na 4ª série, 23 anos, 36 anos, 65 anos, 54 anos, 15 anos, 65 anos, 25 anos.

Oxente

Piemonte da Diamantina = 5 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra no gênero feminino. A escolaridade se fixa no analfabeto, 74 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 3 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra tanto no gênero masculino como no feminino. A escolaridade se fixa no analfabeto, 50 anos, 75 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrências, de origem galega, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 8 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra no gênero masculino. A escolaridade se fixa no analfabeto, 41 anos, 62 anos, 54 anos, 21 anos, 65 anos.

Cabra

Piemonte da Diamantina = 3 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra na fala do gênero masculino. A escolaridade no analfabeto, 52 anos, 60 anos, 73 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Jeremoabo/ Casinhas = 7 ocorrências, de origem galega, O verbete se sobressai no gênero masculino. A escolaridade se fixa na 4 série, 54 anos, 14 anos, 45 anos, 45 anos, 64 anos.

Painho

Piemonte da Diamantina = 1 ocorrência, de origem galega, o verbete se encontra na fala do gênero masculino. A escolaridade no analfabeto, 79 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 1 ocorrência, de origem galega, o verbete se encontra no gênero feminino. A escolaridade se fixa analfabeta, 56 anos.

Jeremoabo/ Casinhas = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

Mainha

Piemonte da Diamantina = 7 ocorrências, de origem galega, o verbete se encontra na fala no gênero feminino. A escolaridade no analfabeto, 30 anos.

Rio de Contas/ Chapada = 7 ocorrências, de origem galega, o verbete se sobressai muito no gênero feminino. A escolaridade se fixa no analfabeto, 26 anos, 48 anos, 50 anos, 44 anos.

Feira de Santana/ Paraguaçu = 22 ocorrências, de origem galega, o verbete se sobressai no gênero feminino. A escolaridade se fixa na 4 série, 28 anos, 42 anos.

Jeremoabo/ Casinhas = 0 ocorrência, de origem galega, não houve registro.

A partir da análise das entrevistas, observou-se o uso das palavras: *despois, apois, entonces, menhã, luita, proque, esprito, tamén, vixe, vige, dixé, vinhesse, oxe, oxente, cabra, painho e mainha* que podem ser consideradas arcaísmos. Com o estudo sociolinguístico, verifica-se que as palavras foram encontradas principalmente entre os mais velhos, já que pôde-se observar um uso maior nos informantes de 50 anos, 52 anos, 60 anos, 64 anos, 74 anos, 75 anos. O uso é maior também entre os analfabetos, mesmo que se tenha observado ocorrências entre a terceira e quarta série, o analfabeto se sobressai. Houve um equilíbrio entre o uso entre homens e mulheres. Em algumas palavras, alguns gêneros se sobressaem como, por exemplo, “*oxe*” é nitidamente mais encontrado na fala de mulheres, já o “*oxente*” encontrado na fala de homens, assim como em “*cabra*”.

Outro fato curioso é “*painho*” e “*mainha*”. “*Painho*” é encontrado nos dois gêneros, mas já “*mainha*” muito sinalizado nas falas das mulheres, o que chama a atenção é que “*mainha*” é muito mais utilizado do que “*painho*” no geral, talvez pelo fato da questão amorosa que a palavra “*mãe*” aborda em seu contexto. As palavras “*dixe*” e “*luita*” foram de poucas ocorrências, mas essas palavras são de influência ibérica, principalmente “*dixe*” do galego. Pode-se pensar, em um caso de “erro” no momento da fala do informante, mas não se pode deixar de entender que essas palavras existem e que estão presentes no semiárido, podendo ser ou não um arcaísmo. A localidade que as ocorrências mais aconteceram foi em Rio de Contas – Chapada (mais antiga), bases históricas comprovam caminhos de galegos pela Chapada, como desde o século XVI, no interior por Ilhéus. Observam-se, também, muitas ocorrências em Piemonte da Diamantina.

Essas palavras anteriormente mencionadas, por sinal, estão conhecidas pela academia que rege a língua galega. Pode-se lembrar, também, de “*ocho*”, “*mucho*”, “*bassora*”, palavras sinalizadas na linha fonética e fonológica, mas muito comum no nordeste, e de certo modo, discriminadas. (não utilizamos no *corpus* por questão de insuficiência do verbete). Ao ouvi-las, normalmente pensa-se que o indivíduo “fala errado”, sem talvez entender que influências ali existiram em tal comunidade e localidade. Alguns sobrenomes encontrados pelos interiores da Bahia como: “*Barreiros*”, “*Ávila*”, “*Garrido*”, “*Romero*” “*Pérez*” mostram alguma coisa? Ou apenas são sobrenomes? Estudos nessa linha de pensamento seriam muito interessantes e importantes para o reconhecimento de uma cultura tão presente e ao mesmo tempo tão ausente dos nossos livros, salas, estudos.

No Brasil, chegaram ao longo de séculos muitos galegos, sendo impossível mencionar com exatidão quantos brasileiros possuem um descendente galego, principalmente em Salvador, maior colônia do Brasil, contendo instituto, e até mesmo um

clube de futebol e outras riquezas que comprovam a força da cultura galega. No interior do Brasil muitas expressões sinalizam a grande herança linguística deixada na fala de brasileiros como: o simples “cabra”, vindo de “cabrão”, “cabrón” (na Espanha cabrão tem o significado de safado); na Galiza as palavras “ferruge”, “tresantonte”, “saluço”, “num” (sendo o “não”, na Galiza “nom”); formas verbais como “vinhesse” visto como “viñese” na Galiza, o “dixe” ao invés de “disse”.

No interior do Nordeste é muito comum ouvir “oxente” (mais comum na Bahia “oxe”), como estudado no *corpus* “A língua falada semi-árido baiano”, muito comum “vixe maria”. Acredita-se que por esses lugares ficarem em uma territorialidade mais afastados que se mantiveram os sotaques, palavras, expressões nortenho e galego. Em Salvador, é muito mais utilizado “oxe” do que “oxente”. Outras palavras tem sua origem ibérica como: “polo/pola” (pelo, pela), “prumode” (por amor de), “fruita” (fruta), “cramor” (clamor) que não foram encontradas no corpus da pesquisa, mas que existem e estão mais vivas do que nunca.

Palavras como “peneirinha”, “esfarelou”, “alcatra”, “pica-pau” ouvidas pelo Brasil. As fortes e utilizadas no nordeste “Painho” e “Mainha” sendo de origem galega, assim como afirma a pesquisadora galega Rosário Álvarez (em comunicação pessoal). Por total curiosidade, observa-se o ‘mais’ no galego, comprovado nas falas em transcrição, talvez, uma influência para que tantos brasileiros utilizem esse “mais” ao invés de “mas”, pode ser uma posição, uma tentativa de explicação, para o não somente, facilidade do aparelho fonador ao falar ‘mais’ ignorando o ‘mas’.

Tudo isso começa e tenta comprovar toda a influência de povos ibéricos, principalmente dos galegos, na língua falada na Bahia, principalmente nas variedades rurais, e mais especificamente no léxico. Muito ainda deve ser feito sobre essa parte da história do português do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral da pesquisa realizar um levantamento do léxico sertanejo, verificando se há influências da língua espanhola e do português arcaico, do galego, baseando-se, no *corpus* da Coleção *amostras da língua falada no semi-árido baiano*.

A pesquisa teve como objetivos específicos conhecer/selecionar, no *corpus*, sob análise, o acervo lexical que tenha influência da língua espanhola e/ou do português arcaico/galego, buscando identificar possíveis arcaísmos; estudar os significados das lexias sertanejas selecionadas nos dicionários tradicionais, contemporâneos e mais antigos, comparando os significados dicionarizados aos significados dados na comunidade; colaborar para a elaboração de um dicionário sertanejo escolar a ser usado em escolas das comunidades estudadas e contribuir para o desenvolvimento da investigação sobre os estudos galegos, disponibilizando uma análise acerca do tema.

A partir de todo um estudo dentro do *corpus*, separamos e analisamos suas ocorrências em determinadas comunidades, levando em consideração a idade, o gênero e a escolaridade do informante. De acordo com a análise e a observação, percebe-se que as influências estão mais presentes na fala dos mais velhos e a com baixa ou nenhuma escolaridade, tanto na fala de homens como na fala de mulheres.

Com os dicionários de Bluteau, Moraes Silva, Pinto, Houaiss, Aurélio e Dicionário Etimológico do Português Arcaico podemos observar se houve ou não registros daquela época. Muitos foram dicionarizados, mas outros não. A hipótese seria que naquela época alguns termos não eram de interesse para a construção da obra. Com as orientações do Dicionário Aurélio, podemos concluir que houve mais substantivos do que outras classes gramaticais como: interjeição, advérbio, conjunção, verbo.

Interessante é observar que são muitas as palavras de origem ibéricas, mas selecionamos algumas a partir do *corpus*, ou seja, a partir do que esse material poderia me dar como implementação do trabalho. Sendo que isso, não significa dizer que não há mais palavras existentes no léxico brasileiro, com forte influência e necessitando de estudos e pesquisas. Pode-se concluir que algumas palavras foram bem sinalizadas no semiárido, mais específico na região da Chapada como: *despois*, *apois*, *entonces*, *tamén*. Acreditamos que essas palavras têm origem galega, já que ocorrem no galego e que é notória a entrada de muitos galegos no Brasil, e maioria em determinadas regiões, desde o século XVI (Cf. PRADO, 1945).

A Bahia foi e é uma porta de entrada para espanhóis, principalmente os galegos desde vários séculos. Entretanto, a chegada dos galegos na Bahia, em Salvador mostra

outra realidade. Uma história de autoritarismo, uma história de portas fechadas para esses indivíduos não desejados na época, discriminação, desigualdade. Uma sociedade que chega, mas sem ter rumo e pretensão de mudança. Tudo era muito novo para cada galego que chegava a terras baianas. De acordo com Bacelar (1991, p.177) “[...] a imigração sempre pretendida de mão-de-obra estrangeira deve ser para o campo, jamais para Salvador”.

Os galegos foram se adaptando, buscando o seu lugar, seus trabalhos, construindo suas famílias e enriquecendo uma língua e deixando sua cultura. Hoje, a Galícia é uma região florescente, com sua autonomia de língua, cultura e literatura. No entanto, ela jamais seria uma nova Galícia sem ajuda de seus analfabetos e pobres galegos que levaram um pouco do seu capital conquistado no Brasil. Estudar e contemplar a língua e cultura galega, neste trabalho, foi de extrema importância pessoal. Com a pesquisa podemos resolver algumas inquietações, e talvez abrir portas para futuros grandes trabalhos, e que seja assim, uma contribuição acerca de um tema ainda não tão falado e estudado.

O encontro de palavras na fala de moradores do semiárido baiano, e o entendimento dos caminhos dos galegos na Bahia trouxeram mais e mais inquietações e a tentativa de reconhecer que esse povo esteve e está engrandecendo um povo. Acreditamos que os resultados encontrados trazem elementos importantes para os estudos lexicais, contribuindo com a lexicologia e a lexicografia a partir da tentativa da construção do dicionário sertanejo utilizando nossos verbetes. E sem esquecer a história do português, talvez, o enriquecimento de novos pensamentos e tentativas de novas ideias acerca do tema influências na Bahia.

Esperamos que, ao concluir essa discussão possamos ter contribuído com os estudos galegos na Bahia, e com os estudos sobre o semiárido baiano, uma região rica, mas às vezes um pouco esquecida ao se falar em influências.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, n 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de.; CARNEIRO, Z.N. Coleção **Amstras da Língua Falada no Semi-árido Baiano**. UEFS/FAPESB, 2008.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **Processos fonológicos aquisicionais e processos fonológicos no crioulo da Guiné Bissau: algumas relações**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1997.
- ÁLVAREZ, Rosario. Constituição e Consolidação Da Fronteira Galego- Portuguesa. A Difusão do Léxico. In: **Tesouro do léxico patrimonial galego e português**. Banco de dados electrónico (corpus galego) e cartografia automática, financiado polo Ministerio da Ciencia e Innovación [FFI 2009-12110]
- BACELAR, J. **Galegos no Paraíso Racial**. Salvador: CED, 1991
- BAGNO, Marcos. O Português não procede do latim. **Revista Galega de Cultura**. Grial [s.n], 2011. p.34-39
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Formação e a Consolidação da Norma Lexical e Lexicográfica no Português do Brasil. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Orgs.) **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Pontes, 2002, p. 65-82.
- BLUTEAU, R. **Vocabulario Portuguez e Latino**. Coimbra: Companhia de JESUS, 1712
- BORBA, Francisco. **Introdução aos estudos lingüísticos**. São Paulo: Pontes, 1978
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Língua Portuguesa e Gramática**: referente a língua portuguesa. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978. 266 p
- CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história da língua portuguesa**. Lisboa: caminho, 2006
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo, SP: Parábola, 2010. 198 p
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade. Para uma Nova Divisão dos Estudos Dialetais Brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: quarteto, 2006.
- CINTRA, Luís F. Lindley. Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses. In: **Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos**, 1971. p.81 -116.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5 ed. Curitiba: positiva, 2004.

GALISSON, R. Une dictionnaire à géométrie variable au service de la lexicologie Cahiers de Lexicologie, 70. Paris: Didier Érudition, 1997. p. 55-57

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Claudia Fonseca. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUILLÉN DÍAZ, C. **Une exploration du concept lexicologie au sein de la Didactique des Langues Cultures**, 2003, vol 15, p. 105 -119. Disponível em <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/edu/11300531/articulos/DIDA0303110105A.PDF>> Acesso em 21 de set. de 2014

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

ISQUERDO, Aparecida Negri. Projetos ALMS e ALiMAT: rede de pontos e história social de Mato Grosso. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal**. Campo Grande: UFMS, 2008, p. 111 -130.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os Atlas Regionais Brasileiros Publicados e em Curso: percursos metodológicos. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: quarteto, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** / William Labov. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Dicionário Etimológico do Português Arcaico**: Projeto DEPARC/Américo Venâncio Lopes Machado Filho. – Salvador: EDUFBA, 2013.

MAIA, Clarinda Azevedo. Periodização da História da Língua Portuguesa: status quaestionis e perspectivas de investigação futura. In: **Estudos de História da Língua Portuguesa**. Frankfurt: Biblioteca Luso-Brasileira, 1999. p. 21-39

MARTINS, Ana Maria. A Emergência do Português escrito na segunda metade do século XII. In: **(Dis)curso da Escrita: Estudos de filologia galega oferecidos em memória de Fernando R. Tato Plaza**, ed. Rosario Álvarez & Antón Santamarina. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004. 491-526.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

MORAES SILVA, Antonio de. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

PAIM, Marcela Moura Torres. Identidade social e variação em Salvador. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; PARCERO; Lúcia Maria de Jesus. (Orgs.). **Salvador, sob o olhar da Sociolinguística**. Feira de Santana: UEFS, 2013.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Portuguesa Brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

PEDRAYO, Otero. Colóquio sobre Otero Pedrayo. Faculdade de Filologia. Universidade de Santiago de Compostela. Outubro de 1996.

PRADO, João Fernando de Almeida. A Bahia e as capitanias do Centro do Brasil (1530-1626). In: **História da formação da sociedade brasileira**. São Paulo: Nacional, 1945.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilúcia. Atlas Linguísticos: contribuição para o ensino básico. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

ROCHA, Júlio César Barreto. O Brasil fala a língua galega. Corunha – Galiza, jul./1997. Disponível em <<http://www.udc.gal/dep/lx/cac/sopirrait/sr044.htm>>. Acesso em: 10 de abr. 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin I. Tradução de Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, [1968] 2006

VALLE GONZALEZ, Maria Soledad del. La emigración en la provincia de Pontevedra; un caso concreto: el municipio de Caldas de Reis (Sayar). In: **Revista da Comisión Galega do Quinto Centenario**, 1990, n 7.

VÁZQUEZ, Raúl Soutelo. Memoria oral e identidade étnica da inmigración española a latinoamérica no século XX: os galegos em Brasil, 1880-1970. In: **Estudios Migratorios**, n 6, Dec./ 1998. ISSN. 1136-0291 pp. 99-124

VILELA, Mário. **O léxico do português: perspectivação geral**. Filologia e Linguística Portuguesa, n.1, 1997. p. 31-50

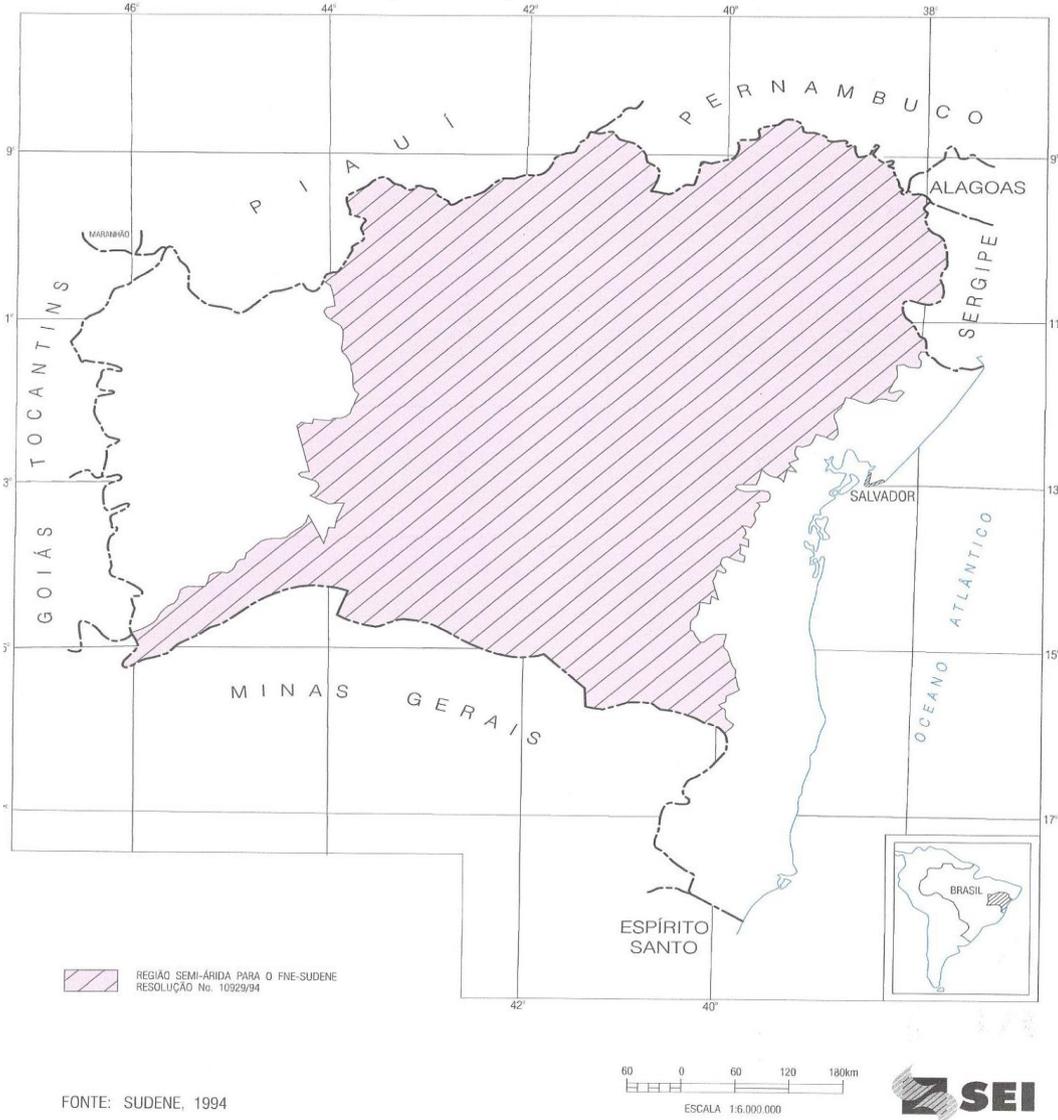
TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Sá de Costa. Lisboa: 1993.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: 1982.

ANEXOS

ANEXO A – Mapa Região Semiárida

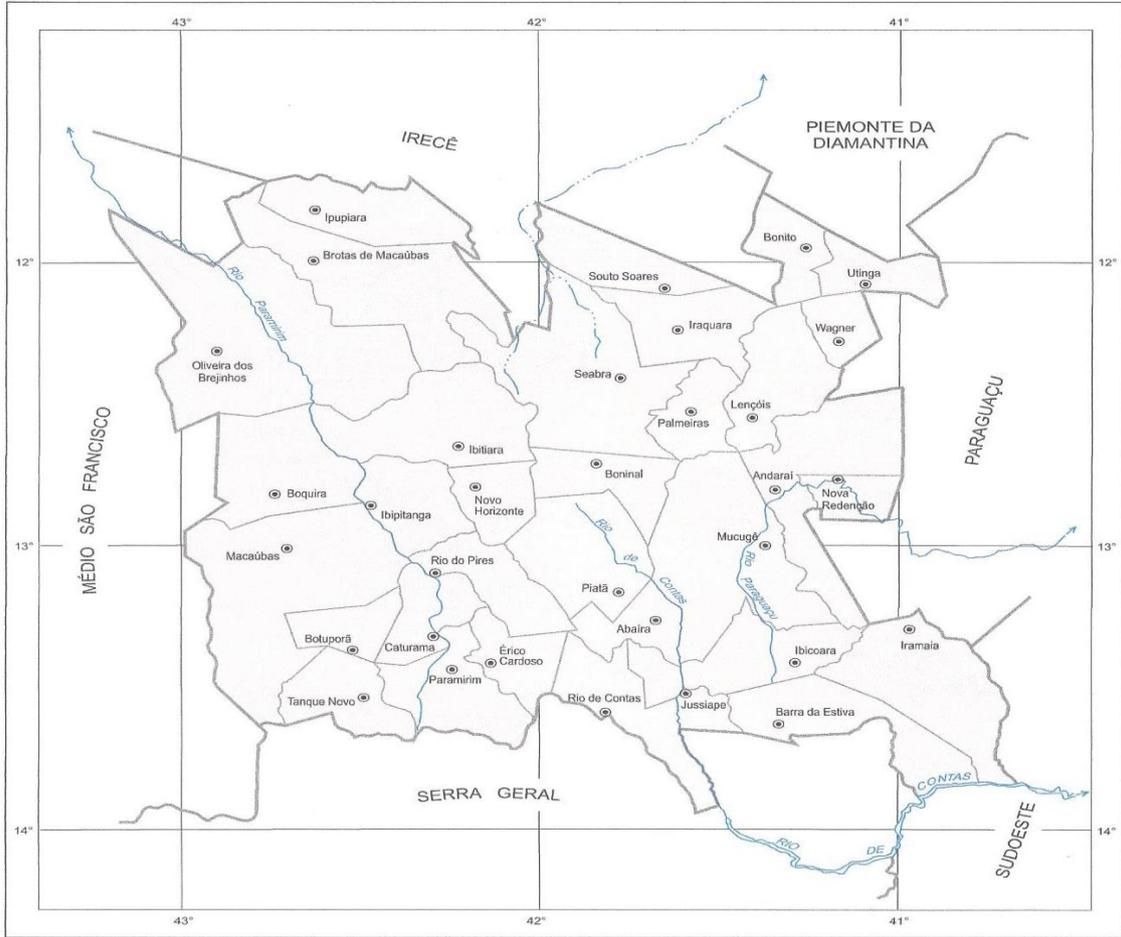
Figura1: Região Semiárida (FNE)



Fonte: Sudene

ANEXO B – Mapa Chapada Diamantina

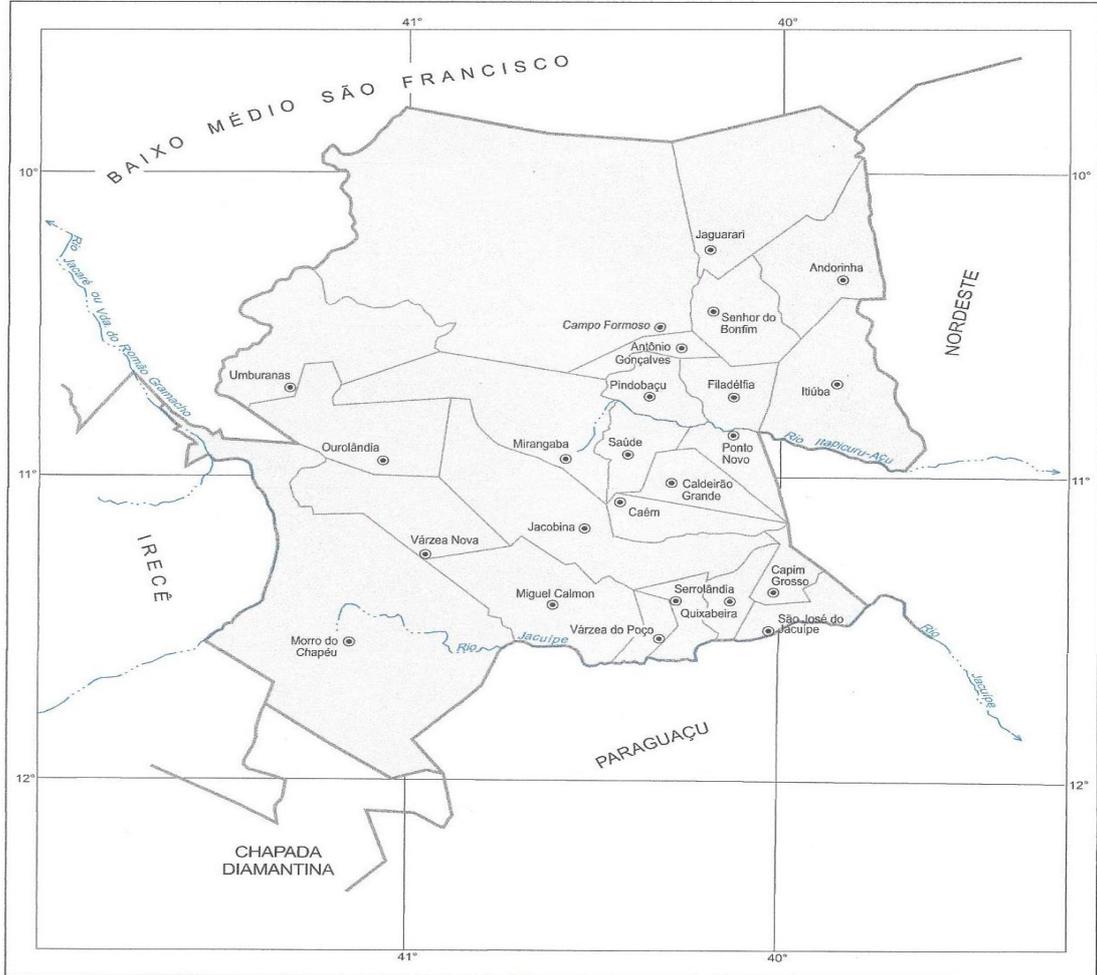
Figura 2: Região Econômica Chapada Diamantina



Fonte: Sudene

ANEXO C – Mapa Piemonte da Diamantina

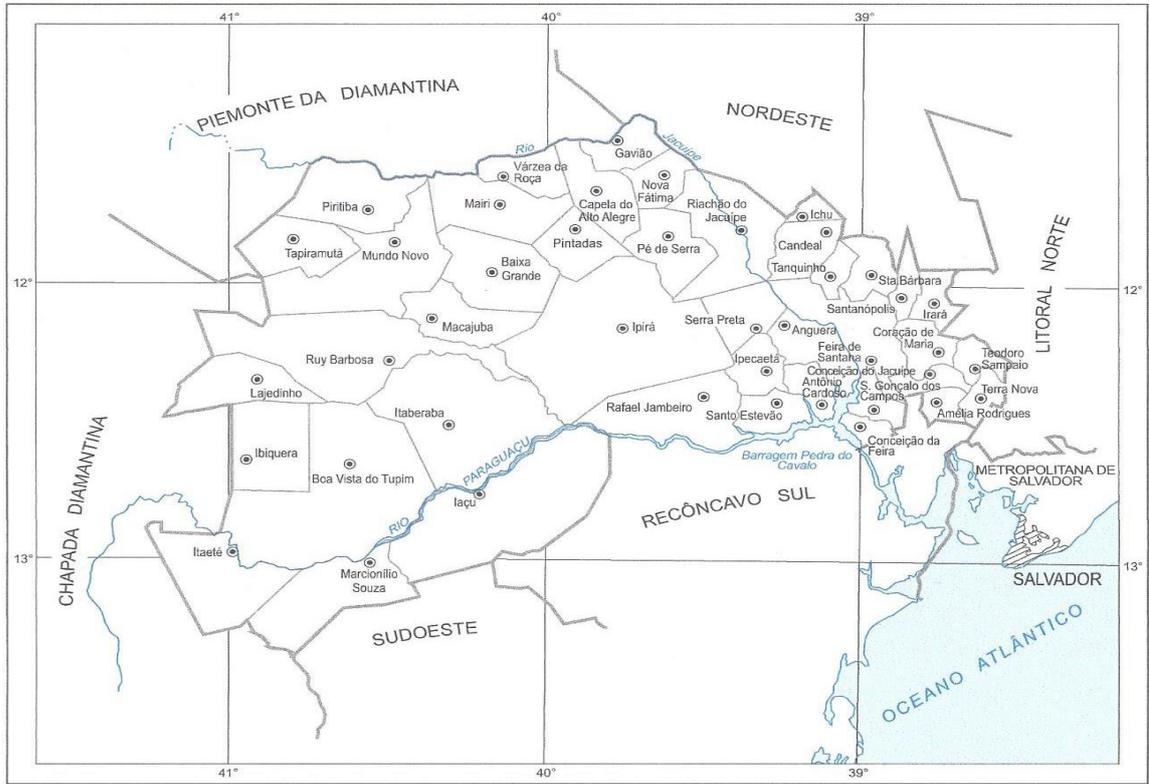
Figura 3: Região Econômica Piemonte da Diamantina



Fonte: Sudene

ANEXO D – Mapa Paraguaçu

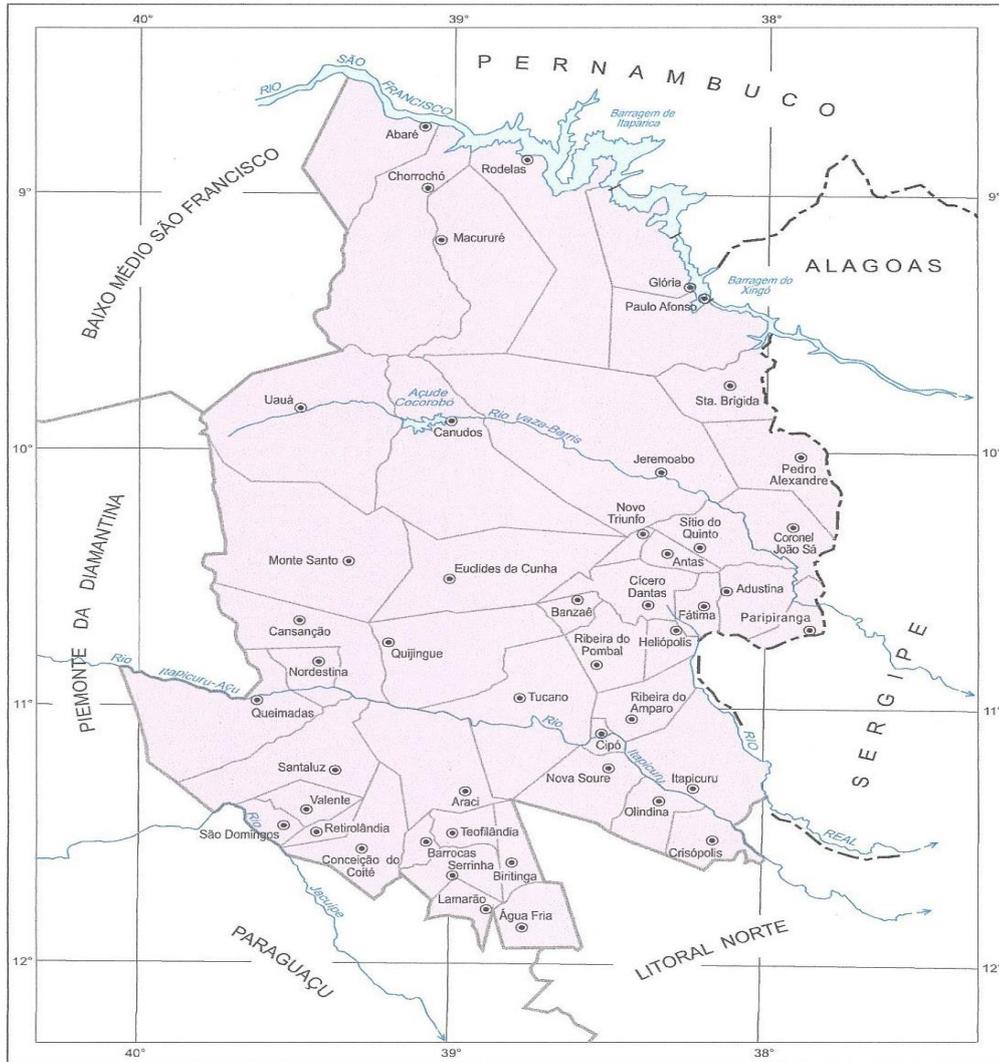
Figura 4: Mapa Econômico de Paraguaçu



Fonte: Sudene

ANEXO E – Mapa Jeremoabo - Nordeste

Figura 5: Região Econômica Jeremoabo-Nordeste



Fonte: Sudene

